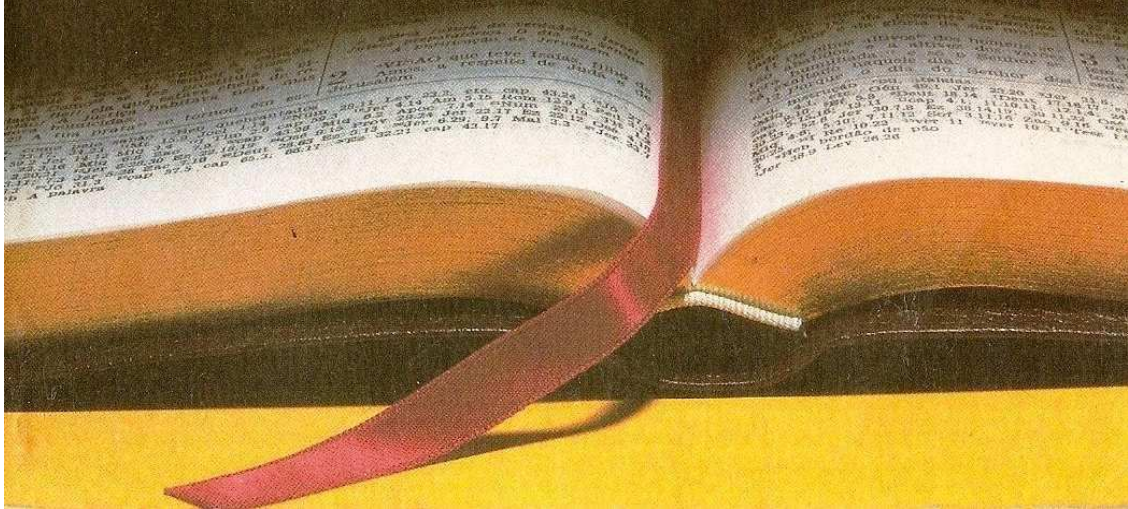


 **Vida**
EDITORA

Como estudar a Bíblia

James Braga



Digitalizado Por: [Pregador Jovem](#)

ISBN 0-8297-1707-2

Categoria: Estudos bíblicos

Traduzido do original em inglês:

How To Study the Bible

Copyright © 1982 by Multnomah Press

Copyright © 1989 by Editora Vida

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por
Editora Vida, Deerfield Florida 33442-83134 – E.U.A.

Capa: Hector Lozano

ÍNDICE

Introdução	7
1. Tratamento Sintético: Descobrir as Divisões	9
2. Tratamento Sintético: Descobrir as Ênfases Principais	23
3. Tratamento Geográfico	31
4. Tratamento Cultural	41
5. Tratamento Histórico	49
6. Tratamento Biográfico	59
7. Tratamento Sintético de um Livro Maior	73
8. Tratamento Doutrinário	85
9. Tratamento Tópico	95
10. Tratamento Prático	105
11. Tratamento Tipológico	113
Exercícios	129

Introdução

Um dos maiores privilégios que Deus concedeu a seus filhos é a oportunidade de estudar a sua Palavra. A maioria dos cristãos concordará que esta afirmação é, de veras, verdadeira. Mas, muitos não se entregam com afinco ao verdadeiro estudo da Bíblia; contentam-se em receber alimento de criancinhas, alimento espiritual de segunda mão. Pouco conhecem da experiência do profeta que escreveu: “Achadas as tuas palavras, logo as comi; as tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração, pois pelo teu nome sou chamado, ó Senhor, Deus dos Exércitos” (Jeremias 15:16).

Talvez uma das razões de tantas pessoas não tirarem proveito do estudo bíblico seja simplesmente por não saberem como proceder. Busquei apresentar diretrizes e técnicas simples neste livro. Cada capítulo apresenta o estudo de um livro típico da Bíblia de modo fácil e compreensivo. Seja um livro maior ou menor, seja uma narrativa ou uma carta, os métodos apresentados levarão o leitor a descobrir verdades vitais e vivificantes.

Há, entretanto, um requisito preliminar para tudo o que já disse. Qualquer livro da Bíblia tem de ser lido numerosas vezes, com oração e sob a orientação do Espírito Santo, para que o entendimento das Escrituras seja um sucesso. Essas duas coisas são absolutamente necessárias. Observe a chamada de Josué 1:8: “Não cesses de falar deste livro da lei; antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo a tudo quanto nele está escrito; então farás prosperar o teu caminho e serás bem sucedido.” Jesus Cristo disse: “O Espírito da verdade. . . vos guiará a toda a verdade” (João 16:13). E em oração confiante podemos esperar, como o salmista, grande proveito do estudo: “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei” (Salmo 119:18).

Antes de começar o estudo, apresento duas sugestões. Primeira, cada capítulo termina com um exercício que deve ser feito pelo leitor. A finalidade destes exercícios é habilitá-lo a aprender fa-

zendo aquilo que lhe foi ensinado. Terminado o exercício, o leitor poderá conferir as respostas que se encontram na parte final do livro.

A segunda sugestão diz respeito às traduções bíblicas e aos livros de referência. A Bíblia Sagrada — Edição Revista e Atualizada no Brasil — é uma boa tradução; além desta, o estudioso deve ter também pelo menos um exemplar de uma tradução moderna. Evite, porém, o uso de paráfrase da Bíblia no estudo bíblico, pois ela transmite o pensamento, ao passo que um estudo cuidadoso da Bíblia focaliza cada palavra do texto. Entre os livros de referência, seria interessante incluir um bom dicionário bíblico ou uma enciclopédia bíblica. Caneta, papel, e um caderno de folhas soltas completam a lista do que é preciso para o estudo dos livros da Bíblia.

É este um livro simples, mas útil ao leitor interessado em entender as profundas verdades dos livros bíblicos. É conciso, mas na sua apresentação de item por item jamais afirmo que os detalhes não sejam importantes e necessários para o perfeito entendimento dos métodos de estudo bíblico. Na realidade, o que afirmo é que todos podem aprender a estudar um livro da Bíblia.

1

Tratamento Sintético: Descobrir as Divisões

Através dos séculos, muitos dos maiores pensadores e eruditos do mundo têm lutado com as verdades da Bíblia. Entretanto, durante esse mesmo tempo, pessoas com muito pouco estudo ou treinamento têm extraído enorme benefício do estudo das suas páginas.

Eruditos religiosos têm procurado, por todos os meios possíveis, desvendar os tesouros da Bíblia e arquitetar meios de descobrir os seus segredos. Não importa quais tenham sido os métodos usados no estudo dos sessenta e seis livros que compõem a biblioteca divina, o fato é que jamais alguém conseguiu sondá-los em profundidade ou exaurir o seu conteúdo. Portanto hoje, como sempre, este livro sobrenatural desafia a todo o crente fervoroso a pesquisar o seu conteúdo e a descobrir uma vez mais as suas eternas verdades.

Pela graça de Deus, é possível conseguir bom conhecimento da sua Palavra, e para tal existem certos procedimentos bem definidos.

Este livro procura apresentar diversos procedimentos usados no estudo de um livro da Bíblia, os quais serão de grande utilidade ao leitor. Vejamos como obter uma visão geral de um livro usando o tratamento sintético.

Definição do Método Sintético

A palavra “síntese” significa “reunir” partes ou elementos a fim de formar um todo. Será este o nosso objetivo ao fazermos um estudo sintético de um livro da Bíblia, isto é, apresentarmos o conjunto gráfico do livro como resultado da identificação de suas partes principais e do relacionamento das partes entre si e em relação ao todo. Ao estudarmos o livro de maneira sintética, aprenderemos a seguir a linha mestra do pensamento do princípio ao fim, e, desse modo, a compreender o livro.

Para o estudo sintético escolhi o livro de Jonas, cujos quatro capítulos devem ser lidos diversas vezes. Para a boa compreensão do livro, do seu conteúdo e da sua mensagem, é mister que as várias leituras dos quatro capítulos sejam feitas com muita oração.

Qualidades de um Quadro Sintético Eficaz

O primeiro passo é construir um quadro sintético que projete uma visão geral, pois é este o objetivo do tratamento sintético do estudo da Bíblia. Os seguintes itens tornarão o quadro mais eficaz:

1. Clareza

O quadro deve ser compreensível num relance.

2. Concisão

Não deve conter sentenças ou idéias longas. Cada pensamento deve ser expresso com o menor número possível de palavras. A maioria dos itens pode ser representada por meio de uma frase simples ou mesmo com uma única palavra.

3. Pertinência

Todo o material do quadro deve ser oriundo do livro estudado. Por exemplo, estudando “Êxodo”, não coloque no quadro algo do Evangelho de João; ou, estudando a “Epístola aos Efésios”, não faça referência ao Apocalipse.

4. Compreensão

O quadro deve ser tão claro que a pessoa possa entendê-lo facilmente no caso de examiná-lo um ou dois anos mais tarde.

5. Simplicidade

Não deve ser complicado ou atravancado de idéias. A tendência é encher o quadro com muitas palavras em vez de torná-lo simples, claro e pertinente. A prolixidade é erro muito comum.

6. Resumo

O objetivo deve ser sintetizar o conteúdo do livro, embora haja, é claro, numerosos detalhes até mesmo nos menores livros da Bíblia. Devemos evitar minúcias, e colocar apenas itens importantes.

7. Nitidez

Um quadro “limpo” será mais fácil seguir do que um com borrões, rasuras e correções.

Etapas Básicas da Construção de um Quadro Sintético de um Livro da Bíblia

Estamos agora prontos para iniciar a construção de um quadro sintético do livro de Jonas. Abra a Bíblia nesse livro e leia o texto indicado. Somente depois de ler o texto você verá a necessidade de cada etapa.

Etapa 1 — Quadro com Linhas Diagonais

Preparar um número adequado de linhas diagonais a fim de anotar o resumo de cada parágrafo ou capítulo do livro.

Coloque uma folha de papel tamanho ofício horizontalmente na mesa. Trace uma linha horizontal no meio da página. Partindo da linha horizontal, num ângulo de mais ou menos 75 graus, trace uma série de linhas diagonais paralelas com espaço aproximado de 2,5 cm. Na parte superior do papel escreva o nome do livro a ser estudado.

O espaço entre as linhas diagonais será suficiente para o resumo de um parágrafo ou de um capítulo do livro. Quanto maior for o número de capítulos ou parágrafos, tanto maior será o número de espaços diagonais. De acordo com o nosso esquema, o livro de Jonas contém onze parágrafos. Tracemos, portanto, doze linhas diagonais. (Veja a Figura 1.)

Etapa 2 — Resumir os Parágrafos

Deve-se resumir numa frase curta o conteúdo de cada parágrafo ou capítulo do livro, usando o espaço entre as linhas diagonais. No canto inferior esquerdo de cada espaço diagonal, colocar a referência (capítulo e versículo) do começo de cada parágrafo ou versículo.

Considere cuidadosamente Jonas 1:1-3. Os versículos devem ser resumidos numa frase de oito palavras ou menos. Escreva o resumo no primeiro espaço diagonal. No canto inferior esquerdo escreva 1:1. Isto indica que o primeiro parágrafo do quadro começa no capítulo 1, versículo 1.

O leitor tem agora o seu próprio resumo do primeiro parágrafo, que poderia ser: Desobediência à missão de Jonas. A redação pode ser diferente, mas deve indicar a idéia principal do parágrafo.

Vejamos mais alguns detalhes da Etapa 2.

Acréscimo à Etapa 2 — Pensamentos Paralelos para o Resumo dos Parágrafos

Os resumos dos diferentes parágrafos ou capítulos devem possuir estrutura paralela, isto é, devem combinar-se ou equilibrar-

Livro de Jonas:

A vertical rectangular box divided into 12 horizontal sections, intended for notes on the Book of Jonah.

Figura 1

-se entre si. Por exemplo, se o resumo do primeiro parágrafo for de três ou quatro palavras, o do segundo não deve conter nove ou dez. Se o resumo do primeiro parágrafo começou com um substantivo, os outros devem também começar com um substantivo ou com uma palavra substantivada. Se necessário, pode-se usar adjetivo ou artigo a fim de qualificar o substantivo.

Além disso, o tempo verbal deve ser sempre o mesmo em todos os resumos. Se o primeiro resumo estiver no presente, todos os outros também deverão ser expressos no presente.

Passemos agora ao segundo parágrafo, Jonas 1:4-9. Devem-se ler estes versículos com todo o cuidado e escrever o resumo do respectivo parágrafo no segundo espaço diagonal. No canto inferior esquerdo escreva 1:4. Isto indica que o segundo parágrafo começa no versículo 4 do capítulo 1. Isso também quer dizer que o primeiro parágrafo termina no versículo anterior, isto é, no 3. Por causa do pequeno espaço entre as linhas diagonais, preferimos escrever 1:1, em vez de 1:1-3.

Complete o resumo dos parágrafos seguintes: 1:10-14; 1:15-16; 1:17—2:9; 2:10; 3:1-4; 3:5-9; 3:10—4:4; 4:5-8, e 4:9-11.

Os capítulos da Bíblia nem sempre demarcam a mudança do pensamento do autor. Portanto, nem sempre devem ser tomados como base na elaboração de um quadro. Haja vista o quinto parágrafo do livro de Jonas. Este parágrafo não começa no primeiro versículo do capítulo 2, mas no versículo 17 do capítulo primeiro. O pensamento expresso em 4:1-4 começa em 3:10. Repare na Figura 2 o resumo de cada parágrafo de Jonas. Observe também como há equilíbrio entre os resumos, isto é, são todos breves, começando sempre com substantivos.

É possível que alguém pergunte como estudar um livro com não apenas cinco ou seis capítulos, mas vinte e cinco, trinta ou quarenta parágrafos, ou um número ainda maior de parágrafos ou capítulos. Como fazer o quadro resumindo cada capítulo ou parágrafo? Vejamos a seguir:

Acréscimo à Etapa 2 — Muitos Parágrafos, Muitos Capítulos

Se se tratar de livro pequeno com parágrafos em demasia, agrupe parágrafos sucessivos, cujos conceitos estejam relacionados entre si ou cujo conteúdo seja tão semelhante que permita tratá-lo como uma só unidade. Podem-se resumir num parágrafo dois ou mais parágrafos consecutivos. Se o livro tiver capítulos em demasia, faça a mesma coisa reunindo sucessivos capítulos interligados.

No livro de Jonas, cada parágrafo geralmente contém um único tema. Mas isso nem sempre acontece. Vejamos o segundo parágrafo: A tempestade e a descoberta da causa dessa tempestade. Se fosse necessário, poderíamos aumentar o quadro com dois espaços diagonais separados, a fim de expressar esses dois itens. Evitamos, porém, tal procedimento a fim de seguir as nossas divisões de parágrafos. (Figura 2.)

Etapa 3 — Selecionando as Divisões Principais

Observe os parágrafos ou capítulos consecutivos que possuam tema comum ou estejam interligados, e reúna-os a fim de formar as divisões principais do livro. Dê título apropriado a cada divisão e indique os respectivos capítulos e versículos. Essas divisões demonstram o esboço ou a estrutura básica do livro.

Coloque essas divisões principais logo abaixo dos espaços diagonais do quadro. Os títulos das divisões devem possuir estrutura paralela, isto é, combinar-se e equilibrar-se entre si.

Ao refletirmos sobre os quatro capítulos de Jonas, percebemos que o primeiro relata a sua primeira missão em Nínive e as conseqüências da sua desobediência. De 1:17 até 2:9 lemos acerca da experiência do profeta no interior do peixe e a sua notável oração. Em 3:1, notamos que “veio a palavra de Deus segunda vez a Jonas”. Segue-se o relato da obediência de Jonas e os resultados assombrosos do seu ministério em Nínive. Há, então, um claro intervalo na narrativa.

É evidente que todos os parágrafos anteriores a 3:1 referem-se à primeira missão dada a Jonas, e de 3:1 até ao final do livro todos os parágrafos referem-se à sua segunda missão. Portanto, agrupe os primeiros seis parágrafos (1:1 a 2:10) sob o título “Primeira Missão de Jonas”, e os restantes (3:1 até o final do livro), sob o título “Segunda Missão de Jonas”. Coloque esses títulos com os respectivos números dos capítulos sob as respectivas linhas diagonais. (Figura 3.)

Temos agora uma visão mais clara do livro inteiro e podemos analisá-lo com facilidade através do seu conteúdo, pois a sua estrutura é evidente.

Com referência à Etapa 3, é necessário acrescentar as seguintes instruções:

Acréscimo à Etapa 3 — Títulos

O título de cada divisão principal deve ser tão genérico que

Livro de Jonas: O Ministério de Jonas em Nínive.

1:1	Desobediência a	missão
1:4	Tempestade e	descoberta do motivo
1:10	Tentativa dos marinheiros	para salvar a Jonas
1:15	Lançamento de Jonas	ao mar
1:17	Oração de Jonas	no ventre do peixe
2:10	Libertação de	Jonas
3:1	Obediência de Jonas	a missão
3:3	Arrependimento	de Nínive
3:10	Oração de Jonas	fora de Nínive
4:5	Trato de Deus	com Jonas
4:6	Apelo de Deus	a Jonas

Figura 2

abranja todos os parágrafos, mas também tão específico que focalize o conteúdo dessa parte.

Aplique ao livro de Jonas a instrução do “título específico”. Como o título “Missão” seria muito genérico às duas divisões principais do livro, escolhamos os títulos “Primeira Missão de Jonas” e “Segunda Missão de Jonas”. Mesmo ao leitor ocasional das Escrituras é evidente que nem todos os livros da Bíblia têm a mesma estrutura, e que o esboço de alguns livros não são tão facilmente identificáveis como o de Jonas. De fato, muitas e muitas vezes é necessário um exame bastante acurado a fim de descobrir quais partes do livro podem reunir-se num todo.

Que outros indícios poderão haver num livro quando o esboço não está muito evidente? Às vezes podemos reconhecer a estrutura através da repetição de certa palavra, frase ou idéia importante. Um exemplo clássico desse caso está em 1 Coríntios, onde o apóstolo Paulo usa a expressão “com referência”, ou os seus sinônimos, em 7:1; 7:25; 8:1; 8:4; 12:1; 16:1, e 16:12. Do mesmo modo, o ministério de Jesus é apresentado em cinco diferentes partes do Evangelho Segundo Mateus pela repetição de “quando Jesus acabou de proferir estas palavras” (ou palavras equivalentes) em 7:28; 11:1; 13:53; 19:1 e 26:1. Há outro exemplo na Primeira Epístola de Pedro, de 2:13 a 3:7, onde as palavras “sujeitai-vos”, “sede submissos” e “igualmente” são usadas a fim de indicar a separação dos assuntos.

Outras vezes a mudança de assunto, ou de pessoa, pode indicar a mudança da estrutura de um texto. Por exemplo, depois de o apóstolo Paulo tratar da doutrina em Efésios 1 a 3, ele passa no capítulo 4 a falar do aspecto prático da vida cristã. Até quase ao fim do capítulo 5 ele usa várias vezes a palavra “andar” referindo-se à conduta cristã de um indivíduo. Em seguida, de 5:22 a 6:9, nota-se a mudança de parágrafo mediante as palavras “mulheres”, “maridos”, “filhos”, “pais”, “servos” e “senhores”.

Notemos também que o número de divisões principais de um livro não depende da sua extensão, mas do seu conteúdo. Às vezes um livro curto pode conter cinco ou seis divisões principais, ao passo que um muito extenso pode ter apenas duas ou três. Essa diferença depende da maneira pela qual o livro foi organizado ou do método pelo qual o autor desenvolveu o assunto. Mas, mesmo quando não houver indícios, como os já mencionados, o resumo de parágrafos ou capítulos num quadro sintético ajuda muito a descobrir as divisões principais do livro. Esses resumos

Livro de Jonas: O Ministério de Jonas em Nínive.

1:1	Desobediência à missão	Primeira Missão de Jonas Capítulos 1—2	
1:4	Tempestade e descoberta do motivo		
1:10	Tentativa dos marinheiros para salvar a Jonas		
1:15	Lançamento de Jonas ao mar		
1:17	Oração de Jonas no ventre do peixe		
2:10	Libertação de Jonas		
3:1	Obediência de Jonas à missão		Segunda Missão de Jonas Capítulos 3—4
3:5	Arrependimento de Nínive		
3:10	Oração de Jonas fora de Nínive		
4:5	Trato de Deus com Jonas		
4:6	Apelo de Deus a Jonas		

Figura 3

geralmente mostram como certos parágrafos ou capítulos consecutivos possuem conteúdo semelhante ou estão tão interligados que podem ser colocados sob um só item, formando a divisão principal. Uma das melhores maneiras de identificar a estrutura de um livro maior é também resumi-lo parágrafo por parágrafo, embora esse processo possa tornar-se impraticável, exigindo um quadro com sessenta, setenta ou mais parágrafos!

Etapa 4 — Procurar Subdivisões

Torne bem claro o conteúdo de cada divisão principal. Essa clareza obtém-se mediante subdivisões com títulos apropriados, ou por meio da descrição do conteúdo de cada divisão, usando outra perspectiva. Coloque esses títulos esclarecedores sob as divisões principais do quadro, diretamente alinhados com os parágrafos correspondentes (indicados pelas linhas diagonais).

O objetivo das subdivisões é permitir que o estudante perceba o conteúdo de cada divisão principal com maior clareza. É preciso lembrar que todas as partes do quadro devem ser concisas, claras e exatas. Portanto, sob a primeira divisão principal do quadro de Jonas, encontram-se as seguintes subdivisões: Desobediência, Castigo, Oração. Sob a segunda divisão principal: Obediência, Bênção, Oração. (Figura 4.)

Se tivéssemos tratado da elucidação das duas divisões principais de Jonas usando outra perspectiva que não a da subdivisão, poderíamos ter escrito sob a primeira divisão principal: Desobediência de Jonas e sua extraordinária conseqüência; e sob a segunda divisão principal: Obediência de Jonas e sua extraordinária conseqüência.

Estado Emocional de Jonas

Uma das vantagens do quadro sintético é que, no processo de resumir cada parágrafo, somos levados a ler o texto com muita atenção. E, ao lermos atentamente, fazemos maior número de reflexões de outra forma impossível. Observemos alguns fatos importantes deste livro.

Quando o Senhor comissionou a Jonas para ir a Nínive, o profeta, na realidade, foi constituído embaixador de Deus a uma nação estrangeira, com uma mensagem de Deus para esse povo. Jonas foi o primeiro missionário estrangeiro do Antigo Testamento, o primeiro homem chamado por Deus a fim de levar a mensagem divina a um país estranho. Entretanto, Jonas desobedeceu.

Ao invés de obedecer às instruções de Deus, ele embarcou em direção a Társsis, fugindo (assim pensava ele) da presença de Deus. Grande tempestade desabou e os marinheiros se assustaram ao ponto de clamaram aos seus deuses. Entretanto, o único homem que naquele navio conhecia o Deus vivo e verdadeiro, o único indivíduo que realmente sabia orar, dormia profundamente, insensível à necessidade dos que o rodeavam. O capitão do navio acordou a Jonas e suplicou-lhe que orasse ao seu Deus. Mesmo diante dessa súplica de um pagão naquela hora de desespero, não vemos que Jonas tenha atendido. Podemos tirar desse fato alguma lição prática?

Segundo relata a Bíblia, Jonas disse aos marinheiros que se eles o atirassem ao mar, este se acalmaria. Como sabemos, Jonas era profeta do Senhor. Embora, para todos os efeitos ele desejasse abandonar o seu cargo como profeta ao tomar o navio em direção a Társsis, o Senhor conservou-o como seu servo. Talvez sem compreender muito bem naquela hora, Jonas profetizou que o mar se acalmaria se o jogassem na água. Os homens, porém, tentaram por todos os meios salvar a vida de Jonas. Somente depois de falharem todas as tentativas de chegar à terra, é que o arremes-saram ao mar. Quão deplorável é que às vezes pessoas não-crentes demonstrem mais bondade e consideração do que nós, o povo de Deus!

Passando do capítulo 1 para o 3, vemos que o ministério de Jonas em Nínive foi cumprido e sabemos do efeito produzido no rei e no povo. Uma cidade inteira voltou-se para Deus! Se, conforme vemos em 4:11, havia cento e vinte mil pessoas que não sabiam discernir entre a mão direita e a esquerda (presumivelmente crianças), então, a população de crianças, jovens e adultos deve ter sido de, no mínimo, 600 mil pessoas. Não é de admirar que o livro de Jonas fale mais de uma vez de Nínive como grande cidade. Que acontecimento sem precedentes, esse de uma cidade inteira deixar as suas veredas pecaminosas e acertar o seu relacionamento com Deus! O que pensaríamos se uma grande cidade moderna se voltasse inteiramente para Deus em apenas alguns dias?

Era de esperar que Jonas regozijasse de todo o coração pelo fato de, por seu ministério, Deus haver realizado o maravilhoso trabalho de arrependimento de Nínive. Por isso nos surpreendemos com a oração de Jonas: “Ah! Senhor! Não foi isso o que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso me adiantei, fugindo para

Livro de Jonas: O Ministério de Jonas em Nínive.

1:1	Desobediência à missão	Primeira Missão de Jonas Capítulos 1—2	Castigo	Oração	Obediência	Favor Divino	Oração					
1:4	Tempestade e descoberta do motivo											
1:10	Tentativa dos marinheiros para salvar a Jonas											
1:15	Lançamento de Jonas ao mar											
1:17	Oração de Jonas no ventre do peixe											
2:10	Libertação de Jonas											
3:1	Obediência de Jonas à missão							Segunda Missão de Jonas Capítulos 3—4				
3:5	Arrependimento de Nínive											
3:10	Oração de Jonas fora de Nínive											
4:5	Trato de Deus com Jonas											
4:9	Apelo de Deus a Jonas											

Figura 4

Társis, pois sabia que és Deus clemente, e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade, e que te arrependes do mal. Peço-te, pois, ó Senhor, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver.” Ao invés de se regozijar com a ação maravilhosa do Espírito de Deus, com a compaixão de Deus em não destruir a cidade, Jonas desgostou-se profundamente. É claro que o seu coração não se conformava com Deus, mas note-se quão ternamente o Senhor lidou com seu servo rebelde.

Deus ressalta a Jonas que este se interessava mais pelo seu próprio conforto e interesse do que pela enorme cidade, desesperadamente necessitada de ser salva da destruição certa e terrível, a qual aconteceria se os seus habitantes não se voltassem para Deus.

Que excelente e penetrante mensagem para nós!

Exercício 1

A fim de aplicar as técnicas apresentadas neste capítulo, procure construir um quadro sintético sobre a Primeira Epístola aos Tessalonicenses. Seguindo as etapas das páginas anteriores, você não terá dificuldade. Não leia nenhum livro ou comentário sobre a epístola. Crie o seu próprio instrumento de estudo! Você se surpreenderá com o quanto irá aprender. Aqui estão algumas sugestões para a divisão em parágrafos: 1:1; 1:2-10; 2:1-12; 2:13-16; 2:17-20; 3:1-10; 3:11-13; 4:1-8; 4:9-12; 4:13-18; 5:1-11; 5:12-22; 5:23-24; 5:25; 5:26-27, e 5:28.

Ao terminar o estudo, veja no final do livro, sob o título “EXERCÍCIO 1”, o comentário e o quadro de 1 Tessalonicenses.

2

Tratamento Sintético: Descobrir as Ênfases Principais

No capítulo anterior aprendemos o procedimento básico para construir um quadro sintético de um livro da Bíblia. Com esse processo descobre-se que essa abordagem de estudo bíblico pode ser de grande auxílio para o entendimento e a apreciação da estrutura global de certo livro, e para o aprendizado de como diferentes partes do livro se completam, formando um todo.

Mas a tarefa ainda não está terminada. Como veremos neste capítulo, o quadro sintético pode ser realçado pelo acréscimo de características ou itens proeminentes mais enfáticos do livro em estudo.

A descoberta dessas características proporcionará melhor perspectiva do livro e poderá dar idéia da razão ou das razões que motivaram a sua elaboração; ou poderá, ainda, apresentar uma mensagem do livro para nós hoje.

Descobrir as Ênfases Principais do Livro

Há pelo menos duas maneiras de determinar as ênfases ou características de um livro. Vamos estudá-las observando o seu uso nos livros de Êxodo, Lucas e Hebreus.

Palavras ou Idéias Repetidas

Primeiro, é necessário ver que palavra, frase, idéia ou conceito importante se repete no livro, e como essa palavra ou conceito-chave desenvolve a estrutura ou o tema desse livro.

Por exemplo, a palavra “superior”, ou seu sinônimo, é repetida em todo o livro de Hebreus. Essa repetição ocorre porque um dos objetivos principais do autor é provar a superioridade de Cristo sobre os anjos, sobre os profetas, sobre Moisés, sobre Josué e sobre os sacerdotes arônicos e levíticos. Portanto, o livro contém diversas características proeminentes. Dá o contraste entre a Antiga e a Nova Aliança, mostrando que a Nova é superior à Antiga. Contrasta os sacrifícios do Antigo Testamento com o de Cristo a

fim de mostrar a superioridade do sacrifício de Cristo. Contrasta o descanso de Canaã com o descanso muito superior do crente em Cristo. Revela o contraste entre o sacerdócio arônico e o de Melquisedeque a fim de percebermos ser este último típico do Senhor Jesus Cristo e, portanto, muito melhor que o primeiro.

Outro livro com características interessantes é o Evangelho de Lucas. Este Evangelho usa o título “Filho do Homem” com mais freqüência que os outros três. À medida que lemos, percebemos que, sem prejuízo da divindade de Cristo, o autor chama a atenção do leitor repetidas vezes para a humanidade do Filho de Deus.

Lucas apresenta mais detalhes sobre o nascimento de Jesus do que qualquer outro Evangelho. Entretanto, o autor tem o cuidado de afirmar que o nascimento de Cristo foi miraculoso, demonstrando ser ele divino. Mais tarde, Lucas fala da infância de Cristo, revelando sua singularidade ao relatar que os doutores da lei faziam-lhe perguntas. Há também numerosas referências ao fato de Cristo alimentar-se, demonstrando a realidade da sua natureza humana (7:36, 11:37, 14:1, 24:30 e 24:42-43).

Lucas também descreve as freqüentes orações de Cristo. Ele ora por ocasião do seu batismo (3:21), depois de efetuar milagres (5:16), antes de escolher os doze apóstolos (6:12), pouco antes da transfiguração (9:28-29), pelos seus assassinos (23:34), e também com o seu último fôlego na cruz (23:46). Como homem, Jesus dependeu do seu Pai e conta-se mais da sua vida de oração neste Evangelho do que em qualquer dos outros três. Mais para o fim do Evangelho, Lucas inclui a afirmação de dois indivíduos que declararam a natureza humana de Cristo: o ladrão arrependido na cruz — “Este [homem] nenhum mal fez”; e o centurião — “Verdadeiramente este homem era justo” (23:41, 47).

Portanto, um dos claros objetivos do escritor do terceiro Evangelho era revelar Cristo em sua natureza humana. Lucas também se refere constantemente a assuntos de interesse humano. Por exemplo, destaca os pobres e os desamparados, e mostra como o Senhor Jesus os recebe e os ama. Também dá às mulheres mais destaque do que os outros Evangelhos, e até menciona o nome de várias delas. De vez em quando este Evangelho fala de interesses e preocupações comuns ao gênero humano, bem como do relacionamento de Cristo com homens, mulheres e crianças nos afazeres diários.

Uma terceira característica do Evangelho de Lucas é a inclusão de cânticos sagrados: a anunciação (1:28-33), o “Magnificat” ou

cântico da Virgem Maria (1:46-55), o “Benedictus” ou cântico de Zacarias (1:68-79), o “Gloria in Excelsis” ou cântico dos anjos (2:14), e o “Nunc Dimittis” ou cântico de Simeão (2:29-32). O Evangelho relaciona a todos eles com o nascimento de Cristo.

Esses exemplos de Hebreus e de Lucas mostram como a repetição de palavras, frases, idéias ou conceitos importantes indica características proeminentes que, por sua vez, dão a razão pela qual o livro foi escrito.

Espaço Destinado a Assuntos Específicos

Uma segunda maneira de determinar as ênfases ou características importantes de um livro é observar o espaço dedicado a certo assunto.

Vemos que grande parte do livro de Lucas descreve a paixão e a ressurreição de Cristo. Embora este Evangelho contenha quarenta e duas páginas (Edição Revista e Atualizada), ele usa cinco para descrever estes acontecimentos. O motivo de tal proporção é claro, pois a vida perfeita do Filho do Homem não proporcionaria a nossa salvação sem o seu sofrimento, sua morte e ressurreição. Pelo mesmo motivo, os outros três Evangelhos dedicam grande parte da sua narrativa à descrição dos últimos dias de Cristo na terra.

Outro notável exemplo de como o Espírito Santo emprega espaço maior a fim de enfatizar um conceito encontra-se no livro de Êxodo. Neste livro de quarenta capítulos, os primeiros dezoito descrevem as condições do povo de Deus no Egito e sua libertação do cativeiro. Os seis capítulos seguintes (19-24) tratam da lei. Os dezesseis restantes (25-40) ocupam-se principalmente do tabernáculo, com detalhes minuciosos sobre a sua construção, e também com o sacerdócio. Uma das razões para tal quantidade de material sobre o tabernáculo é certamente impressionar-nos com a importância que Deus dá à adoração. Ele não se satisfaz em apenas salvá-los do cativeiro e dar-lhes leis pelas quais deviam viver em conformidade com a santidade divina. Ele desejou relacionar-se com o seu povo, um relacionamento somente estabelecido e mantido na base do sacrifício de sangue.

Ao resumirmos o conteúdo dos parágrafos ou capítulos num quadro sintético, podemos calcular num relance o espaço destinado a certo assunto ou conceito, e descobrir os objetivos do autor ao escrever.

A afirmativa seguinte nos ajudará a expandir o quadro sintético

mediante a inclusão das principais ênfases do livro.

Etapa 5 — Enquadrar as Ênfases Principais

Considere cuidadosamente o conteúdo do livro e anote no quadro as ênfases ou características principais.

Classifique ou agrupe essas características, descrevendo-as com palavras ou frases sucintas. Mantenha cada grupo de idéias em estrutura paralela. Combine ou compare os grupos entre si quanto a número, ordem e seleção das palavras.

As Ênfases Principais do Livro de Jonas

Retornando ao livro de Jonas, procuremos descobrir os itens de especial importância em seus quatro curtos capítulos.

Um dos conceitos interessantes do livro de Jonas é a oração. No capítulo um lemos que os marinheiros oraram ao lhes sobrevir a tempestade; instaram com Jonas a que orasse e oraram antes de lançá-lo ao mar. O capítulo 2 é quase todo a oração de Jonas no interior do peixe. O capítulo 3 contém o decreto do rei incitando o povo a “clamar fortemente a Deus”. E o capítulo 4 principia com Jonas suplicando sua morte a Deus, porque este não havia destruído a Nínive, cidade à qual o profeta pregara, porém sem compaixão. Embora relativamente pequeno, o livro dá enorme espaço à oração. Cada capítulo contém referência específica a esse assunto.

O leitor atento notará outro conceito notável no livro: milagres. A tempestade do primeiro capítulo tanto começou como cedeu milagrosamente. O peixe designado pelo Senhor para engolir a Jonas foi um milagre: era do tamanho certo, estava no lugar certo e abriu a boca na hora certa, isto é, ao ser o profeta desobediente lançado ao mar. A preservação de Jonas no interior do peixe e a sua devolução à terra são outros exemplos de milagre.

Não se esqueça da planta que Deus providenciou fora de Nínive, nem tampouco do verme que a destruiu. Também foram milagres.

O resultado extraordinário do ministério de Jonas — uma cidade inteira, no mínimo 600 mil pessoas, todas com o firme propósito de se voltarem para Deus — também se encaixa na categoria de milagre.

Um terceiro conceito importante do livro de Jonas é o arrependimento. A necessidade de arrependimento está claramente implícita na admoestação de Jonas a Nínive em 1:1-2. Jonas interpretou corretamente a admoestação de Deus a Nínive como uma oportunidade para a cidade se arrepender (4:2). Finalmente,

o relato do arrependimento de Nínive (capítulo 3), bem como a explicação final que o Senhor dá do por quê de a cidade ter sido poupada (4:10-11) salienta a importância do arrependimento neste livro.

Mas há outras características, além destas três primeiras.

A palavra “Senhor” ocorre não menos que vinte e seis vezes neste livro de apenas quarenta e oito versículos. É óbvio, pois, que o Espírito Santo deseja que percebamos neste nome outra característica de especial importância. Ao seguirmos o nome do Senhor por todo o livro, observamos que ele é revelado de três maneiras específicas: o Senhor é visto no controle de todos os acontecimentos, isto é, em soberania, em misericórdia, e em justiça. (Seria bom se, a esta altura, o leitor examinasse estes temas.)

Outra observação singular sobre o livro de Jonas. Ao contrário da maioria dos livros da Bíblia, este contém importantes itens de contraste. Por serem tão óbvios, é evidente que o Espírito de Deus colocou-os aí especificamente para a nossa observação e instrução.

O primeiro contraste está entre a desobediência e a obediência de Jonas. Os capítulos 1 e 2 apresentam sua desobediência com todas as trágicas conseqüências, ao passo que os capítulos 3 e 4 relatam sua obediência com resultados notáveis.

É surpreendente como Jonas jamais se arrependeu. É verdade que depois da sua experiência no mar ele foi a Nínive, mas está claro, conforme relata o capítulo 4, que o coração de Jonas não havia sido quebrantado. Quando se voltou para Deus, não foi em arrependimento pela sua desobediência.

Notamos, finalmente, o contraste entre a primeira oração de Jonas no capítulo 2 e a sua segunda oração na primeira parte do capítulo 4. Que diferença entre as duas orações!

Estas são, portanto, as características do livro de Jonas: oração, milagres e arrependimento; o Senhor visto em soberania, misericórdia e justiça, e os contrastes entre a desobediência e a obediência de Jonas, entre o não-arrependimento do profeta e o arrependimento dos gentios, e entre a primeira e a segunda orações de Jonas.

Depois de identificar estas características, é necessário colocá-las no quadro sintético abaixo das subdivisões. (Figura 5.) Note que todas estas importantes particularidades são expressas em apenas uma palavra ou frase curta, e vêm em grupos separados. Agora podemos ver com clareza essas feições principais como distintivas do livro.

Livro de Jonas: O Ministério de Jonas em Nínive.

1:1 Desobediência à missão		1:4 Tempestade e descoberta do motivo		1:10 Tentativa dos marinheiros para salvar a Jonas		1:15 Langamento de Jonas ao mar		1:17 Oração de Jonas no ventre do peixe		2:10 Libertação de Jonas		3:1 Obediência de Jonas à missão		3:5 Arrependimento de Nínive		3:10 Oração de Jonas fora de Nínive		4:5 Trato de Deus com Jonas		4:6 Apelo de Deus a Jonas	
Primeira Missão de Jonas Capítulos 1—2						Segunda Missão de Jonas Capítulos 3—4															
Desobediência		Castigo		Oração		Obediência		Favor Divino		Oração											
Oração						Milagres						Arrependimento									
O SENHOR (26 vezes)																					
Sua Soberania						Sua Misericórdia						Sua Justiça									
Desobediência de Jonas						Contrastes						Obediência de Jonas									
Não-arrependimento de Jonas												Arrependimento dos Gentios									
Primeira Oração de Jonas												Segunda Oração de Jonas									

Figura 5

Mas a incorporação de todos estes conceitos num quadro sintético deixa-nos com fatos áridos e frios. É necessário perguntarmos a nós mesmos qual o alcance dessas ênfases para nós hoje. É neste ponto que dependemos da orientação do Espírito Santo.

Uma das razões por que o livro de Jonas existe é inculcar em nós que Deus pode fazer muito mais do que lhe pedimos, que ele espera que acreditemos nele, que confiemos no seu poder de fazer grandes coisas por nós. Mas, de acordo com outro conceito importante do livro de Jonas e tendo em vista afirmação de outras partes da Escritura Sagrada, este Deus de milagres faz coisas poderosas em resposta à oração.

Vejamos agora a etapa final do quadro sintético.

Etapa 6

Resuma em uma única frase o conteúdo do livro inteiro. Essa frase torna-se o título do livro.

No caso de Jonas, o título é: “O Ministério de Jonas em Nínive”. (Figura 6.)

Ao observarmos o quadro sintético completo, podemos ver o livro como um todo, bem como o relacionamento entre as suas partes. Como evitamos detalhes em demasia, podemos observar com clareza as características do livro. É este o objetivo do tratamento sintético.

Exercício 2

Com base apenas no exame do seu próprio quadro e do meu sobre 1 Tessalonicenses, e meditando em espírito de oração sobre o texto da epístola, examine as ênfases principais do livro. Classifique esses conceitos, agrupando os que estão interligados. Expresse as suas idéias de modo conciso, sem sacrificar a clareza. Resuma o conteúdo de 1 Tessalonicenses numa frase curta e coloque-a acima do quadro como título.

À página 137, juntamente com um quadro completo, encontra-se a segunda análise de 1 Tessalonicenses.

Livro de Jonas: O Ministério de Jonas em Nínive.

Desobediência à missão 1:1		Tempestade e descoberta do motivo 1:4		Tentativa dos marinheiros para salvar a Jonas 1:10		Lançamento de Jonas ao mar 1:15		Oração de Jonas no ventre do peixe 1:17		Libertação de Jonas 2:10		Obediência de Jonas à missão 3:1		Arrependimento de Nínive 3:5		Oração de Jonas fora de Nínive 3:10		Trato de Deus com Jonas 4:5		Apelo de Deus a Jonas 4:6	
Primeira Missão de Jonas Capítulos 1—2						Segunda Missão de Jonas Capítulos 3—4															
Desobediência		Castigo		Oração		Obediência		Favor Divino		Oração											
Oração						Milagres						Arrependimento									
O SENHOR (26 vezes)																					
Sua Soberania						Sua Misericórdia						Sua Justiça									
Desobediência de Jonas						Contrastes						Obediência de Jonas									
Não-arrependimento de Jonas												Arrependimento dos Gentios									
Primeira Oração de Jonas												Segunda Oração de Jonas									

Figura 6

3

Tratamento Geográfico

Definição de Geografia Bíblica

Pessoa alguma, desejosa de conhecer a Bíblia, pode aspirar a um conhecimento razoável do seu conteúdo sem se familiarizar com a geografia das terras bíblicas. Neste estudo incluem-se nomes, locais, configurações e altitudes, montanhas, rios, mares e lagos, clima e recursos naturais, e distribuição dos habitantes nessas áreas, incluindo a localização das cidades.

Fértil Crescente

A massa terrestre do mundo do Antigo Testamento abrange área mais ou menos equivalente à terça parte do Brasil. Mais da metade dessa área era deserto inabitável. A maioria das pessoas do mundo antigo vivia ou na região do rio Nilo, ou na região conhecida como o "Fértil Crescente". Esta região consiste de terra cultivável estendendo-se a oeste do rio Jordão e do mar Morto, ao norte através da Síria, a leste em direção aos rios Eufrates e Tigre, e a sudeste através do vasto vale da Mesopotâmia, formado por aqueles rios quando se lançam no golfo Pérsico.

O Fértil Crescente está cercado no oeste e norte por planaltos que chegam a 900 metros de altura, tendo a noroeste altas montanhas intransponíveis. Na parte oeste, mais para o sul, está o mar Mediterrâneo. Entre os braços desse crescente temos o deserto, alongando-se em direção ao golfo Pérsico no sudeste até ao Sinai, e no sudoeste até ao mar Vermelho.

Por causa da topografia dessa área, o Fértil Crescente tornou-se a rota mais importante para as viagens entre os territórios do leste e do norte e o continente da África. Além do mais, quem vinha do oeste de navio atravessava a região costeira da Palestina para alcançar terras mais longínquas a leste. Desse modo, essa

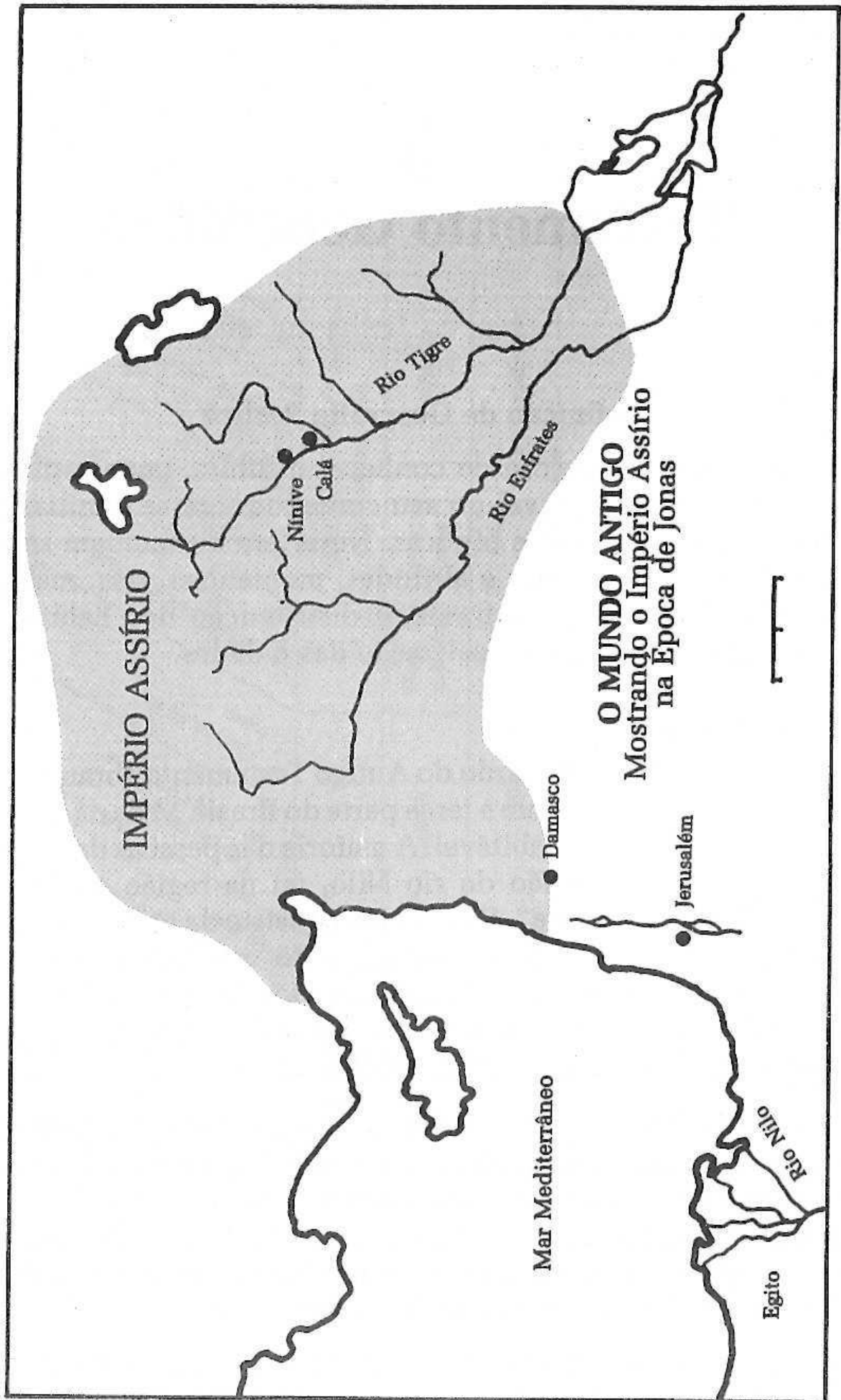


Figura 7

região tornou-se a passagem para todo o tráfego vindo do oeste e do sudoeste em direção ao leste e ao nordeste. Durante muitos séculos a terra da Palestina foi um dos pontos focais do comércio, bem como do conflito militar entre o Egito e as nações da Mesopotâmia e mais tarde da Medo-Pérsia.

Palestina

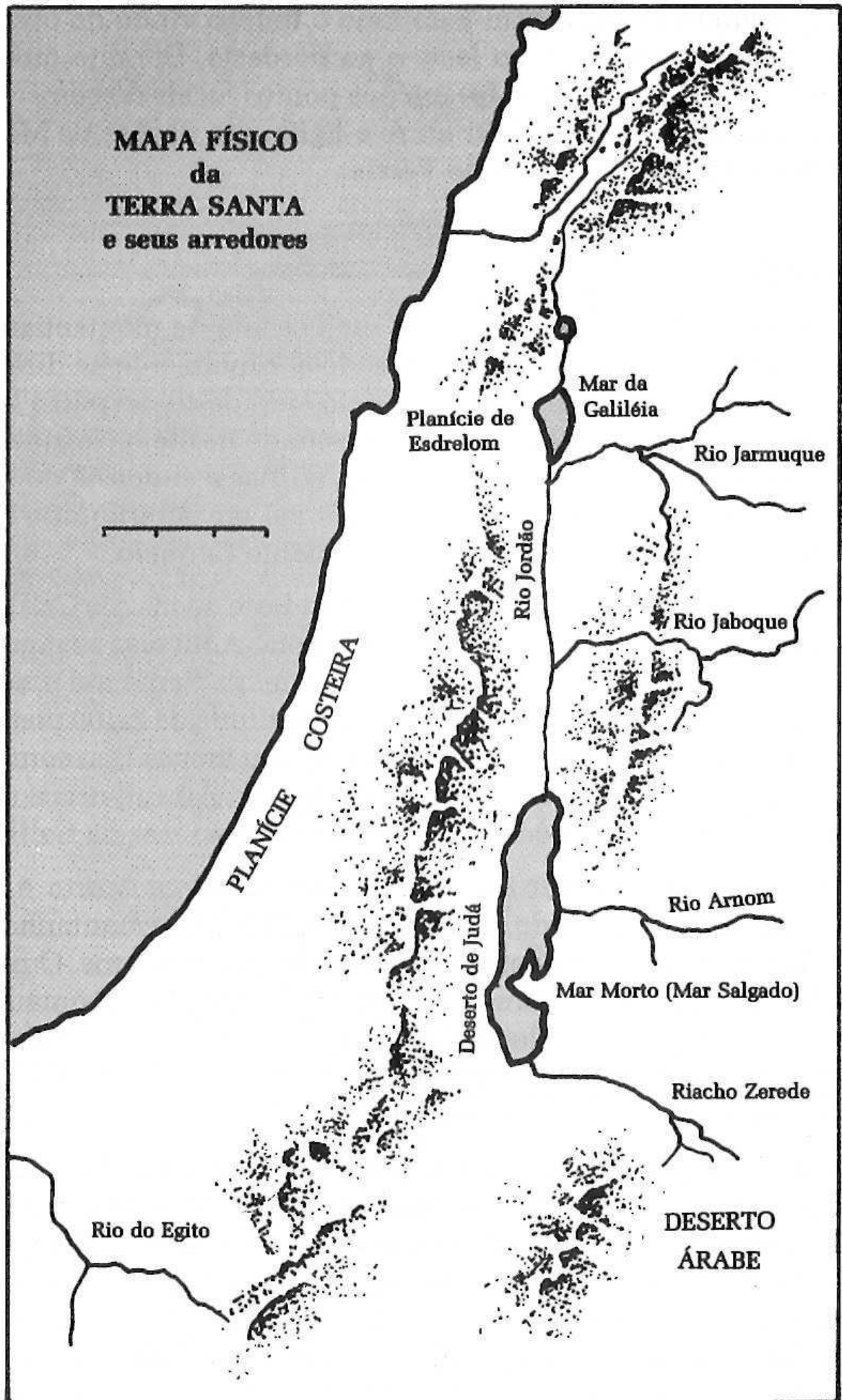
A Palestina limita-se a leste por uma cadeia de montanhas de mais de 900 metros de altura, descendo abruptamente na direção das margens orientais do rio Jordão. Do lado oeste, no outro lado do Jordão, uma cadeia de colinas se estende desde o Negueve, a sudoeste do mar Morto, até a algumas milhas a sudoeste do mar da Galiléia. Um acidentado contraforte vai em direção noroeste até ao mar Mediterrâneo, formando o monte Carmelo.

Ao norte, as colinas da Baixa Galiléia, a leste do mar da Galiléia, estendem-se para o norte até à Alta Galiléia. Aqui elas se erguem abruptamente a mais de 900 metros, seguem adiante até o norte formando a cordilheira do Líbano, numa altitude de 2.400 metros. A leste está a cordilheira Anti-Líbano com o monte Hermom coberto de neve a uma altitude de 2.770 metros. Ao sul, desce uma serra em direção às cabeceiras do rio Jordão e ao mar da Galiléia.

A região leste do mar da Galiléia, Jordão e mar Morto é um vasto planalto, quase todo árido, com algumas áreas montanhosas em Gileade e Moabe elevando-se a mais de 1.500 metros. O platô estende-se mais além para o sul até Edom, onde as montanhas chegam a 1.710 metros de altitude e podem receber as sobras das nuvens carregadas que passam sobre a parte mais baixa do país, vindo do Neguebe diretamente para o oeste.

A planície costeira estende-se por toda a Palestina do norte ao sul, tornando-se mais longa à medida que se dirige para o sul. É interceptada pelo monte Carmelo que se projeta no Mediterrâneo. O contraforte das regiões montanhosas do oeste que se dirigem para o norte e formam o monte Carmelo, inclui a planície de Esdrelom, limitada ao norte pelas montanhas da Baixa Galiléia e ao oeste pelo monte Gilboa. Esta planície, chamada às vezes de vale de Jezreel, é o elo vital entre a costa e o vale do Jordão, e dali até Damasco e até à parte leste do Fértil Crescente.

O Jordão, o rio principal, origina-se na neve que se derrete no



monte Hermom e desce para o sul em direção ao mar da Galiléia cerca de 200 metros abaixo do nível do mar. De lá ele continua sempre na direção do sul até desembocar no mar Morto, a 385 metros abaixo do nível do Mediterrâneo. Todo o vale do Jordão é, portanto, vasta depressão que chega a ser a mais baixa da terra. A fenda continua em direção sul, além do mar Morto, eleva-se depois a 195 metros acima do nível do mar antes de descer novamente até ao mar Vermelho.

Com exceção das cordilheiras do Líbano e do Anti-Líbano no extremo norte, a maioria das montanhas dentro e ao redor da Palestina não são altas, embora com muita freqüência sejam extremamente difíceis de transpor. De fato, em muitas regiões o terreno é tão acidentado ou íngreme que é quase impossível escalá-lo. Portanto, as viagens na Terra Santa nos tempos bíblicos eram freqüentemente tarefa árdua e às vezes perigosa.

O Clima da Palestina

Já se disse, e com toda a razão, que na Palestina o mar e o deserto praticamente se tocam, de modo que essas duas forças opostas afetam o clima de toda a região. Sob estas circunstâncias, a disponibilidade de água potável é de suma importância.

A topografia da região não permite que o frio ar marítimo alcance o vale, produzindo neste um clima muito seco e quente. Por outro lado, o efeito do mar sobre a parte oeste da região resulta num clima mais úmido e ameno. A precipitação atmosférica anual, portanto, apresenta intensa variação de conformidade com a topografia, com menos de 12,7 cm no Neguebe e mais de 101,6 cm nas montanhas do Líbano.

Mas, embora as planícies costeiras tenham temperatura amena e uniforme durante a maior parte do ano, ventos quentes do siroco chegam do deserto durante dois períodos de transição: entre o inverno e o verão e, novamente, entre o verão e o inverno. Estes ventos trazem condições desérticas a toda a Palestina, inclusive à costa do Mediterrâneo, as quais duram de alguns dias a algumas semanas.

A peculiaridade do siroco é não só causar elevação excessiva na temperatura, mas também produzir drástica queda da umidade. A atmosfera seca produz tal desconforto que as pessoas tornam-se impacientes e irritáveis sem motivo aparente.

Jeremias escreveu sobre um “vento abrasador dos altos desnudos do ermo assopra diretamente à filha do meu povo” (Jere-

mias 4:11), e Isaías relata “com forte sopro o expulsaste no dia do vento oriental” (Isaías 27:8). Sem dúvida, foi um siroco que trouxe tanto infortúnio a Jonas: “Em nascendo o sol, Deus mandou um vento calmoso oriental (abrasador, em algumas traduções); o sol bateu na cabeça de Jonas, de maneira que desfalecia, pelo que pediu para si a morte, dizendo: Melhor me é morrer do que viver” (4:8).

Às vezes o siroco desce das montanhas para a costa com tal força que causa estragos em frotas de navios, não só no ancoradouro do porto mas também em alto mar. É interessante ler no Salmo 48:7: “Com vento oriental destruístes as naus de Tárzis”. Estando Jonas no navio que ia para Tárzis, “o Senhor lançou sobre o mar um forte vento, e fez-se no mar uma grande tempestade, e o navio estava a ponto de se despedaçar” (1:4).

A Ajuda Que a Geografia Presta ao Estudo do Livro de Jonas

Temo-nos alongado na descrição das características geográficas das terras do mundo antigo e da Palestina a fim de que o leitor possa reconhecer a importância desta informação para o entendimento de mesmo uma pequena porção das Escrituras.

Consideremos dois ou três itens do livro de Jonas para ver de modo ainda mais claro como as informações geográficas são necessárias para a sua perfeita compreensão.

Quando o Senhor mandou Jonas a Nínive (1:1-2), ele a descreveu como “grande cidade”, querendo dizer, é claro, uma cidade com grande população. Ao usar esta expressão, o Senhor procurou impressionar o seu servo com a seriedade da sua obrigação de executar tal ordem. Seu trabalho era levar a mensagem de Deus a um vasto número de homens, mulheres e crianças.

Mas, onde ficava Nínive e onde estava Jonas quando este recebeu a missão de ir àquela cidade? Mediante referências bíblicas, descobrimos que Jonas era cidadão de Gate-Hefer (2 Reis 14:25). É presumível que o profeta estivesse na vizinhança daquela cidade quando recebeu a ordem de ir a Nínive. Descobrimos, num mapa bíblico, que Gate-Hefer situava-se no Norte de Israel, quase cinco quilômetros a nordeste de Nazaré e ao norte da planície de Esdrelom.

Ao verificarmos a localização de Nínive, podemos calcular pela escala que esta cidade estava a mais de 900 quilômetros a nordeste de Israel. Além disso, conforme já vimos, o enorme deserto a leste

de Israel obrigava um viajante vindo desse país a viajar muitos quilômetros a mais rumo ao norte antes de voltar-se para o leste em direção a Nínive.

Desse modo compreendemos melhor a missão de Jonas, sabendo que, para executar a ordem de Deus, o profeta teria de fazer considerável viagem pelos padrões da época. Mas a decisão de Jonas de não obedecer ao seu Deus não se deve às dificuldades ou aos perigos que tal viagem pudesse acarretar. Ele não obedeceu por razão muito diferente (4:2). Não é nosso objetivo discutir agora a razão real da desobediência de Jonas, mas, através da geografia, chegar a uma nova apreciação da dimensão da tarefa dada pelo Senhor ao seu servo.

De volta a Jonas 1:3, lemos que em vez de ir a Nínive “Jonas se dispôs . . . a fugir da presença do Senhor para Társis; e, tendo descido a Jope, achou um navio que ia para Társis; pagou, pois, a sua passagem, e embarcou nele, a fim de ir com eles para Társis, para longe da presença do Senhor.”

Jope situa-se no litoral, cerca de 96 quilômetros a sudoeste de Gate-Hefer, e Társis estava ainda muito mais longe. Uma inscrição, feita muitos séculos antes de Cristo, encontrada na Sardenha, na parte central do Mediterrâneo, refere-se a uma cidade chamada Társis que ali existiu. Se era este o lugar para o qual Jonas se dirigia, ele pretendia chegar a um lugar a mais de 3.250 km a oeste de Jope. Alguns geógrafos, entretanto, colocam Társis na costa sudeste da Espanha, perto de Gibraltar. Se de fato era este o destino de Jonas, então ele viajaria mais de 3.500 km a oeste de Jope, até lá. Naquela época isso representava deveras enorme jornada, tudo para fugir da presença do Senhor. Claro que ele jamais conseguiria, e descobriu, para a sua própria aflição, que Deus o seguia para onde ele fosse e o alcançava.

Instruções Sobre a Geografia da Bíblia

Alguns estudantes jamais têm tempo de examinar as informações geográficas da Bíblia. Como resultado, possuem apenas vaga idéia das regiões ou lugares importantes mencionados nas Escrituras, e são incapazes de entender a real importância de algumas passagens.

Seguem aqui algumas sugestões para o estudo da geografia bíblica.

1. *Anote as referências geográficas mais importantes do livro da Bíblia que está estudando.*

Descubra primeiro que dados o texto bíblico provê antes de examinar os livros de pesquisa. Pode parecer mais fácil ou mais rápido ir imediatamente ao dicionário bíblico ou a alguma outra fonte de informação em busca dos dados desejados, mas não existe substituto para o exame do registro das inspiradas Escrituras.

Feito esse exame, podemos então procurar mais informação geográfica. Por exemplo, a fim de descobrirmos onde estaria Jonas quando o Senhor lhe ordenou que fosse a Nínive, usamos a referência da própria Bíblia ou uma concordância bíblica. Essas ajudas nos levarão a 2 Reis 14:25, onde lemos que Jonas veio de Gate-Hefer. Algumas bíblias têm uma concordância abreviada na parte final, mas uma concordância não-abreviada será mais útil. Um dicionário bíblico, ou um manual bíblico, poderá também ser de grande utilidade.

2. *Localize num mapa os lugares importantes do texto.*

Alguns capítulos contêm numerosos nomes de cidades, rios, montanhas e outros pontos geográficos. A fim de adquirirmos perspectiva correta de uma passagem bíblica, é necessário saber-mos onde se localizam os lugares importantes. Por exemplo, no livro de Josué, do capítulo 13 ao 22, acha-se a descrição das heranças das doze tribos de Israel. Estes capítulos apresentam o nome de centenas de cidades e dos seus arredores. Seria tarefa sem fim localizar cada cidade, cada lugarejo, mas é importante conhecer a localização do território de cada tribo. Sem mapa de referência é difícil reter na mente o território de cada tribo e acompanhar o livro de Josué.

Do mesmo modo, no estudo dos Evangelhos será útil conhecer regiões importantes como Judéia, Galiléia, Samaria e Peréia, bem como o rio Jordão, o mar da Galiléia e algumas das cidades e dos lugares principais, como Jerusalém, Cafarnaum, Belém, Betsaida e Caná.

Muitas bíblias têm excelentes mapas no final, junto com índice alfabético da maioria dos lugares mais importantes mencionados na Bíblia. Um bom dicionário bíblico, ou uma enciclopédia bíblica, trará bons mapas referentes aos principais períodos da história da Bíblia.

3. *Anote a escala dos mapas.*

A escala dá idéia da distância entre dois lugares. Por exemplo, com base na escala de um mapa da Palestina, vemos que a distância entre o extremo sul do mar da Galiléia e o extremo norte

do mar Morto é de aproximadamente 105 km. Assim, quando lemos em Lucas 2 que Maria viajou com José de Nazaré da Galiléia para Belém de Judá antes do nascimento de Jesus, temos uma idéia da distância percorrida.

4. *Consulte um mapa de relevo para conhecer a topografia.*

Como já aprendemos anteriormente, a topografia dos lugares bíblicos varia muito, e um bom conhecimento geográfico será de grande auxílio para entendermos as diferentes partes do texto sagrado. Por exemplo, sabendo que Jerusalém está situada na crista de uma cordilheira, a 750 metros, entendemos melhor a expressão de Davi: “Jerusalém. . . para onde sobem as tribos” (Salmos 122:3-4). Do mesmo modo, ao sabermos que Jericó situa-se no vale da cordilheira, aproximadamente 250 metros abaixo do nível do mar, podemos apreciar melhor a parábola de Jesus acerca do homem que “descia de Jerusalém para Jericó” (Lucas 10).

5. *Desenhe o seu próprio mapa para gravar certos detalhes geográficos.*

Ao fazer o mapa, é interessante observar as seguintes sugestões:

a) Não gaste muito tempo com o desenho do mapa. Deve-se colocar no mapa apenas a informação necessária.

b) Para deixar o mapa bem nítido, não se deve sobrecarregá-lo com detalhes em demasia. É melhor um mapa simples, mostrando apenas os detalhes necessários, do que um com muitos itens.

c) Mostre a distinção entre os diversos itens do mapa através da aplicação das seguintes técnicas:

(1) Uso de cores.

(2) Áreas sombreadas com linhas paralelas (diagonais, verticais ou horizontais).

(3) Uso de legenda ou chave para explicar as diferenças de cores, ou de áreas sombreadas.

d) Trace linhas pretas para representar limites, estradas ou rotas. Quando houver necessidade, as linhas devem ser diferenciadas por cores, pontilhados, pontos e traços, ou linhas menos ou mais acentuadas.

Exercício 3

Foi em Antioquia, na Síria, que Paulo começou a sua segunda viagem missionária. Depois de algum tempo chegou a Filipos, sua primeira permanência na Europa. De lá partiu para Tessalônica.

Ele escreveu as epístolas aos tessalonicenses não muito depois de ter deixado aquela cidade.

Ao pôr em prática os ensinamentos deste capítulo, faça sua própria pesquisa sobre a geografia de 1 Tessalonicenses. Anote em primeiro lugar os locais importantes mencionados pela Epístola. Então, consulte Atos 15:36-18:11. Esta passagem descreve a segunda viagem missionária de Paulo, durante a qual ele visitou Tessalônica. Depois de completar a sua pesquisa, procure informações adicionais num dicionário bíblico ou em alguma outra fonte. A fim de entender melhor 1 Tessalonicenses, use as informações que obtiver para desenhar um mapa da Grécia, no qual apareçam os lugares importantes descritos nessa Epístola e no livro de Atos.

4

Tratamento Cultural

O Significado de Cultura

Cultura refere-se às diferentes características de um grupo racial, religioso ou social. Isto é, aquilo que o povo faz: como vive, como pensa e como age.

A Bíblia é pródiga em aspectos de importância cultural. Estamos, porém, tão distantes das pessoas dos tempos bíblicos que é difícil para a atual geração compreender as maneiras ou mesmo os padrões de pensamento e crença daquela época. Entretanto, se quisermos entender corretamente a Bíblia, é necessário aprendermos o máximo sobre a cultura dos diversos grupos raciais, religiosos e sociais registrados na Bíblia.

É impossível conhecer todas as peculiaridades, crenças, tradições e outros aspectos das civilizações antigas. Entretanto, quanto mais soubermos acerca dessas civilizações, tanto maior será a nossa capacidade de compreender as Escrituras, pois estas foram originalmente escritas para eles e sobre eles. O estudo da formação cultural nos permitirá entender o povo para o qual determinadas partes da Bíblia foram escritas. Isso pode incluir as circunstâncias em meio às quais eles viveram e os problemas singulares com que se defrontaram. É claro que há interação entre a cultura e a história e não podemos considerar uma sem levar em conta a outra.

Alguns dos fatores culturais de um povo são nacionalidade, governo, religião, idioma, literatura, costumes, vida social, objetivos, aspirações, ambiente físico, localização geográfica e relacionamento com as nações vizinhas.

Padrões Culturais do Livro de Jonas

Voltamos, agora, ao nosso estudo do livro de Jonas para uma demonstração do tratamento cultural no estudo bíblico. Recomendamos aqui nova leitura do livro de Jonas.

Se você fez uma leitura atenta, por certo observou alguns dos seguintes padrões culturais:

1. Meio de transporte marítimo: navio de certo porte, no qual Jonas pôde descer ao porão e dormir (1:5); navio acionado por velas e remos (1:13).
2. Arranjos comerciais: viagem entre a Palestina e Târsis; transporte de passageiros mediante pagamento (1:3).
3. Crenças dos marinheiros: falsos deuses (1:5); os marinheiros lançaram sortes a fim de conseguir a informação desejada (1:7).
4. Atos religiosos dos marinheiros: oração aos falsos deuses (1:5) e mais tarde ao Deus de Israel (1:14); sacrifícios ao Senhor e votos (1:16).
5. Graves condições morais em Nínive (1:2; 3:8, 10).
6. Civilização adiantada em Nínive: o povo morando numa grande cidade (1:2; 3:2-3; 4:11); criação de gado (3:7; 4:11).
7. Sistema de governo de Nínive: um rei que se sentava no trono, exercia soberania e governava por decretos; um número de nobres sob a direta autoridade do rei (3:6-7).
8. Atos religiosos do povo de Nínive: arrependimento (3:5-9); oração ao Deus de Israel (3:8).
9. Maneiras de expressar arrependimento: jejum, cobrindo-se com pano de saco, sentando-se em cinza e convertendo-se do mau caminho (3:5-8).

Discutiremos mais tarde as crenças de Jonas.

Auxílio para o Entendimento do Ambiente Cultural nos Tempos Bíblicos

Entender os hábitos dos judeus no Antigo e no Novo Testamento não é tarefa tão difícil quanto possa parecer. Isto porque muitas das práticas religiosas e sociais do povo escolhido tinham suas raízes no código mosaico promulgado no Pentateuco. A conduta e os hábitos judaicos que parecem difíceis de interpretar são muito mais compreensíveis à luz da lei mosaica.

Um exemplo é o voto que Ana fez ao Senhor quando orou pedindo um filho. Lemos em 1 Samuel 1:11 que Ana “fez um voto dizendo: Senhor dos Exércitos, se benignamente atentares para a aflição da tua serva, e de mim te lembrares, e da tua serva te não esqueceres, e lhe deres um filho varão, ao Senhor o darei por todos os dias da sua vida, e sobre a sua cabeça não passará navalha.”

O que desejava Ana dizer ao declarar que navalha jamais passaria sobre a cabeça do seu filho e que ele seria dado ao Senhor por todos os dias da sua vida?

Com uma boa chave bíblica, a partir de 1 Samuel 1:11 chegamos a Números 6:1-21, em que encontramos a lei do nazireado. Ao compararmos as duas passagens, vemos que Ana prometeu ao Senhor que, se ele respondesse à sua oração, ela lhe daria de volta o filho sob as provisões do nazireado.

Um pouco mais adiante, na mesma passagem de 1 Samuel, encontramos outro exemplo da contribuição da lei mosaica para um melhor entendimento da cultura judaica. Em 1 Samuel 1:24-25 lemos que “Havendo [Samuel] desmamado, levou-o consigo, com um novilho de três anos, um efa de farinha e um odre de vinho, e o apresentou à casa do Senhor, a Silo. Era o menino ainda muito criança. Imolaram o novilho, e trouxeram o menino a Eli.” A referência bíblica é Números 15:8-10, que contém as instruções divinas acerca das ofertas apresentadas pela pessoa que fizer um voto ao Senhor: “Quando preparares novilho para holocausto ou sacrifício, em cumprimento de um voto, ou um sacrifício pacífico ao Senhor, com o novilho trarás uma oferta de manjares de três décimas de um efa de flor de farinha, misturada com a metade de um him de azeite, e de vinho para a libação trarás a metade de um him, oferta queimada de aroma agradável ao Senhor.” Ana foi obediente à instrução do Senhor.

Além da informação sobre o ambiente cultural, a qual podemos obter das próprias Escrituras, podemos conseguir muitos dados de fontes seculares ou extra-bíblicas. Essas fontes contêm o resultado do trabalho de arqueólogos, lingüistas, historiadores, geógrafos e muitos outros. O trabalho desses especialistas muito contribui para o entendimento da cultura dos povos da época do Antigo e do Novo Testamento. Manuais, dicionários e enciclopédias bíblicas contêm inúmeros dados sobre a cultura desses povos antigos, e com esse material podemos obter uma visão notável das tradições, crenças e hábitos dessas culturas.

Um bom exemplo é o assunto da hospitalidade. Dicionários e enciclopédias bíblicas revelam que, nas regiões onde prevaleciam condições desérticas, ser recebido como hóspede era um direito do viajante e, portanto, uma obrigação do dono da casa. Na realidade, o hóspede nem mesmo agradecia ao hospedeiro a hospedagem porque, mais cedo ou mais tarde, esse hospedeiro dependeria da hospitalidade de outra pessoa.

Esse costume jorra luz à narrativa de Juízes 19:14-21 sobre o levita e sua concubina que “Passaram, pois, adiante, e caminharam, e o sol se lhes pôs junto a Gibeá, que pertence a Benjamim. Retiraram-se para Gibeá, a fim de nela passarem a noite; entrando ele, assentou-se na praça da cidade, porque não houve quem os recolhesse em casa para ali pernoitarem.”

O fato de o levita e sua concubina assentarem-se na praça da cidade era indicação de que necessitavam de hospitalidade. A falha do povo em lhes dar abrigo constituía grave quebra de etiqueta. Pois o hospedeiro, além de obrigado a providenciar abrigo para o viajante, devia também defendê-lo contra qualquer intruso durante três dias, enquanto o hóspede estivesse sob o seu teto. O pecado de Gibeá foi negar hospitalidade ao levita e sua concubina, bem como não lhes providenciar segurança enquanto ali estiveram. Compare essa atitude com o tratamento oferecido por Labão ao servo de Abraão, quando esse servo chegou a Naor em busca de uma noiva para Isaque (Gênesis 24:31).

Como Estudar o Ambiente Cultural de um Livro da Bíblia

1. Ler todo o livro e anotar os itens de importância cultural.

Observe quaisquer hábitos ou características aparentemente em uso na época. Procure alguns fatores da cultura de um povo, de acordo com o ensino deste capítulo. Tentar conhecer todos os padrões culturais de um livro seria tarefa infundável. É necessário dependermos do Espírito Santo e do bom senso na seleção das características culturais importantes, que mereçam atenção e pesquisa.

Também, se o livro for extenso, será impossível conseguir toda a informação de uma vez, pois pode haver grande quantidade de material referente à cultura. Por exemplo, um dos Evangelhos pode referir-se à sinagoga, à páscoa, a outras festas judaicas, ao batismo, ao sábado, ao sinédrio, aos fariseus, aos saduceus, aos escribas e às leis relativas ao nascimento, ao casamento e ao divórcio. Além disso, ainda pode fazer referência a samaritanos, romanos e a certos procedimentos da lei romana. Num caso desses, talvez seja importante aprender tudo o que for possível sobre a sinagoga, o sinédrio e os três grupos envolvidos na oposição a Cristo, e mais um ou dois itens importantes. Os muitos outros aspectos culturais ficariam para outra ocasião em que houvesse necessidade de um estudo mais cuidadoso do livro, passagem por passagem, ou parágrafo por parágrafo.

Examinando novamente o livro de Jonas, notamos pelo menos um ou dois aspectos culturais dignos de especial consideração. Em 1:8 os marinheiros perguntaram a Jonas: “Declara-nos. . . Que ocupação é a tua?” É claro que não teriam feito essa pergunta se tivessem a mesma nacionalidade de Jonas.

Os fenícios eram os grandes navegantes da época. Muito antes do tempo de Jonas, eles forneceram madeira do Líbano a Davi e a Salomão, para a construção do palácio e do templo de Jerusalém. Seus navios viajavam em diversas direções tanto no mar Vermelho como no Mediterrâneo. Sabe-se que nos anos 1000 a.C. eles tinham uma rota marítima para a Espanha. Podemos supor que esses marinheiros com quem Jonas viajava eram fenícios, e portanto falavam língua diferente da do profeta.

Os ninivitas, por outro lado, eram assírios. Novamente, o seu idioma era diferente das línguas hebraica e fenícia. Como, então, teria Jonas comunicado com os tripulantes do navio e com o povo de Nínive? Alguns eruditos descobriram certas afinidades entre todos os dialetos semíticos. Isso quer dizer que o acadiano (língua dos assírios e babilônios), o árabe, o hebraico e o fenício possivelmente tenham provindo da mesma fonte lingüística. Sabemos também que mais ou menos 100 anos depois de Jonas, o aramaico era a *língua franca* ou comum entre aquelas nações, desde a Assíria até Judá. É possível que essa *língua franca* já existisse no tempo de Jonas, embora nenhuma prova tenhamos a esse respeito. Talvez seja esta uma explicação razoável para a habilidade do profeta em comunicar com os marinheiros e, mais tarde, com os ninivitas.

De qualquer modo, Jonas deve ter possuído grande habilidade lingüística, pois foi capaz de comunicar com os marinheiros. Na realidade, ele falou tão claramente que entenderam tudo o que lhes disse sobre o Deus de Israel, a quem oraram e ofereceram sacrifícios.

E o êxito do ministério de Jonas em Nínive indica que o profeta foi capaz de transmitir a mensagem divina ao povo daquela cidade de maneira tão satisfatória que eles a aceitaram e se voltaram para Deus.

O costume de cobrir-se de saco como sinal de arrependimento também merece atenção. Os habitantes de Nínive “vestiram-se de panos de saco, desde o maior até o menor” e o rei despiu as vestes reais, cobriu-se de pano de saco, e assentou-se sobre a cinza. O rei decretou que “sejam cobertos de pano de saco, assim os ho-

mens como os animais, e clamarão fortemente a Deus; e se converterão, cada um do seu mau caminho, e da violência que há nas suas mãos.”

O pano de saco era material barato, mas durável, feito de pêlo de camelo ou de cabra. Por causa da sua textura tosca e da sua cor escura, era considerado um auxílio à autopunição. Junto com o gesto de cobrir-se de cinza, o uso do pano de saco tornou-se adequada expressão exterior do pesar ou do arrependimento.

Uma consulta à concordância bíblica revela diversas referências a esse hábito nas Escrituras. Por exemplo, quando Jeremias exortou Judá a se arrepender, ordenou ao povo que usasse cilício [ou o pano de saco, conforme algumas traduções] (Jeremias 6:26). Quando os que voltaram do cativeiro na Babilônia se arrependeram, “se ajuntaram. . . com jejum e pano de saco, e traziam terra sobre si” (Neemias 9:1). O Senhor Jesus também disse que se o povo de Tiro e Sidom tivesse presenciado os milagres operados em Corazim e Betsaida, “há muito que se teriam arrependido com pano de saco e cinza” (Mateus 11:21).

Outras referências ao uso de pano de saco como sinal de pesar ou aflição encontram-se em Gênesis 37:34; 2 Samuel 3:31; Isaías 37:1 e 58:5, e em Daniel 9:3. O uso de pano de saco como sinal de arrependimento não estava restrito a Israel, mas era também usado em Moabe (Isaías 15:3), Amom (Jeremias 49:3) e Tiro (Ezequiel 27:31).

Baixos-relevos retratam os reis da Assíria com magníficas vestes, sentados em suntuosos tronos. Em contraste, vemos no livro de Jonas o rei de Nínive rebaixando-se da sua alta dignidade, assumindo uma atitude humilde junto ao menor dos seus súditos, despindo a vestimenta real, vestindo pano de saco e arrependendo-se com cinza. Desta maneira, o rei e o povo de Nínive queriam, por todos os possíveis meios, mostrar a sinceridade do seu arrependimento, tanto no exterior como no interior.

2. *Descobrir, se possível, quando o livro foi escrito.*

Em alguns casos, conseguimos, pelas informações do próprio livro, saber quando ele foi escrito. Por exemplo, o livro de Oséias afirma que a “Palavra do Senhor. . . foi dirigida a Oséias, filho de Beerí, nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel” (Oséias 1:1). Vários livros proféticos do Antigo Testamento também foram datados da mesma maneira.

Outras afirmativas do livro podem dar-nos o indício de quando foram escritos. Referências a Onésimo e Arquipo nas epístolas a Filemom e aos Colossenses sugerem que estas cartas foram provavelmente escritas na mesma época.

Já vimos que Jonas viveu na época do rei Jeroboão II, que subiu ao trono de Israel na primeira parte do oitavo século a.C. e reinou durante quarenta anos. Portanto, é provável que o livro de Jonas tenha sido escrito nessa época.

3. *Notar a localização do povo a quem o livro foi escrito.*

A localização em geral vem indicada por afirmações específicas no próprio livro. Por exemplo, as epístolas de Paulo às igrejas são endereçadas aos cristãos de lugares específicos. A primeira epístola de Pedro foi escrita “aos eleitos que são forasteiros da Dispersão, no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia”. Caso o livro não dê indício algum quanto à localização do povo a quem foi dirigido, o leitor deve então consultar um bom dicionário ou manual bíblico, uma enciclopédia bíblica, ou uma introdução ao Antigo ou ao Novo Testamento.

Quanto ao livro de Jonas, não há nos seus quatro capítulos indicação alguma do povo ao qual tenha sido destinado. Mas o fato de Jonas ser profeta do reino de Israel, indica que seu livro tenha provavelmente sido escrito para esse povo.

4. *Notar os fatos de importância cultural sobre o povo para o qual o livro foi escrito.*

Somente quando conhecemos os fatos importantes da cultura de um povo é que podemos compreender bem como eram os que receberam a mensagem divina.

Outro exemplo: o livro de Rute. A menos que entendamos o costume do casamento levirato (Deuteronômio 25:5-10), não teremos a perspectiva apropriada do casamento de Boaz e Rute, a parte principal da narrativa.

Do mesmo modo, não teremos uma apreciação correta do interesse de Paulo por Onésimo, escravo fugitivo de Filemom, a menos que conheçamos a história da escravidão no Império Romano nos dias de Paulo.

Quanto ao livro de Jonas, podemos aprender com 1 e 2 Reis vários fatos de significação cultural a respeito do povo ao qual o profeta pertencia. Eram descendentes das dez tribos que se revoltaram contra Judá no reinado de Roboão, filho de Salomão, e formaram o reino do Norte. Seu primeiro rei, Jeroboão I, que subiu

ao trono mais ou menos em 937 a.C., estabeleceu nova maneira de adoração, fazendo dois bezerros de ouro, colocando um no extremo norte do país e o outro no extremo sul, a fim de competir com a adoração do Deus vivo e verdadeiro de Jerusalém. Essa forma rival de culto tornou-se o grande pecado do reino de Israel.

Deus levantou profetas a fim de conduzir o povo ao arrependimento, mas em vão. O pecado de Jeroboão I perpetuou-se até aos dias de Jonas, época em que Jeroboão II reinava em Israel. Além da idolatria, também a corrupção, a imoralidade e o crime eram desenfreados. Nesse ínterim, a Assíria tornara-se um grande império e ameaçava destruir a Israel. As condições sociais da Assíria eram idênticas às de Israel. Os primeiros versículos do livro de Jonas falam da iniquidade de Nínive, capital da Assíria, e o próprio rei refere-se à maldade e à violência do povo (3:8). A arqueologia revela que a embriaguez era prática comum entre os assírios e a imoralidade sexual era praticada ostentadamente, até mesmo em lugares públicos. Não é de admirar que o Senhor tenha pronunciado julgamento contra Nínive e ameaçado destruí-la dentro de quarenta dias após a proclamação de Jonas.

Exercício 4

Já vimos que a Primeira Carta aos Tessalonicenses foi escrita na segunda viagem missionária de Paulo, enquanto este se achava em Corinto. Como se pode deduzir pelo nome da epístola, ela foi escrita para os cristãos de Tessalônica. Faça o seguinte exercício, usando outras fontes de referência, quando necessário.

1) Faça uma lista de cinco características culturais de 1 Tessalonicenses.

2) Mencione os diferentes grupos que, no princípio, compunham a igreja de Tessalônica. (Sugestão: veja Atos 17:1-11.)

3) Com auxílio de fonte não-bíblica, mencione três ou quatro características culturais que esclareçam a situação de Tessalônica e as circunstâncias em que vivia a igreja dessa cidade.

5

Tratamento Histórico

A Bíblia é um livro histórico. Muitos livros do Antigo e do Novo Testamento são chamados “históricos” porque o seu conteúdo é, na sua maior parte, uma reunião de acontecimentos. No Antigo Testamento, os “livros históricos” vão de Josué a Ester; no Novo, são os quatro Evangelhos e os Atos dos apóstolos. Mas, muitos dos outros livros da Bíblia são também históricos ou contêm porções históricas.

Os livros da Bíblia, e certamente quase todos os textos das Escrituras, originam-se de certas raízes históricas. Quando consideramos esses textos com cuidado e os comparamos com outras porções das Escrituras, percebemos que, com muita freqüência, estão vitalmente ligados entre si. Concluimos, portanto, que, para obtermos o devido entendimento de um livro ou texto, é necessário que examinemos o seu contexto histórico. Como resultado da negligência a esse aspecto do estudo bíblico, têm surgido conceitos errôneos e interpretações falsas.

O Significado do Estudo do Cenário Histórico

O estudo do contexto histórico é um método de pesquisa bíblica pelo qual investigamos os acontecimentos principais de um livro ou texto, relacionando-os com a porção bíblica, a fim de obtermos desta melhor compreensão. A pesquisa deve incluir acontecimentos na área política, religiosa, social e econômica. É claro que o estudo do cenário histórico deve abranger a cultura do povo, pois esta não somente se relaciona com as diferentes características de um grupo racial, religioso ou social, mas também com as circunstâncias gerais nas quais viveram e com os diversos problemas que enfrentaram. Em outras palavras, a cultura é parte integrante da história e, dessa forma, a história e a cultura se sobrepõem.

Exemplos do Uso do Cenário Histórico

Extraímos do livro de Rute nosso primeiro exemplo da importância dos antecedentes históricos. No primeiro versículo encontram-se as seguintes palavras: “Nos dias em que julgavam os juízes, houve fome na terra.”

Essa informação nos remete a Juízes, livro anterior ao de Rute. Deste modo, para obtermos uma visão exata da época em que viveram os principais personagens do livro de Rute, necessitamos conhecer as condições da terra de Israel descritas em Juízes. Ao lermos esse livro, especialmente do capítulo 17 ao 21, concluímos que o país era um caos, pois cada pessoa fazia “o que achava mais reto”.

Entretanto, no meio de tais lamentáveis circunstâncias, vemos no livro de Rute a mão de Deus a mover-se silenciosa e discretamente a fim de cumprir o seu propósito em duas pessoas piedosas: Boaz e Rute. Assim, o contexto histórico de Rute revela Deus no controle de tudo o que acontece aos seus, e que, apesar das condições adversas, ele é todo-poderoso para executar os seus desígnios naqueles que lhe pertencem.

Encontramos nosso segundo exemplo no Salmo 34. O título diz que o Salmo foi escrito quando Davi “. . . se fingiu amalucado na presença de Abimeleque, e, por este expulso, ele se foi”.

Com auxílio da concordância bíblica ou de uma Bíblia com referência, encontraremos os detalhes deste incidente em 1 Samuel 21:10—22:2. Os capítulos anteriores de 1 Samuel relatam como Saul perseguiu a Davi e procurou destruí-lo por todos os meios possíveis. Preocupado com as circunstâncias, Davi desviou os olhos do Senhor e fugiu da terra de Israel à procura de refúgio com Aquis, rei de Gate. (Parece que Abimeleque, que quer dizer “rei paternal”, era o título filisteu para rei, como o vocábulo “César” foi usado pelos romanos e “Czar” pelos russos.) Em vez de confiar no Senhor, Davi não podia ter feito coisa mais insensata ao procurar refúgio exatamente com o inimigo de Israel.

Quando os servos de Aquis descobriram a identidade de Davi, informaram ao rei. Davi, ao saber disso, afligiu-se profundamente e tentou disfarçar-se fingindo estar louco. O salmo 34 revela o intenso pavor que se apoderou de Davi ao ver-se em perigo de vida (vv. 4, 6, 17 e 19). Mas Davi também revela quão desesperadamente orou na sua profunda aflição.

A resposta do Senhor às suas angustiosas súplicas está em 1 Samuel 21:14—22:1: “Então disse Aquis aos seus servos: Bem

vedes que este homem está louco; por que mo trouxestes a mim? Faltam-me a mim doidos, para que trouxésseis a este que fizesse doidices diante de mim? Há de entrar este na minha casa? Davi retirou-se dali, e se refugiou na caverna de Adulão; quando ouviram isso seus irmãos e toda a casa de seu pai, desceram ali para ter com ele.”

Chegando Davi à caverna, quatrocentos homens se juntaram a ele. Foi por ocasião do seu livramento que ele escreveu este cântico de exaltação e convocou seus companheiros de luta a engrandecer “o Senhor comigo e todos à uma lhe exaltemos o nome” (Salmos 34:3). Esse salmo não apenas revela a grande alegria e gratidão de Davi por causa do livramento de Deus, mostra também que o salmista não se satisfiz em adorar ao Senhor sozinho, pois ensinou a seus companheiros a se regozijarem com ele.

O Relacionamento Histórico de Alguns Livros da Bíblia com Outras Porções das Escrituras

Muitas partes da Bíblia têm base histórica em outros textos das Escrituras. Mencionaremos apenas algumas:

Só podemos entender o livro de Juízes se antes lermos Josué, que, por sua vez, tem suas raízes no Pentateuco. Do mesmo modo, só podemos interpretar de maneira correta a maioria dos livros proféticos do Antigo Testamento se os lermos à luz dos acontecimentos históricos descritos nos livros de 1 e 2 Reis e 1 e 2 Crônicas. De igual modo, só podemos compreender os livros dos profetas posteriores ao exílio na Babilônia — Ageu, Zacarias e Malaquias — quando os relacionamos com os acontecimentos históricos relatados em Esdras e Neemias.

A mesma coisa acontece com as epístolas de Paulo no Novo Testamento. As suas raízes provêm do Antigo Testamento, dos Evangelhos e, especialmente, do livro de Atos. É em Atos que lemos sobre as condições da época em que as epístolas foram escritas, ou sobre o que aconteceu na fundação das igrejas.

A Necessidade de Fontes Não-Bíblicas no Estudo do Cenário Histórico

Há alguns livros das Escrituras para os quais não temos um cenário histórico imediato ou direto. Os Evangelhos, por exemplo, não têm fonte bíblica direta da qual possamos receber informação acerca da época precedente. Entre o livro de Malaquias e o começo do Novo Testamento há um período de aproximadamente quatro

séculos, chamado “os 400 anos de silêncio”.

Quando a cortina histórica caiu sobre o Antigo Testamento, havia em Judá pequena parte do povo judeu que para lá voltara com a permissão dos reis da Pérsia. Essa volta ocorreu nos dias de Esdras e Neemias, nos sexto e quinto séculos antes de Cristo. Na mesma época, a grande maioria dos judeus preferiu permanecer na Babilônia sob as ordens dos soberanos persas, onde viviam não tanto como cativos, mas, mais como colonos.

Ao abrirmos as páginas do Novo Testamento, encontramos o povo de Deus ainda em sua terra, mas agora sob o governo de Roma. Os samaritanos ocupam grande parte da Palestina, e separam a Judéia da Galiléia. Constatamos, também, a existência de diversas instituições importantes que, ou não existiam, ou não foram mencionadas anteriormente nas Escrituras. Entre elas estão o sinédrio e a sinagoga. Havia ainda vários grupos religiosos e políticos.

Qual a causa da mudança ocorrida entre as condições predominantes ao término do Antigo Testamento e as da época de Cristo? E qual a importância dessa mudança para o bom entendimento dos Evangelhos? Como nos informar sobre esse hiato de 400 anos e as novas instituições políticas e sociais registradas nos primeiros quatro livros do Novo Testamento?

Pelo fato de não existirem passagens bíblicas com informações acerca desses anos de silêncio, dependemos de fontes não-bíblicas para obter esses dados desejados. No estudo dos cenários históricos, portanto, retiramos informações não somente da própria Bíblia, mas também de fontes seculares dignas de confiança. Felizmente, o material disponível é abundante.

As escavações de arqueólogos e as pesquisas de muitos eruditos têm contribuído para um maior conhecimento das antigas civilizações do Egito, da Grécia, de Roma e do Oriente Próximo. Descobertas recentes de cavernas e túmulos em terras bíblicas, bem como a interpretação de documentos cuneiformes e hieroglíficos de grandes bibliotecas antigas aumentam constantemente o acervo de informações sobre a história e a cultura desses povos. Grande parte dessas informações tem sido reunida em manuais bíblicos, dicionários e enciclopédias, bem como em obras arqueológicas e em introduções ao Antigo e ao Novo Testamento. Com tanto material à disposição, é possível a qualquer estudante da Bíblia obter conhecimento razoável dos fundos históricos.

Como Estudar os Cenários Históricos

Como grande parte da história inclui geografia e cultura, parte do estudo dos cenários históricos é semelhante ao processo usado nos dois capítulos anteriores. Entretanto, será proveitoso revisarmos essas etapas a fim de termos uma visão geral.

Devemos ter em mente que, contrastando com o estudo da cultura que enfatiza costumes, crenças e modos de pensar e agir, o estudo da história se preocupa em primeiro lugar com os acontecimentos.

Portanto, ao fazermos este estudo do ponto de vista histórico, devemos observar os seguintes itens básicos. Evitemos, porém, um estudo muito longo ou exaustivo, tendo por objetivo coligir apenas informações para uma perspectiva bem definida do cenário.

1. Ler o livro repetidamente, anotando quaisquer indícios que possam sugerir as razões pelas quais o livro foi escrito.

Talvez pareça mais fácil e mais rápido ir diretamente a uma obra de consulta em busca da informação do que ler a própria Bíblia. Esta atitude facilitará o conhecimento sobre as Escrituras, mas não proporcionará maior aprendizado da Bíblia. Procurando descobrir por que o livro foi escrito, é necessário que nos disciplinemos a ir diretamente à Palavra de Deus a fim de descobrir o que ela contém.

Devemos estar alertas aos seguintes indícios:

a) Uma afirmação explícita por parte do autor acerca do seu propósito ao escrever o livro. Bom exemplo encontra-se no Evangelho de João, no qual o apóstolo afirma: “Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (20:31).

b) Problemas ou necessidades específicos mencionados pelo autor àqueles a quem escreve. É esse o caso da primeira epístola aos Coríntios. Assediavam a recém-fundada igreja problemas internos, cismas, disputas, imoralidade e orgulho por causa de dons espirituais.

c) Ênfases ou características especiais do livro. Como já vimos, cada livro da Bíblia contém certas ênfases especiais, que são, quase sempre, indicadas pela repetição de palavras, frases ou conceitos importantes, ou pelo espaço dado a certos assuntos.

Na sua primeira epístola, Pedro refere-se seguidamente ao sofrimento. Entretanto, fala também da esperança vivificante do

crente em meio ao sofrimento. Torna-se claro, assim, que pelo menos uma das razões dessa carta é dar aos cristãos, prestes a sofrer perseguição, a abençoada esperança da vinda de Cristo.

d) Acontecimentos importantes. Quando se estuda um livro, mesmo que este não seja essencialmente histórico, é surpreendente o quanto ele pode se referir a acontecimentos anteriores. Nessas circunstâncias pode ser difícil descobrir, entre acontecimentos passados, qual deles é relevante.

Tome, por exemplo, a epístola de Paulo aos Filipenses. Este pequeno livro contém pelo menos doze itens de caráter histórico. Na última metade do capítulo 4, Paulo agradece aos cristãos de Filipos as dádivas que lhe enviaram, não apenas uma, mas diversas vezes. E agora que Paulo era prisioneiro em Roma, a igreja de Filipos mandou um dos seus membros, Epafrodito, levar outra dádiva ao servo do Senhor. Está claro que pelo menos uma das razões de Paulo escrever a carta era expressar o seu apreço à igreja de Filipos por suas generosas contribuições. Mas Paulo não agradeceu somente a eles; teve também palavras de apreço para Epafrodito. Como fiel servo da igreja, Epafrodito viajou quase 320 quilômetros para levar a Paulo a dádiva da igreja, arriscando a vida por amor ao apóstolo.

Com o auxílio de uma concordância bíblica, descobrimos que as igrejas da Macedônia (Filipos e Tessalônica) eram as mais pobres das congregações cristãs (2 Coríntios 8:1-6). Entretanto, referindo-se a elas, Paulo disse: “porque no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade” (2 Coríntios 8:2). Ao observarmos este acontecimento histórico, vemos também que a dádiva dos cristãos de Filipos não procedeu de pessoas de posses, mas das que eram extremamente pobres. Seus donativos contínuos a Paulo enfatizam quão ricos eram em liberalidade.

2. Anotar qualquer informação relativa ao autor.

Devemos estar alertas a quaisquer indícios da personalidade ou da biografia do autor, bem como àquilo que possamos encontrar em outras partes da Bíblia. Depois de completar a pesquisa nas Escrituras, devemos consultar fontes não-bíblicas para maior informação.

Por exemplo, no estudo das epístolas de Pedro é importante saber algumas coisas sobre o escritor. Lendo as epístolas depreen-

demos algo sobre a vida e o caráter de Pedro, mas para descobrirmos alguns fatos básicos sobre esse homem é necessário recorrermos aos Evangelhos e ao livro de Atos. Entretanto, somente ao fazermos uso de fonte não-bíblica ficamos sabendo como e quando Pedro morreu. Uma enciclopédia bíblica cita Eusébio, antigo historiador da igreja, afirmando que Pedro foi crucificado durante as perseguições levadas a efeito por Nero contra os cristãos em Roma no ano 64. É também Eusébio que relata ter Pedro pedido que fosse crucificado de cabeça para baixo.

Quanto ao livro de Jonas, as Escrituras não mencionam quem o escreveu. Admite-se, em geral, que foi Jonas o próprio autor. O segundo livro de Reis, em 14:23-27, informa que Jonas era de Gate-Hefer, pequenina cidade a alguns quilômetros a sudoeste do mar da Galiléia. Apesar de Jonas ter sido deveras um mensageiro profético de Deus, o livro que leva o seu nome torna evidente ter sido ele homem obstinado e mal-humorado.

Pelo fato de ter Jonas predito prosperidade para o reino do Norte ao tempo de Jeroboão II — que começou a governar em princípio do século VIII a.C. — admite-se também que esse mensageiro de Deus tenha profetizado para as dez tribos que compunham aquele reino.

3. Descubra onde e quando o livro foi escrito.

Muitos livros da Bíblia dão informação precisa sobre esses pontos. Quando essa informação não está explícita, é às vezes possível consegui-la observando a parte histórica de outras porções das Escrituras. Por exemplo, no capítulo anterior descobrimos quando e onde Paulo escreveu 1 Tessalonicenses, comparando a epístola com o relato do livro de Atos. E, com essa informação, foi-nos possível obter uma perspectiva inteiramente nova da epístola.

Depois de verificar todas as fontes bíblicas, você pode consultar uma introdução bíblica ou outra obra de pesquisa para informação adicional, se necessário.

4. Tome nota dos fatos importantes sobre aqueles a quem o livro foi dirigido. Considere as seguintes áreas principais.

a) A cultura do povo, inclusive sua nacionalidade, idioma e localização. Tanto quanto possível, investigue as circunstâncias gerais, tendo em mente a posição política, religiosa, social e econômica, bem como filosofia de vida, hábitos e padrões de juízo. Às vezes, muitas dessas informações podem ser obtidas no próprio livro.

Por exemplo, lendo a primeira epístola de Pedro, notamos os seguintes fatos sobre as pessoas a quem ele escreveu. A epístola foi dirigida aos cristãos dispersos por toda a Ásia, lugar conhecido atualmente como Ásia Menor. Embora esses crentes não tivessem visto a Jesus Cristo em pessoa, acreditavam nele e o amavam. Alguns eram servos ou escravos e, até certo ponto, todos sofriam por causa da sua fidelidade ao nome de Cristo.

Além da informação obtida no próprio livro, podemos conseguir mais dados culturais em outras partes das Escrituras como, por exemplo, a importantíssima conexão da primeira carta aos Tessalonicenses com o livro de Atos. Neste último, descobrimos ocorrências importantes referentes ao povo da igreja primitiva de Tessalônica.

b) Acontecimentos importantes na história do povo. Esses acontecimentos, juntamente com as condições predominantes na época em que o livro foi escrito, influenciam nossa compreensão do texto. Como a história e a cultura se sobrepõem, devemos considerar em conjunto os acontecimentos importantes e as características culturais.

No que se refere ao povo da nação de Jonas, tinham voltado as costas ao Senhor desde o começo. Seu primeiro rei, Jeroboão I, que governou as dez tribos dissidentes da casa de Davi, subiu ao trono do reino do Norte em 937 a.C. A fim de impedir o seu povo de adorar a Deus no templo de Jerusalém, Jeroboão I instituiu imediatamente uma religião rival em Israel, fazendo dois bezerros de ouro. Daquela época em diante, o reino do Norte entrou num intenso declínio espiritual, indo de mal a pior com o passar dos anos. Mas Deus, na sua misericórdia, levantou muitos profetas e os enviou a ministrar no reino do Norte.

Esses mensageiros, cheios de poder, pleitearam com Israel para que abandonasse a idolatria e a corrupção e se voltasse para o Deus dos seus pais. Alguns desses porta-vozes de Deus, especialmente Elias e Eliseu, comprovaram as suas mensagens com milagres. Os livros de 1 e 2 Reis relatam oito milagres realizados por Elias e dezesseis por Eliseu. Em conexão com o ministério desses dois homens, ocorreu um importante milagre: ressurreição de mortos. Durante o ministério de Elias, o filho de uma viúva foi levantado dentre os mortos. Essa viúva vivia na cidade de Sarepta, em Sidom. Durante o ministério de Eliseu, ocorreu a segunda ressurreição, quando Deus usou esse profeta para trazer

de volta à vida o filho da Sunamita. Este milagre aconteceu dentro dos limites de Israel.

E, mais tarde, depois da morte de Eliseu, Deus realizou um terceiro milagre de ressurreição, também dentro dos limites de Israel. Este aconteceu quando algumas pessoas lançaram um homem na mesma sepultura em que Eliseu estava enterrado. Lemos que quando “o cadáver tocou os ossos de Eliseu, reviveu o homem, e se levantou sobre os pés” (2 Reis 13:21).

Podemos imaginar com que rapidez as notícias desses milagres se espalharam por toda a parte. Certamente que esses extraordinários sinais deviam ter levado Israel a atentar para as mensagens dos profetas de Deus e a voltar-se para o Senhor antes que fosse tarde demais. Mas, infelizmente, nem mesmo os milagres de ressurreição produziram efeito na vida espiritual do povo.

5. Como resultado da pesquisa, especifique as razões ou os propósitos do livro.

Ao completar a pesquisa do fundo histórico, tire algumas conclusões do motivo pelo qual o livro foi escrito. Em seguida, compare o trabalho com uma obra de pesquisa bíblica e adicione quaisquer outras informações adquiridas.

Procuraremos descobrir o objetivo do autor ao escrever o livro de Jonas. Mateus 12:39-40 e Lucas 11:29-30 indicam, de um modo que não aparece no livro de Jonas, que o profeta foi um sinal de ressurreição para o povo de Nínive. Acham alguns que, pelo fato de ter estado dentro do peixe, a pele de Jonas tornou-se de tal maneira embaçada que ele teve de explicar ao povo de Nínive o que lhe acontecera. Outros acham que alguns marinheiros do navio em que o profeta viajara viram-no e, reconhecendo nele o homem que haviam atirado ao mar, espalharam por toda a parte a notícia de que o mensageiro de Deus se tinha levantado dentre os mortos. Qualquer que seja a explicação, permanece o fato de que Jonas esteve no interior de um peixe durante três dias e três noites, e que surgiu na cidade de Nínive como alguém ressuscitado dentre os mortos.

Percebemos extraordinário contraste entre o arrependimento de Nínive e a obstinação de Israel. Deus mandou apenas um mensageiro a Nínive, mensageiro este que só pregou uma mensagem. A cidade recebeu apenas um sinal de Deus e somente uma oportunidade; entretanto, esta cidade pagã se arrependeu. O reino de Israel, em contraste, tinha recebido diversos mensageiros, muitas

mensagens, numerosos sinais e muitas oportunidades; mesmo assim, permanecia endurecido.

Concluindo toda a nossa pesquisa sobre o cenário histórico do livro de Jonas, descobrimos duas razões para que o livro fosse escrito:

1. Ensinar a Israel que Deus ama os gentios e os judeus da mesma maneira e se preocupa com a salvação de ambos.

2. Convocar Israel mais uma vez ao arrependimento. No passado Israel havia desprezado todos os generosos apelos do Senhor por intermédio dos profetas. O exemplo do arrependimento de Nínive foi outro apelo de Deus para que Israel voltasse para ele.

Exercício 5

Se você fez as tarefas anteriores, verá que boa parte do dever já está pronto. Prepare uma dissertação curta sobre o cenário histórico de 1 Tessalonicenses, observando os seguintes itens:

1. Informação sobre o autor
2. Época e lugar em que foi escrita
3. Fatos importantes sobre aqueles que a receberam
4. Razão pela qual foi escrita

Lembre-se de usar a Bíblia como primeira fonte de pesquisa. Só consulte fontes não-bíblicas depois de examinar meticulosamente as Escrituras.

6

Tratamento Biográfico

A Bíblia, além de conter, em grande parte, relato histórico inspirado, é também um tesouro inexaurível de biografias. Nela encontramos a vida de pessoas de todos os tipos e posições sociais. Lemos acerca de reis e rainhas, cidadãos livres e escravos, artífices e lavradores, soldados e marinheiros, ricos e pobres, velhos e jovens, cultos e incultos, pessoas finas e pessoas vulgares, santos e pecadores.

Ao contrário de muitas biografias que geralmente ocultam os piores fatos e exaltam os melhores, as histórias das Escrituras descrevem as pessoas como o foram. Muitos demonstraram verdadeira nobreza e dignidade, mas outros revelaram falhas e imperfeições de toda a espécie. Em alguns casos, a mesma pessoa apresentada como modelo de fé e virtude, comete ações chocantes — ao ponto de olharmos para o nosso próprio coração e percebermos que o mesmo pode acontecer a qualquer de nós. Portanto, ao passo que as virtudes dos santos são apresentadas para a nossa edificação e ânimo, o relato das ações más de homens e mulheres pecaminosos destina-se à nossa admoestação, a fim de não sucumbirmos às mesmas tentações.

Em virtude de essas biografias serem de homens e mulheres reais, que tiveram os mesmos desejos e necessidades, os mesmos objetivos e tentações, as mesmas esperanças e temores que a humanidade dos nossos dias, o seu estudo pode ser muito interessante e prático. Ao examinarmos essas vidas, veremos nossa própria vida espelhada em algumas delas. Descobriremos tanto afinidades no que se refere a problemas e tentações, como razões para o sucesso ou o fracasso.

Definição de Biografia Bíblica

Qual o significado exato do termo “biografia bíblica”? É simplesmente a história de uma pessoa conforme registrada na Bíblia.

Inclui todos os acontecimentos relacionados com essa pessoa, bem como quaisquer indícios sobre a sua personalidade encontrados no texto.

As Escrituras mencionam quase três mil indivíduos. Ao fazermos um estudo biográfico, devemos tomar duas precauções:

Primeira, não confundir pessoas com o mesmo nome, porém de personalidades inteiramente diferentes. O Novo Testamento, por exemplo, apresenta cinco mulheres com o nome de Maria, cinco homens com o nome de Tiago, e cinco com o nome de João. E, em toda a Bíblia, há umas vinte pessoas com o nome de Natã.

Segunda, não devemos confundir pessoas que aparecem em narrativas semelhantes. O incidente descrito em Lucas 7:36-40, em que uma mulher ungiu os pés de Jesus com unguento dispendioso, é muito semelhante à história de Maria de Betânia, narrada em Marcos 14:3-9 e em João 12:1-8. Entretanto, esta semelhança não quer dizer que a mulher do relato de Lucas seja Maria.

Pode-se às vezes descobrir que referências a indivíduos obscuros na Bíblia contêm abundância de informações que compen-sarão uma pesquisa cuidadosa. Como Safã, por exemplo, filho de Azalias, o qual aparece principalmente no capítulo 22 de 2 Reis e no 34 de 2 Crônicas, com referências no capítulo 25 de 2 Reis, em sete capítulos de Jeremias e uma vez em Ezequiel.

As referências não são apenas a Safã, mas também a alguns dos seus parentes. O seu avô Mesulão é mencionado uma vez, e o seu pai, Azalias, duas. Seus quatro filhos são mencionados várias vezes. O nome de um deles, Aicão, é mencionado dezoito vezes. Gemarias quatro vezes, Eleasá uma vez e Jaazanias uma vez. Fazem-se também referências a dois netos, duas vezes a Micaías e vinte e sete vezes a Gedalias.

As referências ao pai e ao avô de Safã não apresentam informação importante, mas um exame cuidadoso de outras passagens e seu respectivo contexto é mais proveitoso.

Em 2 Reis 22 e em 2 Crônicas 34 lemos que Safã foi secretário de Josias, o piedoso rei de Judá cujo pai, Amom, e o avô Manassés levaram a nação aos mais profundos abismos da depravação e idolatria. Sob o comando de Josias, Safã tomou parte ativa na reparação do templo do Senhor em Jerusalém. Quando o sumo sacerdote Hilquias descobriu o Livro do Senhor no templo, Safã leu-o perante o rei. Junto com outros homens piedosos, Safã também desempenhou papel importante encorajando o rei nos seus

esforços para efetuar uma reforma espiritual no reino.

Aicão é mencionado em 2 Reis 22:12 e 2 Crônicas 34:20 como “o filho de Safã”. Juntamente com seu pai e mais três outras pessoas, Aicão recebeu de Josias a ordem de consultar o Senhor acerca do pecado de Judá. Depois da morte de Josias, quando Jeoaquim — o iníquo rei de Judá — estava no trono, Jeremias profetizou contra Jerusalém e predisse a destruição dessa cidade. A sua profecia enfureceu o rei e o povo a tal ponto que desejaram matá-lo, mas “Aicão, filho de Safã, protegeu a Jeremias, para que o não entregassem nas mãos do povo, para ser morto” (Jeremias 26:24).

Jeremias 36:10-11 faz referência específica a “Gemarias, filho de Safã”, como uma pessoa a quem pertencia a casa da qual Baruque, o escriba, “leu o livro diante do povo”, as palavras de Jeremias escritas no rolo. Este mesmo Gemarias, juntamente com outros dois, tentou sem sucesso fazer que Jeoaquim, o perverso rei de Judá, não queimasse o rolo escrito por Baruque, o qual continha as palavras do profeta Jeremias.

Em Jeremias 29:3 lemos que “Eleasá, filho de Safã” é um dos dois homens a quem Jeremias confiou uma carta escrita aos exilados de Judá levados para Babilônia por Nabucodonosor.

Em Jeremias 36:11, encontramos referência a um dos netos de Safã, “Micaías, filho de Gemarias, filho de Safã”. O contexto revela que foi esse neto quem anunciou aos anciãos, inclusive ao seu pai Gemarias, todas as palavras do Senhor transmitidas através de Jeremias, as quais Baruque tinha lido do rolo para o povo. Desta maneira, parece que Micaías ajudou Jeremias no seu ministério durante os negros dias do declínio espiritual de Judá.

Também nos capítulos 39, 40 e 41 de Jeremias, lemos com muita freqüência de “Gedalias, filho de Aicão, filho de Safã”. Os babilônios, ao levarem a maioria dos judeus para o cativeiro, nomearam Gedalias governador do restante do povo deixado em sua própria terra. Os babilônios também entregaram Jeremias aos cuidados de Gedalias que, por sua vez, parece ter encorajado o ministério do profeta do Senhor. Entretanto, Gedalias foi assassinado logo depois.

Finalmente, lemos em Ezequiel 8:11 que “Jazanias, filho de Safã”, foi visto por Ezequiel numa visão como um dos setenta ídólatras no templo de Jerusalém. Fontes não-bíblicas indicam que Jaazanias era nome comum nos tempos bíblicos, mas a in-

formação “filho de Safã” indica que ele pertencia à mesma família que temos estudado.

Apresentamos a biografia de Safã com bastante pormenores a fim de demonstrar que aquilo que, à primeira vista, parece insignificante, pode levar a descobertas valiosas. Descobrimos que Safã, homem piedoso, viveu numa época importante da história de Judá. Além de seus três filhos, que se tornaram líderes espirituais da nação numa época ainda mais sombria do que a do seu pai, dois de seus netos também apoiaram a causa da justiça e a obra de Deus. São três gerações consecutivas de homens que exerceram influência religiosa positiva numa época em que esta se fez realmente necessária.

Infelizmente, um filho escolheu o mau caminho. Fosse esta uma história profana, todos gostariam de ler que os filhos de Safã foram homens retos, mas a Palavra de Deus expõe fatos verídicos. Não há dúvida de que esse filho sofreu a mesma influência piedosa dos seus três irmãos. Entretanto, por motivos que a Bíblia não relata, ele se desviou. Por certo, podemos colher muitas outras verdades importantes nesta biografia de um santo pouco conhecido do Antigo Testamento, verdades estas reunidas de apenas algumas referências espalhadas.

Tipos de Estudo Biográfico

Há cinco maneiras básicas de desenvolver um estudo biográfico.

Tratamento Narrativo

No tratamento narrativo, estudamos a história da pessoa na ordem em que é relatada na Bíblia. Neste tipo de estudo, as características da pessoa são geralmente mencionadas na narrativa. A vida de Sansão, por exemplo. Podemos delinear a ordem cronológica da seguinte forma, conforme Juízes 13—16:

Seus piedosos pais

Seu nascimento e primeiros anos de vida

Suas disputas com os filisteus

Seu envolvimento com uma prostituta e com Dalila

Seu cativeiro e sua morte

A maioria das biografias da Bíblia podem receber esse tratamento.

Algumas biografias abrangem muitos capítulos e até mesmo livros inteiros. A vida de Moisés, por exemplo, começa no ca-

pítulo primeiro de Êxodo e vai até ao final de Deuteronômio. Outros livros também o mencionam, inclusive no Novo Testamento, onde ele aparece com Jesus no monte da Transfiguração.

Outro personagem cuja biografia abrange grande porção das Escrituras é Davi. Para conhecermos toda a sua história necessitaremos ler 1 Samuel, todo o livro de 2 Samuel, o primeiro capítulo de 1 Reis e boa parte de 1 Crônicas, sem mencionar os Salmos escritos por ele. Há ainda muitas outras referências esparsas a Davi por todas as Escrituras.

Há na Bíblia muitas outras pessoas com biografias extensas. O fato de essas pessoas possuírem registro pormenorizado torna difícil descer a muitos detalhes num estudo biográfico. Talvez seja melhor o leitor satisfazer-se com o estudo de certos períodos da vida destes homens, e com o estudo das suas características mais importantes.

Muitas das biografias, entretanto, encontram-se em um só livro. A história de Naamã, por exemplo, está em 2 Reis 5, com breve referência a ele em Lucas 4:27. Podemos resumir os primeiros quinze versículos desse capítulo fixando a atenção nos seguintes fatos:

1. A descrição de Naamã
 - a) Era homem de valor (v. 1)
 - b) Era também leproso (v. 1)
2. O testemunho a Naamã
 - a) Foi dado no momento certo (vv. 2-4)
 - b) Foi mal compreendido pelo seu superior (vv. 5-7)
3. A cura oferecida a Naamã
 - a) Sua declaração (vv. 8-10)
 - b) Sua rejeição (vv. 11-12)
4. A cura de Naamã
 - a) Passou pela experiência (vv. 13-14)
 - b) Tomou conhecimento (v. 15)

Como as Escrituras permitem uma variedade infinita de apreciações biográficas, podemos tratar estes mesmos quinze versículos de maneiras diferentes, discutindo-os do ponto de vista dos instrumentos usados por Deus para fazer com que Naamã conhecesse ao Senhor.

A lepra, sem a qual Naamã jamais teria procurado o homem de Deus (v. 1)

A menina cativa levada de Israel (vv. 2-4)

O rei pagão da Síria (v. 5)
O iníquo rei de Israel (vv. 6-7)
Eliseu, o homem de Deus (vv. 8-9)

O mensageiro anônimo que trouxe a mensagem de Eliseu a Naamã (vv. 10-12)
Os oficiais de Naamã que aceitaram a mensagem de Eliseu (vv. 13-15)

Outro tratamento é relacionar os vários papéis que o indivíduo tenha desempenhado. Por exemplo, podemos examinar a vida de Davi do ponto de vista dos seguintes papéis:

De pastor
De fugitivo
De rei
De homem de guerra
De penitente com o coração quebrantado
De doce cantor de Israel

Ou podemos usar a biografia de Epafras, registrada com breves palavras em Colossenses 1:6-8; 4:12-13, e Filemom 23. Leia esses versículos e então observe as seguintes características deste cristão da igreja de Colossos:

Ele foi conservo.
Ele foi obreiro estimado.
Ele foi fiel ministro de Cristo.
Ele foi eficiente professor da Bíblia.
Ele foi grande batalhador na oração.
Ele foi companheiro de prisão do apóstolo Paulo.

Muito podemos aprender com um estudo cuidadoso das breves referências feitas a esse santo do Novo Testamento.

Estudo do Caráter

No estudo do caráter é necessário observar os dados que formam a personalidade do indivíduo. O estudo pode também ser desenvolvido na mesma ordem da narrativa, destacando-se os dados à medida em que aparecem no texto. Ou, também, pode-se fazer uma lista das qualidades dominantes, bem como das influências determinantes dos traços de caráter de uma pessoa, e seus bons ou maus efeitos. Neste caso, a ordem das características dependeria da ênfase da narrativa. Ou, ainda, poder-se-ia preferir a

colocação das características boas em primeiro lugar e depois das más, ou vice-versa.

Sendo a fé a característica dominante de Abraão, podemos relacionar esta qualidade à sua biografia (conforme Gênesis 12—23) desta maneira:

Sua chamada para uma vida de fé (Gênesis 12-13)

As provas de sua fé (Gênesis 14-21)

O aperfeiçoamento da sua fé (Gênesis 22-23)

Combinação do Estudo do Caráter com o Estudo da Narrativa

Podemos, às vezes, combinar ambos os estudos no mesmo esboço ou tratado. Como o leitor já tem familiaridade com a biografia de Naamã, observe o seguinte esboço biográfico, no qual combinamos os acontecimentos de sua vida e o seu caráter:

1. O grande homem, porém sofrido (2 Reis 5:1). Era grande aos olhos do rei e do povo da Síria, mas afligido pela lepra.
2. O paciente ansioso, mas altivo (2 Reis 5:2-12). Apressou-se a seguir as palavras da pequena serva indo até Israel com o propósito de obter a cura, mas foi altivo demais para aceitar o simples, porém divino tratamento.
3. O crente humilde agradecido (vv. 13-15). Tornou-se suficientemente humilde para descer ao barrento rio Jordão, e agora agradecido por estar curado e por conhecer o Deus de Israel.

Outro meio de combinar numa biografia os estudos narrativo e do caráter é seguir a cronologia da vida em questão com uma avaliação do caráter. Desse modo, os acontecimentos da vida de um homem tornam-se o cenário no qual consideramos as qualidades do seu caráter. Poderíamos usar este tratamento na história de Jonas da seguinte maneira:

1. A formação de Jonas (2 Reis 15)
 - a) Lugar do seu ministério
 - b) Tipo do seu ministério
2. Ministério de Jonas em Nínive
 - a) Sua primeira missão
 - b) Sua segunda missão
3. Caráter de Jonas
 - a) Suas características positivas
 - b) Suas características negativas

Indivíduos Ligados

Certas pessoas nas Escrituras parecem ligadas de modo indissolúvel como resultado de algum incidente, e parece quase im-

possível considerar uma delas de maneira isolada. Podemos examinar Boaz sem considerar Rute? Ou Dalila sem Sansão? Ou Maria sem Marta?

Observe o notável contraste entre Maria e Marta. Maria mantinha com Jesus uma comunhão pessoal calma, submissa e tranqüila. Por outro lado, Marta, agitada, preocupada, ressentida e egocêntrica, ocupava-se em servir a Jesus com a atenção desviada dele por causa dos seus muitos afazeres.

Tornando a Biografia Relevante

Em vez de relacionar acontecimentos ou características, este tipo de biografia salienta nas várias ocorrências da vida de uma pessoa, ou nos seus traços de caráter, certas aplicações importantes para os nossos dias.

Tomemos um acontecimento da vida de Abraão como exemplo. Em Gênesis 18:22-23 e 19:27-29, lemos da intercessão de Abraão por Sodoma. Tomando esses dois trechos como base de um estudo biográfico, aprendemos três coisas que os crentes necessitam saber acerca da intercessão:

A necessidade de intercederem pelos outros

A maneira como devem interceder

Os resultados maravilhosos da intercessão dos crentes

Como outro exemplo, três vezes na Bíblia (2 Crônicas 20:7, Isaías 41:8, Tiago 2:23) Abraão é chamado amigo de Deus. Podíamos fazer um estudo das características que tornam a amizade com Deus real e possível.

Voltando a 2 Reis 5:1-4, usemos esses breves versículos sobre Naamã e a pequena escrava a fim de mostrar como Deus às vezes usa meios não muito comuns para nos abençoar:

1. Deus usa, às vezes, a adversidade ou a aflição a fim de trazer bênçãos a uma pessoa (v. 1).
 - a) A adversidade pode ocorrer quando menos se espera.
 - b) A adversidade pode parecer grande tragédia.
2. Deus, às vezes, usa uma pessoa insignificante como instrumento de bênção (vv. 2-4).
 - a) Essa pessoa pode ter passado por uma experiência trágica.
 - b) Essa pessoa tem uma atitude correta.
 - c) Essa pessoa tem um testemunho a dar.

Como Proceder no Estudo Biográfico de um Livro da Bíblia

1. Leia o Texto

Como é nosso propósito fazer o estudo de um caráter bíblico, o primeiro passo deve ser, depois de escolhido o indivíduo cuja vida será pesquisada, irmos diretamente à Bíblia e lermos tudo o que ela diz sobre o personagem.

Como vimos anteriormente, algumas biografias da Bíblia são bem extensas. Portanto, aconselhamos aos principiantes que comecem o estudo biográfico escolhendo alguém cuja história esteja, na sua quase totalidade, em um único livro. Colija desse livro todas as informações possíveis acerca dessa pessoa, e, a fim de obter nova visão dela, use uma tradução com a qual não esteja familiarizado e leia o livro todo do começo ao fim, sem parar. Com o auxílio de uma concordância bíblica, anote todas as referências à pessoa em questão que se encontrem em outras partes das Escrituras. Ao estudar um personagem do Antigo Testamento, preste atenção especial a quaisquer referências ao Novo Testamento. Muitas e muitas vezes essas referências elucidam a vida e o trabalho de uma pessoa do Antigo Testamento.

2. Anote Todos os Fatos Biográficos Importantes

Depois de ler todas as passagens referentes ao assunto escolhido, lei-as de novo! Ao reler, anote todos os acontecimentos importantes. É necessário prestar atenção a certos itens, como: responsabilidades, oportunidades, reações, acontecimentos importantes na vida da pessoa, problemas ou dificuldades, sucessos ou fracassos, pontos fortes ou fracos do seu caráter, relacionamento com Deus e com o próximo, influências boas ou más exercidas sobre outros.

Vamos reler o livro de Jonas com a intenção de observar os acontecimentos importantes da vida do profeta. Como já a examinamos, limitaremos nosso estudo aos traços de caráter:

Desobediência (1:1-3). A primeira coisa que notamos em Jonas é a sua obstinada desobediência. Tendo recebido missão específica de Deus para ir a Nínive com uma mensagem solene e importante, ele deliberadamente se recusou a cumprir a ordem divina.

Orgulho (1:3). A arrogância de Jonas acompanhou a sua desobediência. Numa rebeldia arrogante, insistiu em seu próprio caminho em vez de seguir o caminho de Deus.

Insensibilidade à necessidade humana (1:5-6). O capitão do navio suplicou a Jonas que orasse ao Senhor a fim de salvá-los do naufrágio. Entretanto, o texto não indica que o profeta tenha correspondido a esse pedido, apesar do perigo em que todos se achavam.

Honesta confissão de culpa (1:8-10). Jonas escondeu dos marinheiros a sua culpa, e só a confessou quando eles descobriram ser ele a causa do que lhes acontecia. Infelizmente, ele confessou aos homens e não a Deus, e assim mesmo somente depois de obrigado a fazê-lo.

Obstinação (1:12-15). Jonas, ao dizer aos marinheiros que o atirassem ao mar, indicou o seu próprio merecido castigo. Contudo, proferiu aquelas palavras sem demonstrar o menor sinal de arrependimento, mesmo quando tudo indicava que ele morreria.

Fé (2:4, 8-9). Embora achando-se no ventre do peixe sob disciplina do Senhor, Jonas não demonstrou arrependimento. Apesar do seu estado impenitente, revelou possuir fé extraordinária. Disse que ainda tornaria a ver o santo templo e a pagar os seus votos ao Senhor.

Ira (4:1). Jonas irou-se porque Deus poupou a Nínive. Ele preferia ter visto a cidade destruída.

Fé novamente (4:2). Em sua oração, Jonas expressa a crença de que, tivesse ele obedecido ao Senhor da primeira vez, Deus teria tido misericórdia dos arrependidos habitantes de Nínive, de conformidade com a sua palavra.

Patriotismo (4:2). O ódio de Jonas por Nínive originava-se no fato de aquela cidade ser inimiga de Israel.

Petulância (4:3). Porque as coisas não aconteceram como Jonas queria, ele pediu a Deus que lhe tirasse a vida.

Obstinação novamente (4:5). Em vez de aceitar a maneira de Deus lidar com Nínive, na sua arrogância Jonas exigiu que a cidade fosse destruída.

Indiferença (4:5). Não preocupou a Jonas o fato de a destruição de Nínive significar a morte de milhares de pessoas.

Presunção (4:6-9). Mesmo sabendo que o Senhor, na sua santidade, trata com rigor o pecado e a malícia, de maneira insolente Jonas ousou dirigir-se a Deus, como se este fosse obrigado a ser condescendente com o seu profeta.

Egoísmo (4:10-11). Deus, nas suas palavras finais a Jonas, mostrou que o profeta se preocupava muito mais com o seu próprio conforto e com os seus próprios desejos do que com a vida de

tão grande número de pessoas, inclusive mulheres e crianças.

3. Compare a Sua Pesquisa com Outras Fontes

Outras fontes de pesquisa, como dicionários bíblicos, enciclopédias bíblicas e outros livros de consulta podem fornecer mais informações úteis sobre o assunto. Além disso, diversas biografias excelentes têm aparecido nas livrarias evangélicas nos últimos anos.

4. Organize Seu Material

Seu material pode ser organizado de diversos modos, dependendo do volume do mesmo e do objetivo que você tem em mente. Um método é a simples disposição cronológica. Outro, a ênfase de certas características da vida da pessoa em questão. Dispusemos as características de Jonas da seguinte maneira:

Características Negativas

desobediência (1:1-3)
arrogância (1:3)
insensibilidade à necessidade humana (1:5-6)
obstinação (1:12-15)
ira (4:1)
petulância (4:3)
voluntariedade (4:5)
indiferença (4:5)
presunção (4:6-9)
egoísmo (4:10-11)

Características Positivas

honesto confissão de culpa (1:8-10)
fé (2:4, 8-9; 4:2)
patriotismo (4:2)

5. Aplique as Lições

Uma das razões pelas quais o Espírito Santo registrou tantas histórias de pessoas diferentes na Bíblia é ensinar o povo pelos seus exemplos. O registro dessas vidas revela a natureza humana. Mostra, também, os erros a serem evitados, os fracassos a que estamos sujeitos, e os sucessos que podemos obter com a graça de Deus.

Antes de aplicarmos as lições dessas biografias, é necessário fazermos uma avaliação cuidadosa, em espírito de oração, dos fatos coligidos. Em muitos casos não será possível formular todas as aplicações da biografia de uma pessoa, e então devemos considerar as mais importantes.

Ao examinarmos o caráter de Jonas, não podemos deixar de observar que as suas faltas sobrepujam suas admiráveis quali-

dades. A princípio podemos ficar perplexos ao perguntarmos como pode um homem de oração e de fé, como Jonas, ao mesmo tempo ser tão arrogante e mal-humorado. Mas quantos de nós temos de admitir que boa parte das falhas de Jonas são exatamente as nossas?

Podemos ver também que Jonas persistiu em sua desobediência, pois, tendo decidido seguir suas próprias veredas em vez de as veredas de Deus, ele continuou na sua obstinação. Talvez a sua reação à segunda ordem de Deus de ir a Nínive tenha sido o resultado, não de um coração disposto, mas simplesmente de medo de mais castigo. A conduta de Jonas na execução do seu ministério em Nínive demonstra que ele continuou impenitente, desejando seguir o seu próprio caminho até ao fim. Assim, este estudo do caráter de Jonas ensina que a teimosia persistente e pecaminosa na vida do crente pode levá-lo a obstinação tal que o seu coração se torne endurecido. Não é de admirar que o Senhor nos admoeste contra nos tornarmos “endurecido pelo engano do pecado” (Hebreus 3:13).

Outra lição importante é que, quando nos tornamos egoístas e egocêntricos, como Jonas, nosso próprio conforto e interesse assumirão importância maior que a salvação dos homens. Jonas demonstrou maior interesse pela planta que o abrigou do sol do que pela salvação da grande cidade de Nínive. A raiz da sua irritação e mau-humor era um espírito desamoroso. Tivesse ele considerado o exemplo dos marinheiros que tudo fizeram para não jogá-lo ao mar, a sua atitude poderia ter sido diferente.

Como é triste que um homem com uma fé tão extraordinária como a dele fosse tão desprovido de amor. As palavras de Paulo são bem apropriadas neste caso: “Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei” (1 Coríntios 13:2).

Finalmente, porque Jonas não estava em comunhão com Deus, ele interpretou mal o propósito da missão que o Senhor lhe confiara. Havia, entre muitos judeus dos dias de Jonas, um sentimento de orgulho e de exclusivismo. Sendo a raça escolhida, achavam que a salvação era não somente dos judeus, mas também somente para os judeus. Em outras palavras, ninguém podia ter esperança de ir para o céu, a menos que fosse judeu ou se tornasse judeu.

Parece que a atitude de Jonas era exatamente essa, apesar de seus dois grandes antecessores, Elias e Eliseu, terem bondosa-

mente ministrado a gentios. Talvez essa atitude explique a razão de Jonas recusar-se a obedecer ao Senhor ao receber a ordem pela primeira vez. Conforme podemos deduzir da sua oração (4:2), ele se convenceu de que, se pregasse a Nínive conforme a ordem do Senhor, a cidade se arrependerá e o Senhor lhes pouparia da destruição. Jonas não queria que a cidade se arrependesse. Cheio de patriotismo, ele esperava que o Senhor destruísse a Nínive e, como conseqüência, removesse a terrível ameaça que a Assíria representava para Israel.

Mas Jonas cometeu terrível erro. A grande ameaça para Israel não era a Assíria, mas a impenitência do próprio Israel. Se Israel se tivesse arrependido, como Nínive, o Senhor teria poupado a nação da horrível destruição a que estava destinada.

Apliquemos a lição aprendida com Jonas, considerando as imensas necessidades deste país. Estaremos nós, como Jonas, ocupados com coisas sem valor nesta hora de desespero? Estaremos nós, como Jonas, mais preocupados com os nossos interesses e com o nosso conforto do que com o mundo que se encaminha para a destruição? Se assim for, possa o Senhor levar-nos ao arrependimento, ao total quebrantamento perante ele.

Exercício 6

Prepare um esboço do caráter do apóstolo Paulo, tendo por base 1 Tessalonicenses. Cada característica deve apoiar-se numa referência bíblica. Anote três dos traços característicos de Paulo que tiveram grande influência sobre os crentes de Tessalônica. Examinando a sua lista em atitude de oração, marque as áreas em que você tenha falhado e proponha pelo menos três passos práticos para melhorar.

7

Tratamento Sintético de um Livro Maior

No preparo de um quadro sintético, quer de um livro extenso quer de um curto, as normas utilizadas são essencialmente as mesmas. Por serem essas normas as mesmas usadas nos capítulos 1 e 2, faremos apenas uma revisão à medida que construirmos o quadro de um livro bíblico maior.

Escolhemos o livro de Josué, que possui vinte e quatro capítulos. A fim de acompanhar nosso estudo de maneira eficiente, leia o livro todo, de preferência de uma só vez.

Etapas na Construção do Quadro Sintético de um Livro Maior

Etapa 1 — Quadro com Linhas Diagonais

Coloque uma folha de papel horizontalmente sobre a mesa e trace uma linha horizontal no centro da folha. A seguir, faça diversas linhas diagonais partindo da linha horizontal, num ângulo de aproximadamente 75 graus.

Como o texto de Josué 8:30-35 trata de assunto inteiramente diferente de todos os versículos anteriores daquele capítulo, esses seis versículos serão considerados como um capítulo separado, e terão uma seção diagonal. Com vinte e quatro capítulos além de 8:30-35, serão necessários vinte e cinco espaços diagonais ao todo. Por necessitarmos de muitos espaços diagonais para esse quadro, faremos cada espaço bem mais estreito do que aqueles usados no primeiro capítulo desta obra para o livro de Jonas.

Etapa 2 — Resumir os Capítulos

Examinar cada capítulo com cuidado e resumir o seu conteúdo numa frase breve de sete ou oito palavras. Colocar o resumo de cada capítulo no espaço diagonal correspondente.

O Livro de Josué:

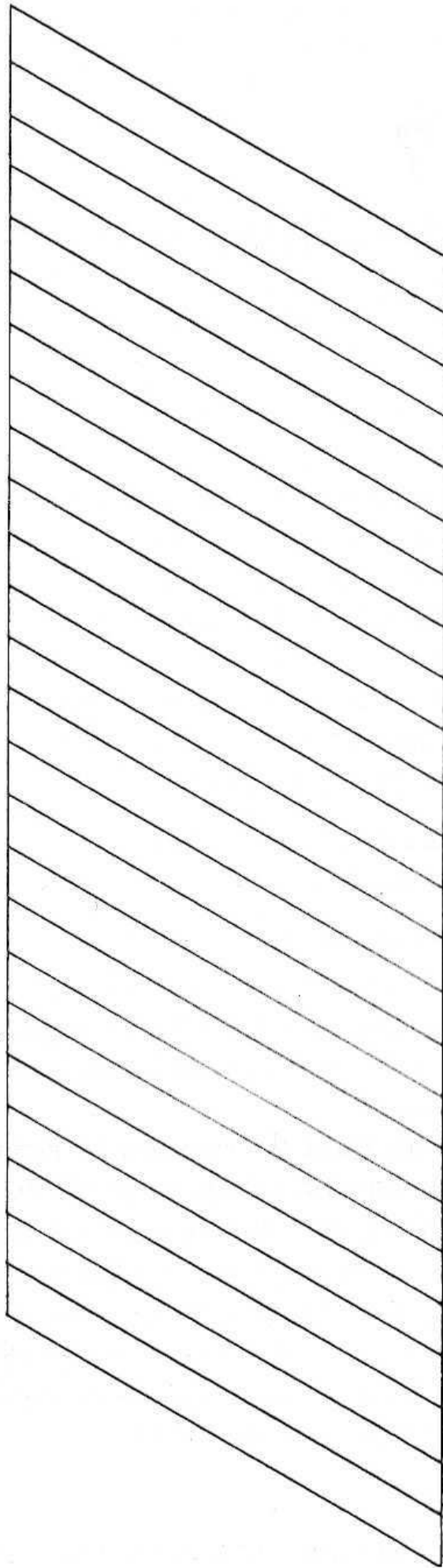


Figura 9

Na realidade, o capítulo 5 de Josué encerra-se no versículo 12. Da mesma maneira, o capítulo 6, referente à tomada de Jericó, começa de fato com Josué tendo a visão do príncipe do exército do Senhor, descrita em 5:13-15. Portanto, o trecho 5:1-12 estará numa seção e o trecho 5:13-6:27 estará na seção seguinte. Agora, o leitor tentará resumir, por si mesmo, cada um dos cinco primeiros capítulos, escrevendo o resumo nos devidos espaços diagonais. Não se esqueça de que cada resumo deve combinar com os outros de maneira adequada.

Ao continuar o resumo dos outros capítulos, não se esqueça de que 8:30-35 deve ser resumido como um capítulo à parte.

Somente depois de completado o resumo de cada capítulo de Josué é que se deve compará-lo com a Figura 10.

Pelo fato de Josué possuir muitos capítulos, cada seção do quadro está indicada apenas pelo número do capítulo, e não pelos versículos. Note-se que o sumário do capítulo 4 é igual ao do 3. À primeira vista, o capítulo 4 parece tratar das pedras memoriais que a mandado de Josué os representantes de cada tribo tiraram do rio, mas na realidade o capítulo é a continuação da história da travessia do rio Jordão. Este quadro pode tornar-se mais simples se agruparmos os capítulos 3 e 4 numa só seção diagonal.

Etapa 3 — Selecionando as Divisões Principais

Agrupe capítulos consecutivos afins para formar as divisões principais do livro. Indique os capítulos e versículos que abrangem cada divisão principal. Cada divisão deve receber um título apropriado.

Nesta etapa, cada divisão representa uma das divisões principais do livro. Alguns livros, como Jonas, têm apenas duas divisões principais, mas outros podem ter muito mais.

O título de cada divisão principal deve ser claro, mas breve, e deve ter estrutura paralela às outras divisões. Estes títulos, bem como os números dos capítulos e versículos, podem ser indicados ou acima ou abaixo das seções diagonais do quadro. Estes títulos, com os capítulos e versículos especificados, são o esboço básico do livro.

Ao examinar o resumo de cada capítulo no início do livro de Josué, o leitor notará que os primeiros cinco diferem dos capítulos seguintes, que formam a primeira divisão principal. Em face da

O Livro de Josué: A Ocupação da Terra de Canaã por Josué e pelo povo de Israel

1	Designação de Josué como líder
2	Espionagem da terra
3	Travessia do rio Jordão
4	Travessia do rio Jordão
5	Preparação final
6	Conquista de Jericó
7	Derrota em Ai
8	Conquista em Ai
9	Leitura da lei
10	Aliança com os gibeonitas
11	Conquista dos reis do Sul
12	Retrospecto dos reis do Norte
13	Herança de duas tribos e meia
14	Herança de Calebe
15	Herança de Judá
16	Herança de Efraim
17	Herança de Efraim e Manassés
18	Herança de Benjamim
19	Herança de outras tribos e de Josué
20	Cidades de refúgio
21	Cidades dos levitas
22	Altar edificado pelas duas tribos e meia
23	Exortação de Josué a Israel
24	Exortação final de Josué a Israel

Figura 10

narrativa que vem a seguir sobre a posse de Canaã por Israel, qual seria o título desta primeira divisão?

Ao examinar o resumo dos capítulos restantes, descubra onde está a mudança natural do pensamento do autor de Josué. Isso também é fácil. Dê título ao segundo grupo de capítulos. Este processo deve continuar até completar-se o esboço. Compare, agora, o esboço obtido com o da Figura 11.

Etapa 4 — Resumindo o Conteúdo das Divisões Principais

Faça um resumo do conteúdo de cada divisão principal. Coloque cada resumo diretamente abaixo da respectiva divisão principal.

Quando foi feito o quadro sobre Jonas no capítulo um, as divisões principais foram subdivididas. Nem sempre é necessário agir dessa forma. É possível, algumas vezes, resumir cada divisão principal procurando apenas observar o texto bíblico de uma perspectiva diferente.

Quando há pouco você examinou a Figura 11, notou que a primeira divisão principal recebeu o título: *Preparativos para a Conquista da Terra*. O conteúdo desses mesmos capítulos pode ser resumido com as palavras: *Vitória Antecipada*. Poder-se-ia, também, usar a expressão: *Obstáculos Vencidos*.

Tente completar o resumo de cada uma das outras divisões principais, lembrando-se de sempre usar estruturas paralelas. Depois do estudo terminado, compare-o com a Figura 12.

Etapa 5 — Ênfases Principais

Descubra as ênfases ou características principais do livro e coloque cada grupo na parte inferior do quadro.

Conforme foi ensinado no capítulo dois, há duas maneiras básicas de se encontrar as características principais de um livro. Em primeiro lugar, anote palavras, frases ou conceitos importantes que apareçam repetidas vezes. Em segundo lugar, considere o espaço dedicado a um assunto ou conceito.

Pode você se lembrar de algumas palavras ou frases importantes que aparecem diversas vezes em Josué? Volte ao primeiro capítulo de Josué e leia-o todo. Lá estão duas frases importantes que se repetem muitas e muitas vezes no capítulo e, também, na maioria dos outros vinte e três capítulos de Josué. São “o Senhor” e “a terra”. A primeira aparece mais de cem vezes em todo o livro. “O Senhor” é portanto um dos conceitos mais proeminentes do livro.

O Livro de Josué: A Ocupação da Terra de Canaã por Josué e pelo povo de Israel

1	Designação de Josué como líder	Preparativos para a Conquista da Terra	Divisão e Posse da Terra	Exortação para a Permanência na Terra
2	Espionagem da terra			
3	Travessia do rio Jordão			
4	Travessia do rio Jordão			
5	Preparação final			
6	Conquista de Jericó	Conflito e Vitória		
7	Derrota em Ai			
8	Conquista em Ai			
8	Leitura da lei			
9	Aliança com os gibeonitas			
10	Conquista dos reis do Sul			
11	Conquista dos reis do Norte			
12	Retrospecto das vitórias			
13	Herança de duas tribos e meia			
14	Herança de Calebe			
15	Herança de Judá			
16	Herança de Efraim			
17	Herança de Efraim e Manassés			
18	Herança de Benjamin			
19	Herança de outras tribos e de Josué			
20	Cidades de refúgio			
21	Cidades de outras tribos e de Josué			
22	Alter editado pelas duas tribos e meia			
23	Exortação de Josué a Israel			
24	Exortação final de Josué a Israel			

Figura 11

O Livro de Josué: A Ocupação da Terra de Canaã por Josué e pelo povo de Israel

1	Designação de Josué como líder	Preparativos para a Conquista da Terra	Divisão e Posse da Terra	Exortação para a Permanência na Terra
2	Esplonagem da terra			
3	Travessia do rio Jordão			
4	Travessia do rio Jordão			
5	Preparação final			
6	Conquista de Jericó			
7	Derrota em Ai			
8	Conquista em Ai			
9	Leitura da lei			
10	Aliança com os gibeonitas	Conflito e Vitória	Obtenção de Vários Sucessos	
11	Conquista dos reis do Sul			
12	Retrospecto dos reis do Norte			
13	Herança de duas vitórias			
14	Herança de duas tribos e meia			
15	Herança de Calebe			
16	Herança de Judá			
17	Herança de Efraim			
18	Herança de Efraim e Manassés			
19	Herança de Benjamin	Posse da Herança	Solenes Admoestações	
20	Herança de outras tribos e de Josué			
21	Cidades de refúgio			
22	Cidades dos levitas			
23	Altar edificad pelas duas tribos e meia			
24	Exortação de Josué a Israel			
	Exortação final de Josué a Israel			

Figura 12

Neste ponto, leia rapidamente todo o livro de Josué outra vez e observe como “O Senhor” é empregado no livro. Anote o resultado numa folha de papel.

Importantes afirmações como as seguintes foram feitas pelo Senhor a Josué no primeiro capítulo: “serei contigo; não te deixarei nem te desampararei” (v. 5), “o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares” (v. 9), “como fui com Moisés, assim serei contigo” (3:7), “o Deus vivo está no meio de vós” (3:10), “era o Senhor com Josué” (6:27). Essas citações são mais que suficientes para indicar que a ênfase está na presença do Senhor com Josué e Israel.

Mas há outro conceito em relação ao Senhor que se destaca tão fortemente quanto a presença do Senhor. Que sugerem afirmações como as seguintes em relação ao Senhor? “Ninguém te poderá resistir todos os dias da tua vida; como fui com Moisés, assim serei contigo” (1:5). “Porque temos ouvido que o Senhor secou as águas do mar Vermelho diante de vós, quando saíeis do Egito; e também o que fizestes aos dois reis dos amorreus, a Seom e a Ogue, que estavam além do Jordão, os quais destruístes. Ouvindo isto, desmaiou-nos o coração, e em ninguém mais há ânimo algum, por causa da vossa presença; porque o Senhor vosso Deus é Deus em cima nos céus e em baixo na terra” (2:10-11). Leia também 3:10-13, 17; 4:21-24; 6:2, e 8:1-2. Essas referências demonstram a ênfase no poder de Deus.

Mas ainda há outro conceito importante relativo ao Senhor. Observe as palavras do Senhor a Josué: “Não te deixarei nem te desampararei. Sê forte e corajoso, porque farás a este povo herdar a terra que, sob juramento, prometi dar a seus pais” (1:5-6). Leia também 1:15 e 3:11-13 comparando com 3:14-17; 6:2 comparando com 6:20-21; 8:1-2 comparando com 8:24-29. Há outras referências semelhantes em Josué, mas bastam essas para provar que a ênfase está na fidelidade de Deus. A fim de que este pensamento se fixasse profundamente na mente dos oficiais de Israel, o líder do povo de Deus declarou-lhes antes da sua morte: “Eis que já hoje sigo pelo caminho de todos os da terra; e vós bem sabeis de todo o vosso coração, e de toda a vossa alma, que nem uma só promessa caiu de todas as boas palavras que falou de vós o Senhor vosso Deus: todas vos sobrevieram, nem uma delas falhou” (23:14).

Estes três conceitos em relação ao Senhor devem ser colocados no final do quadro sintético, como foi feito com o primeiro con-

junto de características achadas em Josué.

A segunda frase importante encontrada no livro de Josué é “a terra”. Examine as seções diagonais em busca de informações sobre “a terra”. Compare suas conclusões com a Figura 13.

Como se chegou às outras características demonstradas na Figura 13? Conforme já foi observado, a frase “a terra” ocorre inúmeras vezes em Josué. No primeiro capítulo, há três referências (vv. 2, 3 e 11) ao fato de que a terra era dádiva do Senhor ao seu povo, Israel. Essa terra, o presente de Deus ao seu povo, tornou-se o lugar de bênção para Israel.

O livro enfatiza três bênçãos especiais que Israel recebeu de Deus na terra. Examinando as seções diagonais do quadro, nota-se que, em um livro de vinte e quatro capítulos, cinco deles — a maioria bem extensos — são dedicados exclusivamente à conquista ou à vitória.

Dez capítulos detalham informações sobre a herança das doze tribos. Neste ponto nota-se que são mencionados muitos e muitos lugares em relação à herança. No capítulo 16 quase uma centena de cidades, grandes e pequenas, são arroladas como herança só da tribo de Judá. Esses dez capítulos falam da abundância ou da riqueza do povo de Deus na terra.

O conceito seguinte, por não ser tão claro quanto os outros, não é tão fácil de ser detectado. Podem-se, porém, encontrar diversas referências no livro ao descanso dado por Deus ao seu povo na terra de Canaã. Essa idéia aparece repetidas vezes no livro (1:15, 11:23, 14:15 e 21:44), e é tão importante que o autor de Hebreus a menciona nos capítulos 3 e 4 de sua epístola.

Mas havia duas condições básicas para o povo de Israel receber as bênçãos descritas em Josué. Tinham de crer em Deus e tinham também de obedecer a ele. Considere-se, por exemplo, a travessia do Jordão no capítulo 3: “porque há de acontecer que, assim que as plantas dos pés dos sacerdotes que levam a arca do Senhor, o Senhor de toda a terra, pousem nas águas do Jordão, serão elas cortadas, a saber, as que vêm de cima, e se amontoarão” (v. 13). Nos quatro versículos seguintes observa-se que, embora a palavra fé não apareça no texto, a reação do povo e dos sacerdotes foi uma prova de fé e de obediência. O mesmo aconteceu na conquista de Jericó, no capítulo 6, em que o exército de Israel, ao conquistar a cidade de um modo que parecia absurdo, dependeu inteiramente de Deus e obedeceu às suas ordens específicas. Hebreus 11:30 faz o seguinte comentário maravilhoso sobre o texto: “Pela

fé ruíram as muralhas de Jericó, depois de rodeadas por sete dias.”

Aplicação Prática

A aplicação prática de tudo isso é evidente. O Deus, cuja presença esteve com o seu povo quando se deu a posse da terra de Canaã, está conosco nos dias atuais. Lê-se em Hebreus 13:5: “De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei.” E nas palavras finais da Grande Comissão, o próprio Senhor Jesus disse aos seus discípulos: “E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mateus 28:20).

O livro de Josué ressalta ainda que Deus não é somente o Deus que está sempre com os seus, mas também que ele é o Deus onipotente e todo-poderoso. Pode ser que estejamos enfrentando obstáculos intransponíveis e dificuldades grandes demais, como aconteceu com Josué e o seu povo. Mas o Senhor, que secou as águas do rio Jordão e realizou milagres a favor do seu povo naqueles tempos antigos, é perfeitamente capaz de realizar coisas grandes e poderosas para nós hoje.

E o Deus de Israel, que cumpriu a sua promessa ao seu povo quando este entrou na terra da promessa, é também o Deus fiel que cumpre a sua promessa para conosco. O Senhor Jesus declarou: “Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão” (Mateus 24:35).

Assim como Deus levou o povo de Israel a experimentar bênçãos temporais por causa da sua fé e obediência, somente gozamos bênçãos espirituais quando acreditamos nas palavras de Deus e andamos em obediência diante dele. Certamente que uma das mais importantes lições do livro de Josué é a de que não há bênção para o crente desobediente. Por outro lado, para o filho de Deus que confia nele e lhe obedece sem questionar, há vitória gloriosa, e abundante descanso.

Etapa Final

Como etapa final, é preciso dar ao quadro um título que resuma todo o conteúdo do livro numa simples frase: A Ocupação da Terra de Canaã por Josué e pelo Povo de Israel.

Exercício 7

Mesmo tendo nós completado o quadro sintético do livro de Josué, diversas características nele existentes nos serão ainda enigmas, a menos que façamos também o tratamento do ponto de vista geográfico, cultural e histórico.

Portanto, como parte da sua tarefa, revise estes três métodos de

estudo. Com o auxílio de um atlas, trace o mapa de Canaã, mostrando a rota de Josué nas suas campanhas, bem como as cidades por ele conquistadas. Indique, também, o território entregue às doze tribos.

A fim de saber qual o cenário cultural e histórico do livro de Josué, leia os seguintes textos: Levítico 18; Números 13, 14 e 32, e Deuteronômio 7:1-6. Consulte depois um dicionário bíblico ou qualquer outro livro de pesquisa para mais informações.

Como segunda parte da sua tarefa, faça um quadro sintético do livro de Juízes, com o resumo de cada capítulo. (Lembre-se de que um capítulo não acaba necessariamente com a divisão em capítulos indicada na Bíblia.) Trabalhe com as divisões principais, os respectivos resumos, e as características principais do livro.

8

Tratamento Doutrinário

Definição de Doutrina Bíblica

Suponho que os leitores, na sua grande maioria, já tenham lido os três primeiros capítulos de Gênesis. Mesmo que você jamais tenha freqüentado uma escola bíblica ou tido o privilégio de estudar as Escrituras, só pela simples leitura desses capítulos já aprendeu algumas verdades doutrinárias.

Algumas dessas verdades que cruzaram a sua mente podem ter sido as seguintes: Há um Deus. Ele é o Criador do Universo. Ele é onipotente, e os seus atos de criação foram executados apenas pela sua vontade e pelo seu falar. É um ser inteligente, tendo feito a sua criação ordenadamente, com propósitos definidos. Ele é o criador do homem. O homem foi feito à imagem de Deus. Deus é soberano, possuindo autoridade sobre o Universo e sobre o homem. O homem é livre para escolher entre o bem e o mal. O homem foi criado em inocência. O homem caiu por ato de sua própria escolha. O pecado do homem separou-o da presença de Deus.

Estas verdades e milhares de outras encontram-se nas páginas das Escrituras. Assim, a Bíblia é o nosso manual de fé. Isso quer dizer que o próprio Deus ensinou-nos o dever de crer nele, bem como qual deve ser o nosso relacionamento com ele e o seu Universo. As Escrituras contêm toda a verdade em que devemos crer. Esta verdade é chamada de doutrina bíblica. Teologia, que quer dizer literalmente “o estudo de Deus”, é termo muitas vezes usado como sinônimo de doutrina.

A Verdade Encontrada nas Escrituras

Afirmações Doutrinárias Indiretas

Na Bíblia as verdades doutrinárias são expostas de diversas formas. Principalmente as seções históricas e proféticas das Escrituras afirmam as verdades de modo indireto por suposição,

conclusão ou ilustração. Por exemplo, doutrinas importantes, como a existência de Deus, sua personalidade e seu interesse pelos homens são suposições aceitas como básicas na Bíblia. As afirmações doutrinárias derivadas da leitura de Gênesis são deduzidas do relato da criação e da queda do homem em Gênesis 1-3. Apesar de os termos *criador*, *soberania*, *livre arbítrio* e *pecado* não aparecerem no texto, estes conceitos estão claramente indicados nos três primeiros capítulos da Palavra de Deus. Também é verdade que no resto da Bíblia há inúmeras conclusões doutrinárias de importância vital.

Há, também, numerosos exemplos de ilustração na Bíblia. Por exemplo, o relato da destruição de Sodoma e Gomorra em Gênesis 19 demonstra a santidade de Deus e o seu justo castigo sobre o homem por causa do pecado. A conhecida história de Davi e Golias ensina a importância de se ter confiança na onipotência de Deus em situações críticas. E em todo o livro de Ester, que não menciona o nome de Deus uma só vez, sobressai a providência divina, prevendo e atendendo o seu povo do começo da crise até ao fim.

Afirmações Doutrinárias Claras

Em toda a Bíblia há também centenas de afirmações doutrinárias claras. Por exemplo, em Êxodo 34:6-7 encontra-se uma expressão específica do caráter de Deus: “E, passando o Senhor por diante dele [Moisés], clamou: Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo, e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado, e visita a iniquidade dos pais nos filhos, e nos filhos dos filhos até à terceira e quarta geração.”

Em Deuteronômio 6:4 há uma declaração clara sobre o monoteísmo: “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.”

Os Salmos contêm grande número de afirmações doutrinárias diretas. Uma delas ocorre no Salmo 19:8: “Os preceitos do Senhor são retos e alegram o coração; o mandamento do Senhor é puro, e ilumina os olhos.”

Entre os profetas maiores está Isaías, que em 53:6 fala da condição transviada do homem: “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.”

Dentre os profetas menores, Malaquias 3:6 fala da imutabilidade de Deus: “Eu, o Senhor, não mudo.”

Também no Novo Testamento encontram-se exemplos de afirmações doutrinárias claras. João 3:16 é uma das mensagens de salvação mais conhecidas da Bíblia: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”

Mais um versículo, 1 Pedro 3:18, ainda sobre a salvação: “Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus.”

Todas estas e muitas outras claras afirmações bíblicas revelam-nos o que a Palavra de Deus ensina acerca dos fundamentos da nossa fé.

Palavras e Frases Doutrinárias

Além das afirmações doutrinárias indiretas e claras, há na Bíblia centenas de frases ou simples palavras de caráter doutrinário. O entendimento destas palavras e frases é de grande importância para o conhecimento da doutrina.

Eis alguns exemplos de tais palavras e frases: lei, graça, paz, fé, obras, cruz, justificação, redenção, dádiva, carnal, separação, reino de Deus, obras da carne, em Cristo, o Senhor dos senhores, o Espírito da Verdade, a santificação do Espírito.

Textos doutrinários mais Extensos

Algumas porções bíblicas são substancialmente doutrinárias, isto é, são uma apresentação sistemática de importante tema doutrinário específico.

A epístola de Paulo aos Romanos, por exemplo, contém extenso estudo sobre a justiça de Deus no evangelho. Paulo debate a condenação, ou a necessidade humana de justiça, começando com Romanos 1:18. De 3:21 a 5:21 ele apresenta a justificação, ou como Deus passa a considerar-nos justos. A começar com 6:1, Paulo debate a santificação ou a concessão da justiça. E, em 8:14-39, ele conclui o assunto com a glorificação, ou a realização final da justiça.

Há outras passagens bíblicas, a maioria bem mais curta do que esta última, que apresentam verdades vitais. Podem ser encontradas na maioria das epístolas de Paulo, nas de Pedro e João, e na epístola aos Hebreus.

As Principais Doutrinas da Bíblia

Desde o começo da era cristã, grandes eruditos têm refletido sobre as doutrinas bíblicas. Muitos deles têm dedicado toda a

vida ao estudo da teologia, examinando com todo o cuidado todas as passagens bíblicas referentes a cada doutrina das Escrituras. O material reunido por eles foi classificado em nove importantes categorias:

Bibliologia, o estudo do caráter da Bíblia.

Teologia própria ou Teísmo, que abrange o estudo dos atributos, das características, dos nomes e das obras de Deus.

Cristologia, ou o estudo da pessoa de Cristo.

Pneumatologia, a doutrina do Espírito Santo.

Angelologia, ou o que a Bíblia ensina sobre os anjos, tanto os santos como os caídos, e sobre Satanás.

Antropologia, ou o estudo da origem, natureza e queda do homem e sua atual responsabilidade e destino.

Soteriologia, a doutrina da salvação.

Eclesiologia, a doutrina da igreja como corpo espiritual dos crentes.

Escatologia, ou o estudo dos últimos acontecimentos da história de Israel, dos gentios e da igreja, e o eterno estado de todas as coisas.

Cada categoria possui várias subdivisões. A soteriologia, o estudo da doutrina da salvação, por exemplo, divide-se em categorias como a natureza do sacrifício expiatório de Cristo; redenção, ou o pagamento do resgate pelo pecado; justificação; regeneração, ou o novo nascimento; santificação, e outras categorias. Esta codificação de doutrinas da Bíblia é chamada teologia sistemática. Todos os grandes fundamentos da fé foram tão bem organizados em livros sobre a doutrina bíblica, ou teologia sistemática, que o leitor de capacidade média pode adquirir uma visão generalizada da verdade bíblica.

Como Proceder num Estudo Doutrinário de um Livro da Bíblia

O campo do estudo doutrinário é tão rico e vasto que ninguém ainda foi capaz de descobrir tudo sobre as verdades bíblicas. O estudo inteligente de um extenso texto doutrinário exige habilidade exegética e interpretativa que está além da finalidade deste livro. Entretanto, por meio de método muito simples, que pode ser descrito como exame tópico dos materiais doutrinários de um livro, você pode desfrutar a agradável experiência de fazer a pesquisa doutrinária por sua própria conta. Ponha em prática esse

procedimento usando um livro agora já muito conhecido do leitor: 1 Tessalonicenses.

1. *Selecione a área doutrinária a ser estudada num livro da Bíblia.*

Para escolher a área a ser estudada, leia e releia o livro todo, anotando as suas áreas doutrinárias mais importantes. Por exemplo, ao ler 1 Tessalonicenses, a decisão pode recair na Cristologia; isto é, tudo o que os seus cinco capítulos têm a dizer sobre a pessoa de Cristo. E isto seria tarefa muito maior do que se poderia imaginar. O livro trata das seguintes características doutrinárias referentes à pessoa de Cristo: seus títulos, seu relacionamento com Deus Pai, sua morte e ressurreição, seu relacionamento com o evangelho, sua segunda vinda em relação ao crente e em relação ao mundo, seu relacionamento com o cristão.

É óbvio que será necessário limitar a pesquisa. Assim, podem-se restringir as investigações doutrinárias aos efeitos que a segunda vinda de Cristo terá sobre o crente, conforme demonstrado em 1 Tessalonicenses. Ou pode-se também escolher um estudo sobre os títulos dados a Cristo nesta epístola, assunto que focalizaremos ainda neste capítulo.

2. *Faça um quadro com todas as referências do livro sobre o item pesquisado.*

O segredo do exame tópico do material doutrinário é anotar cada item do livro referente ao assunto em questão. São muitos os títulos de Cristo que a pesquisa dessa breve carta de Paulo revela. No quadro seguinte estão em colunas paralelas todas as referências ao nome de Cristo nesta epístola, a ordem numérica, o texto bíblico e a parte da passagem em que aparece o título de Cristo.

Títulos de Cristo em 1 Tessalonicenses

No	Referência	Citação
1	1:1	À igreja . . . em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo.
2	1:1	Graça e paz a vós outros . . . do Senhor Jesus Cristo.
3	1:3	. . . firmeza da vossa esperança em nosso Senhor Jesus Cristo.
4	1:6	. . . vos tornastes imitadores nossos e do Senhor . . .
5	1:8	. . . repercutiu a palavra do Senhor . . .
6	1:10	. . . aguardardes dos céus o seu Filho . . .
7	1:10	. . . ressuscitou dentre os mortos, Jesus . . .

90 Como Estudar a Bíblia

8	2:7	... como enviados de Cristo ...
9	2:14	... imitadores das igrejas de Deus existentes na Judéia em Cristo Jesus;
10	2:15	... mataram o Senhor Jesus ...
11	2:19	... em que exultamos na presença de nosso Senhor Jesus ...
12	3:2	... ministro de Deus no evangelho de Cristo ...
13	3:8	... estais firmados no Senhor.
14	3:11	... nosso mesmo Deus e Pai, com Jesus, nosso Senhor [Senhor Jesus em algumas traduções], dirijam-nos o caminho ...
15	3:12	e o Senhor vos faça crescer, e aumentar no amor ...
16	3:13	... na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos.
17	4:1	... exortamos no Senhor Jesus ...
18	4:2	... quantas instruções vos demos por intermédio do Senhor Jesus.
19	4:6	... porque o Senhor ... é o vingador ...
20	4:14	... cremos que Jesus morreu e ressuscitou ...
21	4:14	... Deus, mediante Jesus, trará ...
22	4:15	... por palavra do Senhor ...
23	4:15	... que ficarmos até a vinda do Senhor ...
24	4:16	Porquanto o Senhor mesmo ... descera dos céus ...
25	4:16	... e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro;
26	4:17	... para o encontro do Senhor nos ares ...
27	4:17	... estaremos para sempre com o Senhor.
28	5:2	... o dia do Senhor vem como ladrão ...
29	5:9	... para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo.
30	5:12	... vos presidem no Senhor ...
31	5:18	... esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco.
32	5:23	... na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.
33	5:27	Conjuro-vos, pelo Senhor ...
34	5:28	A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco.

3. Classifique o material reunido.

Organize as informações obtidas, colocando-as em ordem adequada. Pode-se usar seqüência lógica, cronológica, numérica ou qualquer outra que se adapte ao material adquirido. Ao analisarmos os títulos dados a Cristo em 1 Tessalonicenses, observamos que o apóstolo Paulo, nos seus cinco capítulos, referiu-se a Cristo nominalmente trinta e quatro vezes, e deu sete diferentes títulos ao Salvador, conforme esta lista por ordem de freqüência:

Filho — uma vez

Cristo Jesus — duas vezes
 Jesus — três vezes
 Cristo — três vezes
 Senhor Jesus — seis vezes
 Senhor Jesus Cristo — seis vezes
 Senhor — treze vezes

4. Aprenda a Importância das Observações Feitas.

Com auxílio de material não-bíblico, obtenha o significado do material relacionado. Livros de consulta, concordâncias bíblicas e dicionários, bem como outras fontes de informação, podem auxiliar.

Ao usar diversas fontes no estudo de três dos títulos dados ao Senhor Jesus em 1 Tessalonicenses, descobriu-se o seguinte:

Cristo. Cristo é a forma grega da palavra hebraica *Mashiah*, de onde vem a palavra *Messias*, que quer dizer “ungido”. No Antigo Testamento aparecem três classes de pessoas unguidas com óleo: profetas, sacerdotes e reis. Cristo, que é o profeta, o sacerdote e o rei, foi ungido com o Espírito Santo (Mateus 3:16) a fim de mostrar que ele era mesmo o ungido de Deus, que em sua pessoa foram cumpridas as promessas da vinda de um profeta (Deuteronômio 18:15-19), de um sacerdote (Salmos 110:4) e de um rei (2 Samuel 7:7-10). Assim, Cristo no Novo Testamento é o equivalente a *Messias* (*Mashiah*), título hebraico no Antigo Testamento. Bem como André disse ao seu irmão Simão em João 1:41: “Achamos o Messias (que quer dizer Cristo).”

Jesus. Jesus é a forma grega do nome hebraico Josué (*Yehoshua*) que significa “Jeová, o Salvador” (Lucas 1:31, 2:21). Este é o nome humano do nosso Senhor, nome que o relaciona ao grande propósito da sua vinda ao mundo — salvar a humanidade do pecado (Mateus 1:21).

Senhor. Embora o nome *Senhor*, que significa “mestre”, seja às vezes usado no Novo Testamento com referência a homens, é mais freqüentemente empregado com referência a Cristo. (Leia-se Colossenses 4:1 onde a mesma palavra é aplicada a homens e a Cristo.) Os escritores do Novo Testamento usam a palavra *Senhor* repetidas vezes como título divino de Jesus Cristo (Atos 2:36; Romanos 1:3-4; Filipenses 2:11). É também usado no Novo Testamento para se referir especificamente ao Jeová do Antigo Testamento. (Procure as seguintes referências em que o título *Senhor* é usado em relação ao Jeová do Antigo Testamento: Mateus

1:22-23; 3:3; Marcos 12:29-30; Lucas 1:68; 2:9. Observe também as seguintes referências que identificam a Jesus Cristo com o próprio Jeová: Mateus 22:43-45; João 8:58; 14:8-10; 20:28; Atos 9:5.)

5. *Examine a relação entre as características doutrinárias e o contexto.*

Embora a investigação desse relacionamento seja sempre importante, neste tipo de pesquisa — o exame tópico do material doutrinário — o principiante pode achar essa investigação muito pouco prática. Isso é especificamente verdade no caso de 1 Tessalonicenses com suas muitas referências aos vários títulos de Cristo. Entretanto, de modo geral pode-se considerar o relacionamento de 1 Tessalonicenses com o estudo doutrinário dos títulos de Cristo e obter algumas novas idéias acerca de verdades espirituais.

Conforme observamos em capítulos anteriores, o conteúdo e o cenário histórico de 1 Tessalonicenses indicam com muita clareza que a igreja de Tessalônica era composta tanto de judeus como de gentios, e todos recém-convertidos ao Senhor Jesus. Quase imediatamente após a sua salvação, foram atirados à provação ao serem perseguidos pelos judeus que se opunham à mensagem do evangelho. É evidente de 3:1-5 que, na época em que a carta foi escrita, esses recém-convertidos cristãos continuavam a sofrer muito por causa da sua fé. Para os novos cristãos judaicos em particular, então, o nome do Senhor teria significado todo especial quando Paulo se referiu a ele como *Cristo*, o tão esperado Messias. Para os novos crentes gentios o nome de *Jesus*, Jeová que desceu dos céus a fim de salvar os homens do pecado, teria sido muito mais significativo. Mas tanto de uns como de outros ele era conhecido como *Jesus Cristo*, ou *Cristo Jesus*, pois para judeus e gentios a esperança de salvação era a mesma.

O uso freqüente que Paulo faz do termo *Senhor* chama a atenção. Esse título é empregado mais do que qualquer outro na epístola. Ao examinar o quadro, observe como *Senhor*, *Senhor Jesus* ou *Senhor Jesus Cristo* são empregados especificamente em conexão com o sofrimento dos crentes em Tessalônica. Talvez o apóstolo usasse esses termos para lembrar àqueles santos sofredores que suas terríveis provações não tinham vindo por acaso, que eles não eram meras vítimas de homens perversos, mas que o santo Senhor, no controle final de todas as coisas, permitia tais provações “a fim de que sejam os vossos corações confirmados

em santidade, isentos de culpa, na presença de Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos” (3:13).

Observe também que a palavra Senhor aparece em relação à segunda vinda de Cristo. Jesus disse quando esteve na terra: “E quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também” (João 14:3). Parece, então, que Paulo, ao dar este título à volta de Cristo para os seus, assegurava aos crentes de Tessalônica — e a todos os santos que têm lido esta epístola desde aquela época — que nada pode impedir ao Senhor soberano de cumprir a sua promessa de levar os seus com ele. Leia 1 Tessalonicenses 4:16-17: “Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados, juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor.”

Quando se observa o contexto em que aparece o título Senhor Jesus Cristo, vê-se que em quatro das seis ocorrências desse título o possessivo *nosso* o precede. Assim, Paulo enfatiza, por toda a epístola, o relacionamento pessoal que ele e os seus leitores tinham com o Senhor. Ele não era apenas o Senhor Jesus Cristo, mas o Senhor Jesus Cristo *deles*, com um relacionamento vital, pessoal e abençoado.

Finalmente, lendo outra vez a epístola, observa-se que, dos oitenta e nove versículos que compõem a carta, praticamente um em cada três contém uma referência a Cristo pelo título. Parece, portanto, que, pela repetição constante do Salvador pelo nome, Paulo procurou fazer com que os novos convertidos fixassem os seus olhos em Jesus.

6. *Faça a aplicação prática das verdades em sua própria vida.*

Assim, tendo obtido novas idéias da verdade com o estudo doutrinário, considere as maneiras de aplicá-las à própria vida. Para isso você deve meditar em oração sobre as verdades doutrinárias encontradas, e orar para que o Senhor revele em quais áreas do coração e da vida essas verdades devem ser aplicadas.

Muitas aplicações podem ser feitas neste estudo sobre os títulos de Cristo em 1 Tessalonicenses. Como sugestão, seguem duas aplicações:

1. Como Jesus é o meu Senhor, preciso perguntar a mim

mesmo: Adoro a Cristo realmente? Em caso afirmativo, quando e como eu o adoro? É ele digno de toda honra e louvor? Que tenho feito para dar-lhe o louvor devido?

2. Jesus Cristo é o meu Senhor pessoal. Assim sendo, tenho realmente dado a Cristo o lugar que ele merece no meu coração e na minha vida? Tenho-me rendido a Cristo de tal maneira que ele é realmente o mestre e o senhor do meu coração e da minha vontade?

Exercício 8

Embora o livro de Jonas seja histórico, é possível aprender doutrina neste livro também. Na realidade, o Senhor está tão presente na história de Jonas que, se o tirássemos do livro, nada de valor restaria. Aliás, o conteúdo divino do livro é tão grande, que é melhor limitar a sua tarefa doutrinária à descoberta do que ele diz sobre a soberania de Deus por ilustração ou dedução.

Para começar, faça uma lista de todas as referências do texto ao poder e à autoridade suprema de Deus, e uma breve anotação de como essas referências foram ilustradas ou deduzidas. Siga as diretrizes deste capítulo.

9

Tratamento Tópico

Definição do Método Tópico

Tratamento tópico do estudo da Bíblia é o método de selecionar um assunto e registrar as suas respectivas ocorrências em relação ao contexto. O tópico pode ser um conceito, um tema, uma palavra ou uma frase de um dos livros da Bíblia. Pode também ser uma parte de um livro, uma seção da Bíblia como o Pentateuco, os Profetas Menores, ou as epístolas pastorais de Paulo, e até mesmo todo o Antigo Testamento ou todo o Novo Testamento.

O estudo tópico não pode ser feito baseando-se em um ou dois parágrafos. É extraído da repetição de um conceito, de uma palavra ou frase difundidos em larga escala em grande parte das Escrituras. Quando o tópico é de natureza doutrinária e o esboço é feito através de ocorrências de conceito doutrinário, o estudo torna-se doutrinário.

Variedade de Estudos Tópicos

As Escrituras são fonte inesgotável de material para esse tipo de estudo, pois os tópicos abrangem todos os assuntos imagináveis com referência ao homem e suas necessidades. Podem-se estudar tópicos como: deveres dos pais, responsabilidades dos crentes para com o estado, promessas de Deus a seus filhos, condições para o recebimento de bênçãos, erros dos santos de Deus, alcance dos perdidos, fundamentos do caráter, fases do discipulado, antecipação da radiante vida celestial, estratégias de Satanás, sacrifícios espirituais, alegria de testemunhar de Cristo, segredos da vitória da vida cristã. Todos esses tópicos e centenas de outros estão nas páginas da Bíblia e à espera de descoberta e pesquisa.

Antes de comentarmos os procedimentos quanto ao estudo tópico de determinado livro, vejamos alguns exemplos desses estudos entre os muitos existentes na Bíblia.

O primeiro exemplo obtém o seu material de várias partes do Novo Testamento. Intitula-se “Privilégios que Podem Pertencer a Todos Nós”.

1. O privilégio de tornar-se filho de Deus (João 1:12).
2. O privilégio de tornar-se herdeiro de Deus (Romanos 8:16-17).
3. O privilégio de tornar-se discípulo de Cristo (João 8:31).
4. O privilégio de tornar-se amigo de Cristo (João 15:13-15).
5. O privilégio de tornar-se cooperador de Deus (1 Coríntios 3:9).

A segunda ilustração, extraída do Antigo Testamento, consiste de várias referências a coisas doces ou agradáveis achadas naquela parte das Escrituras. Observe que este tópico não abrange todas as coisas agradáveis dessa primeira parte da Bíblia, mas somente algumas das mais conhecidas.

1. Oferta de aroma suave e agradável — Gênesis 8:20-21; Levítico 1:9, 13, 17 — prenunciando o sacrifício de Cristo, uma “oferta de aroma suave” para Deus (Efésios 5:2).
2. Águas doces — Êxodo 15:25 — ilustrando a maneira pela qual o Senhor pode tornar doces as experiências amargas.
3. Palavras doces — Salmos 119:103 — sugerindo a doçura da Palavra de Deus para o crente em comunhão vital com o Senhor.
4. Fruto doce — Cantares 2:3 — indicando possivelmente o prazer do crente na pessoa de Cristo e no trabalho para ele.
5. Voz doce — Cantares 2:14 — simbolizando possivelmente o prazer de Cristo, como o noivo celestial, em ouvir um membro da sua noiva, a Igreja, dirigir-se a ele em oração e louvor. Consulte Efésios 5:25-27.

Vejamos ainda outra ilustração tirada do Antigo Testamento. Ao selecionarmos o tópico “Homens em Quem Deus Tem Prazer”, descobrimos, com o auxílio de uma concordância bíblica, certo tipo de pessoas em quem Deus tem prazer.

1. Deus tem prazer em homens íntegros (Provérbios 11:20).
2. Deus tem prazer em homens tementes a Deus (Salmos 147:11).
3. Deus tem prazer em homens obedientes (1 Samuel 15:22).
4. Deus tem prazer em homens que falam a verdade (Provérbios 12:22).

Uma quarta ilustração tem como base tanto o Antigo como o Novo Testamento. O seu título é "Jardins Importantes da Bíblia".

1. O Jardim do Éden — Gênesis 2:15; 3:1, 17-24 — onde o homem foi condenado à morte por causa do pecado.
2. O Jardim do Getsêmani — João 18:1; Mateus 26:36-42 — onde Cristo aceitou o cálice da ira divina por causa do pecado do homem.
3. O Jardim do sepultamento — João 19:41-42 — onde o corpo de Cristo foi depositado ao morrer por causa do pecado do homem.
4. O Jardim da nova Jerusalém — Apocalipse 22:1-3 — onde nunca mais haverá morte ou pecado.

Mais um exemplo tirado do Antigo e do Novo Testamento. O seu título é "Significativas Tempestades no Mar".

1. A tempestade que destruiu os navios construídos por Josafá com o fim de transportar ouro, quando esse rei não seguiu os desígnios de Deus (Deuteronômio 17:17; 1 Reis 22:49; 2 Crônicas 20:36-37).
2. A tempestade que atingiu o navio em que Jonas tentava fugir da presença de Deus (Jonas 1:3-4).
3. A tempestade que ocorreu quando os discípulos atravessavam o mar da Galiléia em obediência à ordem do Senhor (Marcos 4:35-41).
4. A tempestade que atingiu o apóstolo Paulo a caminho de Roma, aonde ia a fim de testemunhar perante César (Atos 27).

Se o tópico tiver como base uma porção muito grande das Escrituras e as referências forem muito numerosas, será necessário ou reduzir o tópico, ou omitir algumas das suas referências.

Com a permissão do seu autor, o Dr. Willard M. Aldrich, presidente emérito da Escola Bíblica Multnomah, apresento aqui um esboço tópico tirado do livro "Doorstep Evangel". Esse esboço, tendo como base o tópico "Motivos para o Cristão Ser Feliz", relaciona alguns dos motivos da felicidade do cristão, conforme as Escrituras.

1. O cristão é aceito.
 - (1) Por Deus (João 6:37; Lucas 15:2; Efésios 1:6-7).
 - (2) Pelos companheiros cristãos (1 João 1:7).
 - (3) Por sua própria pessoa renovada (Romanos 8:29-30; 12:1-2).

98 Como Estudar a Bíblia

2. Desaparece o sentimento de culpa do cristão.
 - (1) Através do perdão dos seus pecados (Isaías 1:18; Efésios 1:6-7).
 - (2) Através da justificação de Deus (Atos 13:38-39; Romanos 5:1).
3. O cristão tem um propósito na vida.
 - (1) Ao fazer a vontade de Deus (Romanos 12:1-2).
 - (2) Ao viver para a glória de Deus (Colossenses 3:17; 1 Coríntios 15:58).
4. O cristão possui uma fórmula eficaz para a felicidade.
 - (1) Mediante relacionamento correto com Deus (Salmos 16:8, 11).
 - (2) Mediante relacionamento correto com os companheiros (Gálatas 5:13-14; 6:10).
 - (3) Mediante relacionamento correto com as coisas (Atos 20:35).
5. O cristão tem um futuro feliz além do túmulo.
 - (1) Por estar com o Senhor por toda a eternidade (Salmos 23:6).
 - (2) Pela satisfação de ser semelhante ao Senhor, ao despertar na eternidade (Salmos 17:15).

Cada um dos dois próximos exemplos foi extraído de apenas um livro da Bíblia. O primeiro tem como fonte o Apocalipse, e chama a atenção para vários pontos mencionados nesse livro.

1. Cabelos brancos — 1:14 — emblema de pureza. Comparar com Salmo 51:7.
2. Pedrinha branca — 2:17 — símbolo de confraternização.
3. Vestes brancas — 3:5; 6:11; 7:9 — traje de justiça.
4. Nuvem branca — 14:14, 16 — prenúncio de julgamento.
5. Cavalo branco — 19:11 — símbolo de vitória.
6. Grande trono branco — 20:11 — julgamento de justiça.

Este último exemplo, tirado do livro de Atos, tem como título “Padrões Divinos para a Igreja”.

1. Deve ser uma igreja unida (Atos 1:14; 2:1, 46; 4:24, 32; 5:12).
2. Deve ser uma igreja cheia do Espírito Santo (Atos 4:8, 31; 6:3, 5; 7:58; 9:17; 11:24; 13:4).
3. Deve ser uma igreja que ora (Atos 1:14; 4:24-31; 6:4; 10:9; 12:5, 12).
4. Deve ser uma igreja que dá testemunho (Atos 1:8; 4:18-20, 33; 5:27-29; 8:5; 26:22).

5. Deve ser uma igreja que se preocupa com as missões (Atos 13:1-4; 14:27; 15:36-40; 18:18-23).

Como Proceder no Estudo de um Tópico de um Livro da Bíblia

1. Considere todos os tópicos da Bíblia importantes.

Todos os tópicos foram colocados nas Escrituras pelo Autor Divino a fim de satisfazer às necessidades dos homens em todas as circunstâncias da vida. Até o aparentemente comum pode sugerir verdades muito importantes. Além do mais, se é importante a opinião de grandes homens a respeito de certo assunto, muito mais importante é a opinião de Deus.

2. Selecione um assunto geral do livro.

Limite depois o estudo a um aspecto particular do assunto. Há numerosos temas nos diversos livros da Bíblia, mas, tratando-se de assunto muito geral, o estudante corre o risco de envolver-se numa tarefa acima da sua capacidade. É melhor restringir a investigação.

O livro de Provérbios, por exemplo, apresenta grande abundância de assuntos interessantes. Há repetidas referências à sabedoria e ao homem sábio. Amigo, vizinho, mexeriqueiro, jovem, pessoa diligente, pai, mãe, filho, tolo são outros tópicos. Por exemplo, a palavra "tolo", ou equivalente, aparece mais de oitenta vezes em Provérbios. Se houvesse tempo, seria interessante estudar cada um desses tópicos, examinando assim o que o livro ensina a respeito deles. Mas a tarefa pode ser simplificada tomando-se apenas um aspecto do assunto e deixando os demais para outra ocasião.

Por exemplo, o estudo pode ser restrito a um dos seguintes tópicos em relação ao tolo: as características do tolo, os prazeres do tolo, o linguajar do tolo, as atitudes do tolo para com os pais, os transtornos que o tolo causa aos outros.

Voltando ao livro de Jonas, procuremos nele alguns tópicos específicos:

1. Grandes acontecimentos do livro
2. Contrastes do livro
3. Meios singulares usados por Deus
4. Lições objetivas do livro
5. Milagres do livro
6. Tipos de oração
7. Lições extraídas da oração

3. *Anote todas as referências e faça uma lista de cada ocorrência do tópico, na ordem do seu aparecimento no livro.*

Você aprenderá, então, tudo o que Deus tem a dizer no livro sobre o assunto escolhido. Se o tópico for certa palavra ou frase, será bom usar uma concordância bíblica.

Se, por exemplo, o primeiro tópico do livro de Jonas for “Grandes Acontecimentos do Livro”, seria interessante fazer a seguinte lista:

1:2 — A grande cidade de Nínive

1:4 — Um grande vento

1:12 — Uma grande tempestade

1:17 — Um grande peixe

3:2 — A grande cidade de Nínive

3:3 — Nínive era realmente cidade muito grande, pois o profeta levou três dias para percorrê-la.

4:2 — Deus é clemente e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade

4:11 — A grande cidade de Nínive

Se, entretanto, o tópico for um conceito, é necessário ter o máximo cuidado ao examinar e anotar toda e qualquer referência em que a idéia apareça. Selecione o tópico “Milagres do Livro” de Jonas. Apesar da palavra “milagre” não aparecer uma só vez nos seus quatro capítulos, há alguns notáveis milagres registrados:

1:4, 12, 15 — O milagre da tempestade, tanto na maneira de começar como de terminar

1:17 — O milagre do grande peixe

2:1, 10 — O milagre da preservação de Jonas

3:5-10 — O milagre do arrependimento da grande cidade de Nínive

4:6-8 — O milagre da planta

4. *Classifique o material reunido.*

Reúna as informações numa ordem apropriada. Esta ordem pode ser numérica, cronológica, lógica, comparativa, contrastante, ou ainda qualquer outra, dependendo dos objetivos em mente.

Por exemplo, a palavra “consciência” aparece vinte e uma vezes na Chave Bíblica da Sociedade Bíblica do Brasil, edição de 1970. Para classificar o material deste livro, sob o tópico “consciência”, é possível colocá-lo em duas categorias. Primeiro, características de uma consciência insatisfatória:

Fraca (1 Coríntios 8:7, 12)
 Cauterizada (1 Timóteo 4:2)
 Corrompida (Tito 1:15)
 Má (Hebreus 10:22)

Segundo, aspectos de uma consciência satisfatória:

Purificada (Hebreus 9:14)
 Boa (Atos 23:1; Hebreus 13:18)
 Pura (1 Timóteo 3:9)
 Inofensiva (Atos 24:16)

Ao voltar aos grandes acontecimentos do livro de Jonas, note que a classificação mais adequada foi a ordem numérica dos itens. Vimos, deste modo, que a grandeza de Nínive está registrada quatro vezes, enquanto os outros itens apenas uma vez.

5. *Se possível, tome conhecimento do significado de cada ocorrência do tópico.*

Para fazer isso, use quaisquer meios extra-bíblicos acessíveis. Em se tratando de estudo sobre palavra ou frase, será bom usar uma concordância bíblica completa.

Com referência à “consciência satisfatória” já exposta no item 4, é importante observar que os escritores do Novo Testamento se serviram de dois diferentes adjetivos gregos para qualificar a palavra “consciência”. Um é “*agathos*”, usado mais com referência a uma boa consciência. Tem conotação de bondade conforme o padrão daquilo que é correto. É empregado em Atos 23:1, 1 Timóteo 1:5, 19, e 1 Pedro 3:16. O outro adjetivo grego, “*kalos*”, refere-se à bondade com conotação de perfeição, e é empregado em Hebreus 13:18.

A palavra “grande” aparece oito vezes no livro de Jonas. Sete vezes é derivada do hebraico com o significado de algo amplo. A única vez em que a palavra “grande” tem conotação diferente no texto original é em 4:2: “És Deus clemente, e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade”, e tem aí o significado de abundância de amor.

6. *Note o relacionamento entre o tópico e o contexto.*

Cada vez que uma porção das Escrituras é retirada do contexto — isto é, das palavras, sentenças e parágrafos à sua volta — essa porção bíblica pode ser mal-interpretada. Portanto, é importante observar o contexto e o verdadeiro sentido do tópico.

Exemplificando esta importante etapa, observemos o contexto

da frase “grande cidade” no livro de Jonas. Vejamos os seguintes versículos: 1:1-2; 3:1-2; 4:10-11. Ainda uma quarta referência poderia ser acrescentada: “Levantou-se, pois, Jonas, e foi a Nínive, segundo a palavra do Senhor. Ora, Nínive era cidade mui importante diante de Deus, e de três dias para percorrê-la. Começou Jonas a percorrer a cidade caminho dum dia, e pregava, e dizia: Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida” (3:3-4).

Em três dos quatro exemplos acima referidos, a parte relativa à grande cidade é declaração do próprio Senhor ao seu servo. A quarta referência diz respeito a Jonas percorrendo a cidade.

Assim, um estudo do contexto demonstra que o próprio Senhor comunicou diretamente a Jonas o seu interesse pela grande cidade, bem como a importância da missão que lhe foi confiada. Parece que Jonas jamais compreendeu a intenção e o objetivo de Deus para aquela metrópole gentia. Fez sua atrevida exigência para que Deus lhe tirasse a vida, na realidade, porque o desenrolar dos acontecimentos não ocorreu conforme o profeta desejara. O comportamento de Jonas indica o quanto seu coração estava longe do coração de Deus.

Veja o contexto de “grande” (abundante em amor) de 4:2. Estas palavras são do próprio profeta. Estudo mais extenso revela que Jonas tinha conhecimento nítido do caráter de Deus. Ao compararmos esse conceito com oráculos divinos de épocas anteriores, observamos que Jonas foi absolutamente ortodoxo nos seus pontos de vista. Do mesmo modo, a sua avaliação da misericórdia e da benignidade do Senhor era perfeitamente compatível com o caráter de Deus revelado naquelas porções do Antigo Testamento. Mas o homem que se expressou de maneira tão correta sobre o caráter amoroso do Senhor e sobre a sua misericórdia abundante, aquele homem que tão bem entendeu sua missão de misericórdia em Nínive, relutava em executar a ordem divina.

A observação do contexto revela o caráter do profeta, demonstrando que, apesar de profundamente ortodoxo na sua doutrina, ele tinha o coração obstinado e em desarmonia com o coração e a vontade de Deus.

7. Aplique, em sua própria vida, as verdades aprendidas neste estudo.

Como em todas as etapas do estudo bíblico, aqui também é preciso considerar o Espírito de Deus. Ele, e somente ele, pode revelar como as verdades contidas no estudo podem ser aplicadas

à própria vida. Às vezes as lições do Senhor chegam por meio de condenação e censura. Outras vezes em forma de encorajamento e esperança. E muitas vezes as lições podem levar o indivíduo à presença do Senhor e fazê-lo curvar-se em humilde adoração e louvor ao grande Deus e Salvador.

Concluimos este estudo com duas aplicações práticas. Se Jonas deixou de compreender o propósito de Deus, apesar de o Senhor ter falado de maneira clara e reiterada, não poderia eu também deixar de reconhecer a vontade de Deus para a minha vida não obstante o propósito divino estar, de maneira bem clara, revelado na sua Palavra? Necessito, portanto, de viver intimamente ligado ao Senhor, reconhecendo a sua voz com presteza e discernindo a sua vontade. “Vivifica-me segundo a tua palavra” (Salmo 119:25).

Se Jonas, ortodoxo servo do Senhor e bom conhecedor do caráter amoroso de Deus, deixou de reconhecer a sua própria insensibilidade, obstinação e desamor, em absoluto contraste com as qualidades divinas, não poderia eu também estar inteiramente cego às minhas próprias falhas? Quão importante será, então, quebrantar-me perante o Senhor todos os dias a fim de que ele possa, através da sua Palavra, revelar as minhas deficiências! Deverei, com toda a honestidade, implorar como Davi: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno” (Salmo 139:23-24).

Exercício 9

O estudo tópico de livros da Bíblia, como um processo, não pode ser assimilado mediante simples leitura de um capítulo deste livro. Você mesmo precisa fazer, sozinho, um estudo tópico. Se este for realmente o seu desejo, o Senhor o ajudará a elaborá-lo. Este pode bem ser o começo de muitas descobertas maravilhosas de verdades consagradas.

É nossa sugestão que você escolha um tópico de 1 Tessalonicenses e o desenvolva conforme ensinado neste capítulo. Sugerimos dois ou três tópicos encontrados nessa epístola: responsabilidades que os cristãos têm uns para com os outros; exemplos dos crentes de Tessalônica a serem imitados nos dias de hoje; lições sobre aflição, as quais podem ser aprendidas na epístola.

104 *Como Estudar a Bíblia*

Para um tratamento tópico mais profundo, leia o capítulo “O Sermão Temático” do meu livro “*Como Preparar Mensagens Bíblicas*”, também editado pela Editora Vida.

10

Tratamento Prático

Nos capítulos anteriores nosso principal objetivo foi a análise de material encontrado nas Escrituras. A natureza dos vários tratamentos que fizemos no estudo da Bíblia exige que concentremos em fatos esses tratamentos para nosso conhecimento da Palavra de Deus. Entretanto, se o leitor esteve alerta, pode ter notado que de vez em quando fizemos algumas afirmações deduzidas do texto e apresentadas em forma de princípios ou verdades eternas.

Princípios baseados em informações contidas na Bíblia podem ser tirados de qualquer parte das Escrituras. Estão à espera de serem descobertos. Considere em primeiro lugar o que é um princípio.

Definição de Princípio

O dicionário define princípio como uma verdade fundamental ou geral, uma regra de conduta pela qual a pessoa dirige sua vida, ou a afirmação de um fato básico verdadeiro. Em outras palavras, princípio é uma declaração bem definida, que se torna guia para a conduta.

Considere essa definição com cuidado. Ela ensina que um princípio possui diversas características.

1. É afirmação positiva, não negativa.
2. É declaração incisiva bem definida, expressa numa única sentença curta, contendo uma idéia importante.
3. É verdade sempre válida.
4. É regra estabelecida, básica para a vida e conduta.

Todos os cristãos sabem que as Escrituras contêm verdades, tanto implícitas como explícitas, pelas quais devem pautar a sua vida. Esta é uma das características da Bíblia que a tornam de valor supremo, acima de qualquer outra literatura. Quando deduzimos verdades espirituais ou morais de fatos históricos das

Escrituras, ocorridos há séculos, vinculamos a Palavra de Deus aos tempos atuais e demonstramos a sua relevância para os dias de hoje. Mas princípios eternos diferem da aplicação pessoal. Princípios são verdades válidas para todos, ao passo que a aplicação pessoal apresenta a verdade para uma pessoa acerca de um assunto específico.

Exemplos de Princípios Tirados das Escrituras

A fim de ilustrar princípios deduzidos das Escrituras ou baseados nelas, citaremos um versículo e dele afirmaremos um princípio.

Gênesis 15:1: “Depois destes acontecimentos veio a palavra do Senhor a Abrão, numa visão, e disse: Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, e o teu galardão será sobremodo grande.”

Princípio: A promessa da proteção do Senhor é garantia suficiente da segurança do crente.

Outro princípio baseado no mesmo texto: O crente confia nas promessas infalíveis de Deus.

Salmo 84:11: “Porque o Senhor Deus é sol e escudo; o Senhor dá graça e glória; nenhum bem sonega aos que andam retamente.”

Princípio: O Senhor promete bênçãos maravilhosas aos que cumprem a vontade divina.

Um segundo princípio: Quando andamos em obediência ao Senhor, sentimos a sua bondosa solicitude para conosco.

Mateus 9:37-38: “E então se dirigiu a seus discípulos: A seara na verdade é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.”

Princípio: Oração é o método divino para levantar obreiros para o trabalho do Senhor.

Segundo princípio: É responsabilidade do povo de Deus apoiar com orações o trabalho missionário.

Filipenses 2:30: “Por causa da obra de Cristo, chegou ele [Epafrodito] às portas da morte, e se dispôs a dar a própria vida, para suprir a vossa carência de socorro para comigo.”

Princípio: Dedicção sincera a Cristo nos fará deixar de lado nossos próprios interesses para ministrar aos outros.

Segundo princípio: Abnegação é o emblema do servo dedicado a Cristo.

Se você leu com cuidado essas afirmações, notou que todas elas possuem características de princípios, conforme idéia expressa

no início do capítulo, e se aplicam às situações da vida diária.

Efeitos dos Princípios Deduzidos das Escrituras

O exercício de descobrir princípios traz muitos benefícios ao estudante da Bíblia. Em primeiro lugar, obriga-o a analisar o texto com cuidado. A simples leitura de uma passagem bíblica não nos revela a sua importância nem as lições morais ou espirituais que possui. Para fazer um estudo em termos de princípios, necessitamos conhecer não só o que a Bíblia diz e qual o seu significado, mas também o que a sua mensagem significa para nós. Esse conhecimento não ocorre no exame apressado do texto, pois requer oração e meditação cuidadosa. Temos de perguntar-nos qual o relacionamento das verdades encontradas nas Escrituras com a vida, com as nossas próprias situações e com as situações das pessoas ao nosso redor. Depois de considerarmos a informação histórica contida na Palavra de Deus sob este aspecto, necessitamos expressar as próprias idéias em forma de princípios ou verdades eternas.

É claro que, quanto mais exata for a interpretação das Escrituras pela exegese e por meio de métodos eficazes de estudo, tanto mais facilmente determinaremos o verdadeiro significado do texto. As técnicas apresentadas em capítulos anteriores, se postas em prática, ajudarão a definir muitos princípios substanciais das Escrituras.

Como a maior parte do estudo bíblico apresentado neste livro refere-se a Jonas, faremos uma demonstração extraíndo princípios dos primeiros versículos do primeiro capítulo daquele livro. Para melhor aproveitamento, leia cada versículo do texto antes de tomar nota dos seguintes princípios:

V. 1. Com o seu poder soberano, o Senhor ocupa-se de cada pessoa pertencente ao seu povo. O Senhor nos fala através de sua Palavra.

V. 2. O Senhor observa o mal que os homens praticam na terra. Deus é o governador moral da humanidade.

V. 3. O modo mais fácil nem sempre é o correto. Pagamos um preço todas as vezes que desobedecemos a Deus.

V. 4. O Senhor sabe como alcançar a pessoa que tenta fugir dele. Deus usa até mesmo os elementos da natureza no cumprimento de seus propósitos.

V. 5. O crente desobediente é muitas vezes inteiramente insensível às necessidades dos que o rodeiam. O filho de Deus que

se afasta da vontade divina pode trazer muita dificuldade a outras pessoas, além de prejudicar-se a si mesmo.

V. 6. O Senhor às vezes usa pessoas não-salvas a fim de fazer que o crente desobediente assuma a sua responsabilidade. O crente se torna um mau testemunho para os não-salvos quando está afastado da vontade de Deus.

V. 7. O Senhor pode usar meios inesperados com o propósito de trazer filhos rebeldes de volta ao dever. Nunca se sabe quando o pecado vai fazer que as pessoas sejam apanhadas em erro.

A dedução de princípios obriga-nos a pensar nas idéias embutidas no texto. Como o leitor deve ter descoberto ao comparar os versículos de Jonas com os princípios deles deduzidos, as verdades declaradas não são mera repetição de palavras. São conceitos extraídos ou do que a Escritura afirma claramente ou do que sugere pelas palavras do texto.

Por exemplo, o princípio "O Senhor promete bênçãos maravilhosas aos que cumprem a vontade divina" foi extraído da afirmação do Salmo 84:11: "Nenhum bem sonega aos que andam retamente." E o princípio "Oração é o método divino para levantar obreiros para o trabalho do Senhor" tem como base a afirmação de Cristo em Mateus 9:38: "Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara."

Todavia, o princípio "É responsabilidade do povo de Deus apoiar com orações o trabalho missionário" é uma dedução, ou seja, não tem como base a afirmação explícita de Mateus 9:38, mas uma sugestão do texto.

O mesmo acontece com todos os princípios formulados em relação a Jonas 1:1-7.

Como Determinar os Princípios

1. *Faça o possível para obter a interpretação correta do texto antes de tentar deduzir os princípios.*

Não é demais enfatizar que a compreensão exata do texto bíblico é fundamental para a dedução de princípios corretos. Se o texto for mal compreendido, há o perigo de as conclusões serem inteiramente contrárias ao significado do texto sagrado, e a pessoa pode ser levada a caminhos tortuosos.

Às vezes, um texto pode aparentemente possuir certo significado, quando na realidade aplica-se somente a certa situação específica referida na Bíblia. Vejam-se, por exemplo, as instruções dadas por Jesus aos discípulos em Mateus 10:9-10 quando os

enviou a pregar: “Não vos proveireis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão.” Talvez alguém possa deduzir desse texto que o servo do Senhor, ao sair para o serviço de Cristo, não deve levar consigo coisa alguma que seja de natureza secular. Uma consideração cuidadosa do texto, todavia, demonstrará que o Senhor procurou impressionar os seus discípulos com a urgência do encargo. Era trabalho que necessitava de atenção imediata e absoluta.

Da mesma maneira, algumas promessas da Bíblia devem ser consideradas à luz do contexto individual, cultural ou dispensacional. O contexto da dispensação é muitas vezes determinado pela observação do que está sendo afirmado e pela comparação de referências bíblicas paralelas. Por exemplo, em 2 Samuel 7:16 o Senhor fez a seguinte promessa a Davi: “A tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será estabelecido para sempre.” O contexto e várias referências cruzadas, como Salmo 89:30-37, Lucas 1:31-33 e Atos 2:29-36 indicam claramente que a promessa dada a Davi só poderia ser cumprida com um descendente que fosse eterno, isto é, o Filho de Deus, o Senhor Jesus Cristo, que vive para sempre e cujo trono será perene.

Saliente-se que, apesar de não ser possível discutir aqui os princípios básicos da interpretação bíblica, um desses mais importantes princípios é sempre considerar o texto em relação ao contexto.

2. *Verifique se cada princípio enunciado está de acordo com o ensino da Palavra de Deus.*

Qualquer princípio contrário às Escrituras deixa de ser válido. Portanto, ao formular princípios, é preciso estar certo de que a lição moral ou espiritual está inteiramente de acordo com a Palavra de Deus. O principiante nesse tipo de estudo deve ter a prudência de consultar um cristão mais amadurecido que tenha perfeito conhecimento das Escrituras, a fim de determinar se os princípios deduzidos estão de acordo com os ensinamentos bíblicos. É possível que, à primeira vista, aquilo que pareça ser uma ordem ou a maneira certa de proceder não esteja de acordo com a vontade divina revelada em toda a Bíblia.

Por exemplo, embora o apóstolo Paulo recomendasse aos efésios, em 6:5, que os escravos fossem obedientes aos seus senhores, ele não estava com isso fechando os olhos à prática da escravidão.

Na realidade, os princípios traçados em suas epístolas, especialmente na carta a Filemom, tinham o propósito de um dia acabar com esse cruel tráfico de seres humanos onde quer que o evangelho se estabelecesse.

3. *Para obter uma visão geral das lições espirituais de um livro, formule princípios que abranjam verdades fundamentais nas divisões principais do livro.*

Os princípios podem ser deduzidos não somente de meros versículos das Escrituras, mas também de unidades de pensamento, como um parágrafo, diversos parágrafos consecutivos, um capítulo inteiro ou ainda capítulos consecutivos relacionados entre si e com um conceito comum.

Por exemplo, um princípio deduzido do primeiro capítulo de Josué pode ser assim declarado: “O Senhor dá capacidade divina à pessoa que ele coloca numa posição de liderança.”

Podemos usar o livro de Jonas para demonstrar como deduzir princípios das divisões principais de um livro. No quadro sintético do livro de Jonas, elaborado nos capítulos 1 e 2, nota-se que o livro está dividido em duas partes principais. Jonas 1 e 2 referem-se à primeira missão, e o restante do livro à segunda. O princípio a ser formulado não será mera repetição da idéia de cada divisão principal, mas sim a resultante de cada verdade espiritual sugerida por ela.

Leia novamente os quatro capítulos de Jonas. Tente descobrir, por si mesmo, um princípio que expresse a verdade inabalável de cada divisão principal.

Eis uma verdade fundamental que sobressai nos capítulos 1 e 2: “Sempre sofremos ao desobedecermos ao Senhor.”

A verdade fundamental expressa nos capítulos 3 e 4 pode ser: “Deus deseja a salvação de todos os homens, tanto judeus como gentios.”

4. *Enuncie um princípio que personifique a verdade fundamental de um livro inteiro.*

Em capítulos anteriores já vimos que não basta a visão geral de um livro e a relação das suas partes com o todo. Para entender a mensagem é necessário considerarmos também os aspectos geográfico, cultural e histórico. Feito isso, estaremos preparados para enunciar o princípio ou a lição espiritual do livro.

Embora já tenhamos estudado os aspectos geográfico, cultural e histórico do livro de Jonas, lembramos que esse profeta viveu

numa época de trágica apostasia em sua própria terra natal, Israel. O Senhor usou vários meios, inclusive três ressurreições, a fim de chamar o seu povo ao arrependimento. Agora, a experiência de Jonas, a descrição do castigo de Deus ao seu profeta desobediente, a transformação do povo pagão de Nínive, e a expressão da compaixão do Senhor pela cidade arrependida foram escritas para convocar Israel ao arrependimento e avisar o povo de Deus de que haveria julgamento se continuassem no pecado.

Com isso em mente, propomos o seguinte tema para todo o livro de Jonas: “Quando as pessoas persistem em rejeitar os apelos de Deus para o arrependimento, é certo que terão de enfrentar julgamento.” Outra maneira de afirmar esta verdade espiritual: “Aqueles que obstinadamente resistem à misericórdia divina, não se livram do julgamento de Deus.”

Exercício 10

Prepare o seguinte:

1. Deduza dois princípios para cada um dos sete primeiros versículos de 1 Tessalonicenses.
2. Escreva um princípio que abranja cada uma das duas divisões principais de 1 Tessalonicenses. (Os capítulos 1-3 perfazem a primeira divisão, e os capítulos 4 e 5, a segunda.)
3. Com o conteúdo básico de 1 Tessalonicenses em mente, bem como com o seu cenário geográfico, cultural e histórico, e os motivos pelos quais a epístola foi escrita, formule um princípio que abranja a epístola toda.
4. Enuncie um princípio que abranja cada divisão principal (quatro) do livro de Josué (1—5:12; 5:13—12; 13—22; 23—24).
5. Enuncie um princípio que abranja todo o livro de Josué à luz do seu conteúdo e cenário.

11

Tratamento Tipológico

Justificação Bíblica para o Estudo de Tipos

Está muito claro na Palavra de Deus que o Senhor designou certos indivíduos, acontecimentos, instituições e objetos do Antigo Testamento para dar um vislumbre ou uma ilustração de verdades significativas do Novo. Ao compararmos esses *antítipos*, ou verdades do Novo Testamento, com seus precursores do Antigo, percebemos que os *antítipos* foram realmente preordenados pelo próprio Deus para ser a personificação dos tipos que eles, numa imagem um tanto velada, representariam. Para termos a certeza de que as Escrituras atestam esta verdade, observemos as seguintes declarações do Novo Testamento:

Romanos 5:14: “Entretanto reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual prefigurava aquele que havia de vir.”

No original grego a expressão “prefigurava aquele” é “era o *tupos* daquele . . .”. Da palavra grega “*tupos*” vem a nossa palavra “*tipo*”. Portanto, esse texto fala claramente que Adão era, de certo modo, *tipo* de Cristo.

1 Coríntios 10:6: “Ora, estas coisas se tornaram exemplo para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobicaram.”

1 Coríntios 10:11: “Estas coisas lhes sobrevieram como exemplo, e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado.”

A palavra “*exemplo*” nesses versículos é derivada da mesma palavra grega “*tupos*” de Romanos 5:14, significando *tipo*, ou modelo para imitação ou admoestação.

Nesses dois versículos de 1 Coríntios 10, o apóstolo Paulo se refere a certos acontecimentos registrados no Pentateuco, quando Israel pecou contra o Senhor no deserto. Paulo usou esses acon-

tecimentos para alertar os crentes sobre as conseqüências de desobediência idêntica.

Hebreus 8:3-5: “Pois todo sumo sacerdote é constituído para oferecer assim dons como sacrifícios; por isso era necessário que também esse sumo sacerdote tivesse o que oferecer. Ora, se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria, visto existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei, os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte.”

Nesse texto, a palavra “*figura*” traz a conotação de imagem ou esboço refletido como sombra, isto é, silhueta ou prenúncio.

Hebreus 9:8-9: “Querendo com isto dar a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santo Lugar não se manifestou, enquanto o primeiro tabernáculo continua erguido. É isto uma parábola para a época presente; e, segundo esta, se oferecem assim dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto.”

Essa passagem afirma, com toda a clareza, que o primeiro tabernáculo do deserto é uma *parábola*, ou ilustração propositada de algo com o qual deveria ser comparado.

Hebreus 10:1: “Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem.”

A expressão “*sombra*” nesse versículo é exatamente a mesma de *Hebreus 8:5*, e sugere uma silhueta ou prenúncio. Esse versículo ensina, portanto, que os sacrifícios prescritos pela lei levítica eram prenúncios de um sacrifício superior ainda por vir.

Hebreus 11:17-19: “Pela fé Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito aquele que acolheu alegremente as promessas, a quem se havia dito: Em Isaque será chamada a tua descendência; porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou.”

Aqui, a palavra “*figuradamente*” corresponde ao grego “*em parábola*”, a mesma idéia de *Hebreus 9:9*, e indica que a volta de Isaque foi uma metáfora da ressurreição.

Além dessas afirmações claras e inconfundíveis à presença de tipos no Antigo Testamento, inúmeros outros textos no Novo su-

gerem a existência, no Antigo, de diversos objetos, acontecimentos, pessoas ou cerimônias com significado típico. Veja a seguir alguns deles:

João 1:29: “No dia seguinte, viu João a Jesus que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”

Não podemos ler esse ou outros textos semelhantes, relacionados com Cristo como o Cordeiro de Deus, sem vinculá-los à história do cordeiro da páscoa dos judeus em Êxodo 12.

João 3:14: “E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado.”

Nesse versículo o Senhor Jesus declara que a serpente de bronze, que trouxe cura aos israelitas mordidos por serpentes abrasadoras no deserto (*Números 21:4-9*), era tipo dele próprio.

João 6:30-31: “Então lhe disseram eles: Que sinal fazes para que o vejamos e creiamos em ti? Quais são os teus feitos? Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: deu-lhes a comer pão do céu.”

Em resposta, nosso Senhor discursou sobre o pão da vida, descrevendo a si próprio como o pão da vida descido do céu (*João 6:32-58*). Ele sugeriu que o maná dos céus, dado por Deus ao seu povo durante a peregrinação para Canaã (*Êxodo 16:4-36*), era prenúncio dele, Jesus, o Pão da Vida.

1 Coríntios 10:4: Referindo-se ao povo de Israel o apóstolo Paulo escreveu que eles “beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo.”

Esta declaração é prova indiscutível de que a pedra que Moisés golpeou no deserto para dar água ao povo simbolizava a Cristo.

Hebreus 6:18-20: “. . . nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta; a qual temos por âncora da alma, segura e firme, e que penetra além do véu, aonde Jesus, como precursor, entrou por nós.”

Esse versículo faz referência clara às cidades de refúgio mencionadas em *Números 35:6-34* e em outras passagens do Antigo Testamento, as quais representam a Cristo como o refúgio do pecador que, na sua necessidade, foge do julgamento a fim de refugiar-se no Senhor.

Hebreus 10:19-20: “Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne.” Em *João 1:14*, lemos: “O Verbo se fez carne, e habitou entre nós.”

E em 1 Timóteo 3:16, Paulo escreveu que Deus “foi manifestado na carne”.

Assim, em Hebreus 10:20 o próprio Espírito Santo interpreta o véu do tabernáculo como tipo da humanidade do Senhor Jesus.

Tal acúmulo de evidências nas Escrituras nos leva a crer que a semelhança entre tipos e seus antítipos não são acidentais. Pelo contrário Deus designou muitas porções do Antigo Testamento para transmitir alguma semelhança de verdade espiritual do Novo. Do mesmo modo, não é por acaso que os elementos da Ceia do Senhor têm certa semelhança com o corpo e com o sangue de Cristo, pois, realmente, foi esta a intenção do nosso Senhor. Assim, a correspondência entre os tipos do Antigo Testamento e os antítipos do Novo cumpre o propósito divino de tornar bem clara a verdade no que se refere ao Senhor Jesus e à sua palavra. Nenhum outro livro faz isso. Neste aspecto, a Bíblia é singular.

Definição de Tipologia

Tipologia é o estudo de certas pessoas, acontecimentos, instituições e objetos do Antigo Testamento, os quais, por se assemelharem em vários aspectos a Cristo e às verdades do Novo Testamento, nos ajudam a melhor compreender e amar essas verdades. Em outras palavras, tipo é figura do Antigo Testamento na forma de indivíduo, acontecimento, instituição, ritual ou objeto usado por Deus a fim de prenunciar de maneira expressiva alguma verdade importante do Novo.

Exemplos de Tipos do Antigo Testamento

No fim da Bíblia Anotada de Scofield há nada menos que quarenta e oito diferentes tipos de Cristo. Muitos deles são tirados dos capítulos 25-40 de Êxodo, os quais descrevem o tabernáculo. Diversos deles são do livro de Levítico que, do começo ao fim, contém rituais e cerimônias que se cumprem no Novo Testamento, conforme Hebreus 9 e 10.

A falta de espaço desaconselha a apresentação de todos os tipos do Antigo Testamento. Apresentamos, porém, dois exemplos, para mostrar como tipo e antítipo se encaixam, não deixando dúvida alguma de que o primeiro foi designado por um autor onisciente com o propósito de prenunciar as maravilhas ainda por vir. Para melhor compreensão, sugerimos a leitura atenta das passagens bíblicas indicadas.

A Páscoa

A Páscoa, descrita em Êxodo 12, é notável exemplo de tipo.

Observe as seguintes cinco características principais do cordeiro pascal e note a semelhança entre aquele cordeiro e o Senhor Jesus Cristo, o antítipo.

1. Ordem divina (Êxodo 12:1-3). A escolha do cordeiro não foi uma idéia concebida por Moisés ou por um israelita. A idéia veio de Deus. Nenhum outro plano livraria o povo do iminente julgamento no Egito. Tinha de ser o cordeiro de acordo com a expressa declaração de Deus.

Quando Cristo estava prestes a começar o seu ministério público, João Batista declarou duas vezes: "Eis o Cordeiro de Deus" (João 1:29, 36). No livro de Apocalipse o apóstolo João refere-se vinte e oito vezes a Cristo como "o Cordeiro". Duas outras referências no Novo Testamento indicam que esse Cordeiro, o Senhor Jesus, foi escolhido com antecedência como instrumento da salvação da humanidade.

Veja 1 Pedro 1:18-20: "Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis como prata ou ouro, que fostes resgatados . . . mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo . . ." E Apocalipse 13:8: ". . . nomes . . . escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto, desde a fundação do mundo."

2. Perfeição. Êxodo 12:5 afirma: "O cordeiro será sem defeito." Compare essa afirmação com Levítico 22:21-22: "Quando alguém oferecer sacrifício pacífico ao Senhor, quer em cumprimento de voto, quer como oferta voluntária, do gado ou do rebanho, o animal deve ser sem defeito para ser aceitável; nele não haverá defeito nenhum. O cego, ou aleijado, ou mutilado, ou ulceroso, ou sarnoso, ou cheio de impigens, não os oferecereis ao Senhor, e deles não poreis oferta queimada ao Senhor sobre o altar."

A ênfase do Antigo Testamento é ao sacrifício perfeito, pois somente o sacrifício perfeito podia ir ao encontro das exigências de um Deus santo. Apenas uma única pessoa podia ser o antítipo do cordeiro pascal: o perfeito Filho de Deus. Em Mateus 3:17 o Pai, referindo-se a Jesus, disse: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo." E em Lucas 3:22: "Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo."

3. A morte. Êxodo 12:6 declara: ". . . E todo o ajuntamento da congregação de Israel o imolará no crepúsculo da tarde." Um perfeito cordeiro vivo não podia livrar o povo do julgamento de Deus no Egito. Somente depois de morto tornar-se-ia meio de

proteção. Do mesmo modo, apesar de o Senhor Jesus Cristo, nosso cordeiro pascal, ter levado vida perfeita, sua vida sem pecado não foi o instrumento da salvação do homem. Para se tornar o Salvador ele teve de enfrentar a morte. O próprio Cristo referiu-se a isso antes da sua morte: “É necessário que o Filho do homem sofra muitas coisas, seja rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas; seja morto e . . .” (Lucas 9:22).

As seguintes citações de Apocalipse 5 enfatizam a mesma verdade: “Então vi no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto” (v. 6). “E entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação” (v. 9). “. . . proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor” (v. 12).

Também é importante a instrução dada ao povo de Israel em Êxodo 12:46: “Nem lhe quebrareis osso nenhum.” Isso é repetido no Salmo 34:20, como clara referência ao Messias: “Preserva-lhe todos os ossos, nem um deles sequer será quebrado.” Ao examinarmos João 19:32-33, vemos que os soldados, depois de quebrarem as pernas dos dois homens crucificados com Cristo, “chegando-se, porém, a Jesus, como vissem que já estava morto, não lhe quebraram as pernas.” Com referência a isso, João comenta em 19:36: “E isto aconteceu para se cumprir a Escritura: Nenhum dos seus ossos será quebrado.”

4. Poder Redentor. Depois de sacrificado o cordeiro pascal, o seu sangue proveu proteção do julgamento a todos quantos o aplicaram às ombreiras e vergas da porta de suas casas. (Êxodo 12:7, 12-13; 21-23, 28-29.)

O mesmo acontece hoje com referência ao cordeiro pascal de Deus. Por causa do sangue de Cristo derramado na cruz do Calvário, Deus tornou possível a redenção de todos os pecadores mediante o livramento da culpa do pecado. Conforme Gálatas 3:13, “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro.” Em Efésios 1:7, Paulo escreveu acerca de Cristo: “no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça.” E em Colossenses 1:14: “no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.”

Observe, entretanto, que, mesmo tendo o cordeiro pascal sido sacrificado, o seu sangue tinha de ser aplicado pelas famílias, cada uma delas, se o povo de Israel quisesse livrar-se do julgamento prestes a sobrevir ao Egito. Do mesmo modo, apesar de Cristo, o Cordeiro de Deus, ter morrido na cruz a fim de redimir a humanidade, o pecador, por estar sob justa sentença de morte espiritual, precisa apropriar-se do sangue de Jesus se quiser livrar-se da ira de Deus contra o pecado.

Esta aplicação do sangue é feita pela fé. Quer dizer que cada pessoa, que deseja ser salva do pecado, precisa colocar a sua inteira confiança, toda a sua fé, naquilo que Cristo fez na cruz. Observe João 3:36: “Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus.”

5. Poder Sustentador. O mesmo cordeiro sacrificado para prover proteção a Israel tornou-se o alimento do povo ao saírem do Egito em peregrinação para Canaã. O cordeiro pascal, ao ser apropriado como alimento, deu-lhes forças para a longa jornada que tinham pela frente (Êxodo 12:8-11, 43-50).

Do mesmo modo, Cristo, que deu a sua vida para redimir a humanidade do pecado, também dá a sua vida para o sustento dos que crêem nele: “Também quem de mim se alimenta, por mim viverá” (João 6:57). Em outras palavras, a pessoa precisa alimentar-se de Cristo, que é a vida do crente, a fim de ser sustentada durante a sua peregrinação na terra.

Maná

Um segundo exemplo de tipo é o maná, registrado em Êxodo 16:4-36, o qual alimentou os peregrinos durante a sua jornada pelo deserto. É a figura do alimento espiritual do povo de Deus em sua peregrinação na terra. Compare as seguintes cinco verdades sobre o maná com o alimento espiritual do crente nos dias atuais.

1. Origem do Maná. Êxodo 16:4 cita uma afirmação de Deus a Moisés: “Farei chover do céu pão.” No versículo 15 do mesmo capítulo, depois de o maná ter descido à terra, Moisés declarou: “Isto é o pão que o Senhor vos dá para vosso alimento.”

Com referência ao mesmo acontecimento, o Salmista escreveu: “Ordenou às alturas, e abriu as portas dos céus; fez chover maná sobre eles, para alimentá-los, e lhes deu cereal do céu. Comeu cada qual o pão dos anjos; enviou-lhes ele comida a fartar” (Salmo 78:23-25).

No seu grande discurso sobre o Pão da Vida em João 6:22-58, o Senhor Jesus declarou quatro vezes ser ele o Pão da Vida que desceu dos céus (v. 33, 38, 50 e 51). Cristo é para a humanidade hoje o que o maná foi para Israel e muito mais. Alimentando-se dele através da sua Palavra, cada pessoa será saciada com o pão do céu. O maná alimentou o corpo dos israelitas; Cristo alimenta a alma. O maná satisfaz à fome física; Cristo satisfaz à fome espiritual. O maná manteve as pessoas vivas no deserto; Cristo dá a vida eterna.

2. **Caráter Sobrenatural do Maná.** Alegam alguns que o maná não foi de todo um milagre. Para esses, ele era encontrado em árvores daquela região, como o espinheiro “*alhagi*” (às vezes chamado de “maná do Sinai”) ou o “*tamarisk*”, que solta uma resina viscosa.

Mas o maná que desceu sobre o acampamento dos israelitas tinha certas características incontestavelmente miraculosas. Caía com regularidade nos seis dias da semana, mas jamais no sétimo; jamais se conservava fresco de um dia para o outro, exceto no sexto dia. Durante todo o sétimo dia, o dia de descanso dos hebreus o maná permanecia fresco. Ele sustentou fartamente grande quantidade de pessoas (talvez dois milhões) no deserto — não por um dia ou por uma semana, ou ainda por um mês inteiro, mas durante quarenta anos.

O maná não cessou de cair até o dia em que os israelitas comeram pela primeira vez a comida da terra de Canaã (Josué 5:11-12), quando não mais precisavam do maná para sobreviver. Com todas estas provas, quem pode duvidar da natureza miraculosa do maná?

A provisão espiritual do Senhor para o seu povo na peregrinação terrena não é menos miraculosa. Como o maná, Cristo é o alimento espiritual do seu povo. E o nascimento, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo foram todos sobrenaturais. Mateus cita a profecia de Isaías, escrita centenas de anos antes do nascimento de Jesus: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco)” (Mateus 1:23).

Da mesma forma a Bíblia, a Palavra escrita que revela a Palavra Viva, é também miraculosa tanto na sua origem como nos seus efeitos sobre os homens. Lemos: “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito

e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2 Timóteo 3:16-17). “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração” (Hebreus 4:12). E, em João 6:63, o Senhor Jesus disse: “As palavras que eu vos tenho dito, são espírito e são vida.”

3. Sabor do Maná. Êxodo 16:31 afirma que o sabor era “como bolos de mel”. Era doce. Isto lembra as palavras do salmista ao descrever a Palavra de Deus como sendo “mais doce que mel . . . que o destilar dos favos” (Salmo 19:10).

Muitos anos mais tarde, Jeremias escreveu: “Achadas as tuas palavras, logo as comi; as tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração. . .” (Jeremias 15:16).

4. Colheita do Maná. Observe estes fatos com relação à colheita do maná: Tinha de ser colhido pela pessoa que dele precisava (Êxodo 16:16, 18, 21). Tinha de ser colhido diariamente (v. 21). Tinha de ser colhido de acordo com a necessidade individual (vv. 17, 18, 21).

Essas instruções correspondem perfeitamente à maneira pela qual o crente deve alimentar-se das Escrituras. O Senhor Jesus disse: “Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mateus 4:4). E acerca do crente frutífero, disse: “Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito” (João 15:7). E ainda: “Quem comer a minha carne e beber o meu sangue permanece em mim e eu nele” (João 6:56).

6. Propósito do Maná. Êxodo 16:35 diz que “Comeram os filhos de Israel maná quarenta anos, até que entraram em terra habitada; comeram maná até que chegaram aos termos da terra de Canaã.” Em outras palavras, o maná foi a provisão divina para os israelitas durante toda a sua peregrinação no deserto; além das codornizes mandadas pelo Senhor, o maná foi o seu alimento. Assim acontece com a Bíblia. Deus nô-la dá como sua única forma de sustento espiritual durante a nossa peregrinação na terra. Em 2 Timóteo 3:16-17, Paulo escreveu: “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.”

Mas houve uma ocasião em que o povo de Israel desprezou a comida vinda do céu. Lemos em Números 21:5 que o povo “falou

contra Deus e Moisés: Por que nos fizestes subir do Egito, para que morramos neste deserto, onde não há pão nem água? E a nossa alma tem fastio deste pão vil." Por rejeitarem a provisão divina, numa atitude perversa, o Senhor enviou serpentes venenosas no meio dos israelitas, as quais causaram muitas mortes.

Pode também ocorrer aos cristãos desprezarem a santa Palavra de Deus, negligenciarem a sua leitura e deixarem de se alimentar do pão vivo. Se isso acontecer, eles podem estar certos de que serpentes venenosas virão, na forma de pecado ou de outra maneira, com seu terrível agulhão de angústia, perda, pesar e remorso. Alguém disse, referindo-se à Bíblia: "O pecado o afastará deste livro, ou este livro o afastará do pecado."

Nos dois exemplos de tipos — a páscoa e o maná — analisamos apenas as analogias mais importantes entre tipo e antítipo. Todavia, esses dois exemplos provam que a semelhança entre tipo e antítipo, longe de ser acidental, foi registrada para nosso ensino, a fim de apreciarmos mais profundamente a pessoa e o trabalho de Cristo, e mantermos um relacionamento pessoal com a Palavra do Senhor.

Regras para o Estudo de Tipos

1. *Somente considere algo como tipo mediante confirmações definidas no Novo Testamento.*

Por haver muitas afirmações definidas no Novo Testamento quanto à presença de tipos no Antigo, alguns vão ao extremo de procurar significado típico ou figurativo em quase tudo nas Escrituras, até mesmo nos mínimos detalhes, dando interpretação alegórica ou fantasiosa a grande parte da Bíblia. Foi este o erro de dirigentes da igreja em tempos passados. Para eles praticamente tudo na Bíblia tinha significado espiritual oculto e mais profundo do que o significado literal óbvio do texto.

Por exemplo, na opinião de Clemente de Alexandria, que viveu no final do segundo século, a melhor roupa que o pai deu ao filho pródigo, quando este voltou à casa paterna, representava a imortalidade, ao passo que as sandálias indicavam a direção ascendente da alma, e o novilho cevado simbolizava a Cristo como sustento espiritual dos que se alimentam dele.

Há intérpretes modernos da Bíblia que também são extremistas. Em Josué 15:8, na descrição dos limites do território da tribo de Judá, lê-se: "Sobe este termo até o cume do monte que está diante do vale de Hinom para o ocidente, que está no fim do vale dos

refains da banda do norte.” Certo escritor explica que os refains (povo de grande estatura) são um tipo do poder dos inimigos. Estes podem ser considerados seres sobre-humanos capazes de destruir qualquer indivíduo que apenas olhe para eles. O cume da montanha fala de separação. É mais o julgamento do pecado do que o efeito do poder sobre-humano do inimigo.

Ainda outro escritor interpreta as duas lâminas da espada mencionada em Hebreus 4:12 e Apocalipse 1:16 como sendo, uma o Antigo Testamento, e a outra o Novo.

Mas, no caso de Jonas, tem-se a evidência de que ele foi designado para tipo da verdade do Novo Testamento por ser o único indivíduo do Antigo com o qual o Senhor Jesus se comparou. Na realidade, ao analisarmos o que Cristo disse (Mateus 12:38-41; 16:4; Lucas 11:29-32), parece claro que ele considerou a experiência e o ministério de Jonas como possuindo significado típico especial.

Apenas uma única exceção pode ser feita a esta regra. Apesar de não haver no Novo Testamento nenhuma referência a José como tipo de Cristo, a analogia entre ambos é tão extraordinária que temos de concluir ter sido intenção divina que José fosse figura de nosso Salvador.

2. *Se possível, pesquise todas as referências nas Escrituras com relação ao tipo.*

Quando o tipo é descrito na Bíblia com apenas uma palavra ou frase, uma boa concordância bíblica será de grande auxílio para localizar várias ocorrências. Se, entretanto, o tipo for descrito nas Escrituras com mais de um nome, um dicionário ou enciclopédia bíblica poderão indicar os outros nomes e onde se encontram. Todas as informações da Bíblia sobre o tipo são úteis para dar-nos um quadro completo.

3. *Esteja certo de haver semelhança ou perfeita concordância entre o tipo e o antítipo.*

Como já vimos, os tipos se dividem em várias categorias, como pessoas, acontecimentos, objetos, instituições ou rituais. As semelhanças poderão variar conforme a natureza do antítipo. Além do mais, a semelhança entre tipo e antítipo em um caso será diferente da semelhança entre tipo e antítipo em outro caso, dependendo do objetivo que o Espírito Santo tinha em mente quando eles foram registrados.

Essa foi a regra usada pelos apóstolos ao mencionar a seme-

lhança entre o tipo e a pessoa ou coisa tipificada. Por exemplo, veja a correspondência entre o holocausto descrito em Levítico 1:1-9 e a afirmação de Paulo em Efésios 5:2, de que Cristo “se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave.”

Como o cordeiro pascal, o holocausto tinha de ser sem mancha, assim como Cristo era sem pecado e sem defeito. Mas o traço característico do holocausto era ser oferecido, todo ele, como sacrifício a Deus. Isso demonstra a completa consagração de Cristo ao fazer a vontade de Deus, sacrificando a si próprio na cruz. Em ambas as situações, o sacrifício era aroma agradável a Deus (Salmo 40:5-8; Hebreus 10:5-17). No Antigo Testamento, o homem era aceito por Deus, não pelos seus próprios méritos, mas por ser o holocausto aceitável. Quanto ao crente de hoje, a sua aceitação depende inteiramente da perfeição de Jesus Cristo, seu cordeiro sacrificado.

Quanto a José, a semelhança entre a sua vida e a de Cristo é notável. Observe, por exemplo, os traços principais da vida de José com relação a seus irmãos, conforme registra Gênesis. Os capítulos 37 a 40 relatam que os seus irmãos o rejeitaram. Os capítulos 41 a 44 mostram o quanto José foi engrandecido longe dos irmãos, e os 45 a 50 tratam da revelação feita aos irmãos. Nenhum diligente estudante da Palavra de Deus deixa de perceber nesse esboço biográfico um extraordinário prenúncio do Senhor Jesus com relação ao seu povo, Israel.

A vida de José pode ainda ser vista sob três outros aspectos: foi primeiro filho, depois sofredor, e em seguida chefe poderoso. Mais uma vez a vida de Cristo está aqui prenunciada, pois foi ele o “irmão rejeitado” que, como soberano, tomou o seu lugar na glória depois do sofrimento (Lucas 24:26; 1 Pedro 1:11). Exame cuidadoso da vida de José revelará muita semelhança entre ele e Cristo, o Salvador. Deixamos, porém, essa tarefa com o leitor, a fim de que possa, por si próprio, realizar esse proveitoso estudo.

Ao voltarmos ao livro de Jonas, observamos que o período de tempo que Cristo esteve sepultado é idêntico ao que Jonas passou dentro do peixe. A extraordinária semelhança entre Cristo e Jonas neste ponto sugere a existência de outras analogias importantes entre Jonas como tipo e o Senhor Jesus como antítipo. Estudo mais profundo do livro de Jonas, comparando a sua vida com a de Cristo, revelarão outras semelhanças.

Antes de tudo, tanto Jonas quanto o Senhor Jesus eram profetas.

É interessante observar que ambos vieram da Galiléia. Infelizmente Jonas foi profeta recalcitrante, ao passo que o Senhor Jesus honrou a Deus em todos os seus caminhos.

Jonas recebeu uma única missão de Deus, e o mesmo aconteceu com o seu divino sucessor.

O confinamento de Jonas no ventre do peixe prenunciou a morte e o sepultamento de Cristo. É interessante notar que a oração de Jonas, no ventre do peixe, consistiu de numerosas citações dos Salmos. Foi em realidade uma mistura de Salmos. Em Lucas 24:44, o próprio Senhor Jesus disse: "São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco, que importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos." Estas palavras de Jesus levaram alguns estudiosos da Bíblia a concluir que a oração de Jonas (Jonas 2) é messiânica e grandemente indicativa das agonias de Cristo na sua paixão.

Outra área de semelhança entre Jonas e Cristo é a restituição de Jonas à vida, por assim dizer, depois de um sepultamento de três dias e três noites. Esse fato tipifica a ressurreição de Cristo dentre os mortos, como o próprio Senhor tornou bastante claro (Mateus 12:38-41; 16:4; Lucas 11:29-32.)

Finalmente, assim como Jonas, restaurado à vida depois de haver estado no ventre do peixe, foi sinal para o povo de Nínive, a real ressurreição de Cristo dentre os mortos tornou-se sinal para o povo daquela época e para toda a humanidade desde então. Assim, a narrativa de Jonas é, pelo seu caráter típico, figura profética de Alguém maior que Jonas.

4. *Descubra as semelhanças principais entre o tipo e o seu antítipo.*

É claro que tipo e antítipo nunca são idênticos. O primeiro é apenas o prenúncio do último. Assim, não espere encontrar, entre os dois, identificação absoluta em todos os aspectos. Antes, procure as características importantes análogas entre ambos. Ao mesmo tempo, a fim de provar a legitimidade de cada analogia é necessário apoiar-se nas Escrituras com toda a fidelidade. Do contrário, corre-se o perigo de espiritualizar o texto ou tirar dele interpretações fantasiosas.

5. *Não tente estabelecer doutrina com base num tipo.*

Como já vimos, tipos são sombras, e sombra implica substância. A substância está no antítipo. O tipo, portanto, ilustra ou chama a atenção para o antítipo de maneira enfática e clara. Assim sendo,

nenhuma doutrina deve ser estabelecida com base num tipo. Por exemplo, como já vimos, a doutrina da ressurreição de Cristo não se baseia na narrativa de Jonas, mas na real ressurreição de Cristo relatada nos Evangelhos e explicada nas epístolas.

6. *Procure a verdade prática notável sugerida pelo estudo do tipo.*

Podem-se extrair muitas verdades práticas de um tipo. Por isso é necessário pedir ao Espírito de Deus que mostre a lição a ser assimilada nesse estudo bíblico. Do estudo do tipo e do antítipo deve emergir notável lição espiritual. Em Jonas, a característica notável é evidentemente a idéia da ressurreição. E, à luz da doutrina do Novo Testamento sobre a ressurreição de Jesus Cristo, sobressai esta verdade prática e gloriosa: Por causa da ressurreição de Cristo, os crentes estão ligados a ele na vitória dele sobre todo o mal.

Conheci a Cristo como Salvador pessoal quando era garoto de treze anos. Na juventude, dúvidas quanto ao fato de ser a Bíblia a Palavra de Deus começaram a insinuar-se em minha mente. Decidi que a melhor maneira de eu resolver a questão seria matricular-me no Instituto Bíblico Moody. Esperava que os professores dessem respostas específicas às minhas perguntas e provassem serem as Escrituras de fato inspiradas por Deus.

Todavia, no meu primeiro semestre deram-me a tarefa, numa classe de síntese bíblica, de ler a Bíblia durante duas horas e meia por semana, a começar em Gênesis. Quando cheguei ao livro de Êxodo, capítulo 12, o Espírito Santo mostrou-me que ali, no relato da Páscoa, estava um perfeito prenúncio de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus. Quando vi a figura do cordeiro de Deus sem pecado, retratado tão fielmente no livro de Êxodo, compreendi que nenhuma mente humana poderia ter traçado tão perfeita analogia — tantas centenas de anos antes de Cristo vir ao mundo — entre o cordeiro pascal e o Senhor Jesus Cristo. Deus, por intermédio do seu Espírito Santo, abriu-me os olhos naquele momento para ver o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Ao olhar para o Cordeiro, todas as minhas dúvidas se desfizeram.

“Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso, e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus” (Hebreus 12:1-2).

Exercício 11

1. Leia Números 21:4-9 e João 3:14-15 com todo o cuidado e em oração. Então, com o conhecimento de tipologia adquirido neste capítulo, tente descobrir em que sentido a serpente de bronze erguida por Moisés no deserto tipificava o Senhor Jesus. Explique cada item e prove cada premissa pelas Escrituras. Evite o uso de outro material, exceto concordância, dicionário bíblico ou enciclopédia bíblica.

2. Que princípio ou verdade notável pode você extrair do estudo da serpente de bronze como tipo de Cristo?

Exercícios

Exercício 1

O Objetivo do Seu Estudo Sintético

Por ser esta talvez a sua primeira tentativa de elaborar um quadro sintético, você pode achar que o seu trabalho deixa muito a desejar. Entretanto, por ser o seu próprio trabalho feito sem nenhum outro auxílio além da Bíblia, você agora conhece melhor 1 Tessalonicenses. Além de estar a par de toda a epístola, a começar pela saudação de Paulo e o agradecimento a Deus pela recém-fundada igreja de Tessalônica, você pode acompanhar todo o desenrolar do livro até à sua conclusão e bênção.

Depois de completar o seu próprio quadro de 1 Tessalonicenses, você agora pode examinar o meu e acompanhar o esboço com facilidade. Abra a sua Bíblia em 1 Tessalonicenses. Observe as palavras em cada espaço diagonal do quadro e compare-as com o texto bíblico citado logo abaixo. Observe que essas seções resumem, por assunto, cada divisão da epístola. Esses resumos são vitais à boa compreensão do livro.

Breve Resumo de 1 Tessalonicenses

Olhando para os resumos dos parágrafos, observe o relacionamento entre eles, do segundo ao sétimo. Cada um trata, de certa maneira, do relacionamento pessoal de Paulo com os tessalonicenses. Por essa razão, agrupamos esses resumos a fim de formar a primeira divisão principal da epístola. Depois, em 4:1, Paulo passa a concentrar-se na exortação e no ensino. O parágrafo iniciado em 5:23 e concluído em 5:24 é uma oração que constitui o ponto máximo dos ensinamentos a respeito da vida cristã. Portanto, esses parágrafos formaram a segunda divisão principal. Tanto Jonas quanto 1 Tessalonicenses têm apenas duas divisões principais. Isso nem sempre acontece com os livros da Bíblia. Alguns têm três, outros quatro, ou até mesmo cinco ou seis divisões principais, dependendo do seu conteúdo.

Pelo fato de Jonas e 1 Tessalonicenses não serem muito exten-

sos, resumimos o conteúdo por parágrafos, e não por capítulos. As mesmas regras para a elaboração do quadro sintético de um livro maior aplicam-se a livros de poucos capítulos. Resumimos capítulos somente no caso de livros maiores. Propomo-nos a apresentar mais tarde o quadro de um livro que possua número maior de capítulos, o que até aqui ainda não consideramos.

Faça o Seu Estudo Pessoal

Não desanime se o seu trabalho sobre 1 Tessalonicenses não ficou parecido com o meu. Nada pode substituir seu próprio estudo sob a direção do Espírito Santo. Nós não nos opomos ao uso de outro auxílio; você não deve desprezar a visão espiritual que o Senhor deu àqueles que diligentemente meditaram na sua Palavra. Mas o seu próprio estudo precisa primeiro ser feito sem o auxílio de outros, se você realmente quer aprender como estudar um livro da Bíblia.

Notou você algo de especial importância ao ler 1 Tessalonicenses e resumi-lo parágrafo por parágrafo? Não queremos gastar tanto tempo quanto gastamos no estudo de Jonas, mas detenhamo-nos num item importante, justamente no primeiro parágrafo de 1 Tessalonicenses.

Vemos em 1:1 que Paulo menciona uma equipe de colaboradores quando se dirige à igreja. Começa a sua epístola dizendo: “Paulo, Silvano [ou Silas] e Timóteo à igreja dos Tessalonicenses” e assim por diante. O fato de Paulo se referir especificamente a Silas e a Timóteo junto com ele próprio em relação ao ministério de Tessalônica sugere que o apóstolo não fez sozinho o seu trabalho missionário. E isso nos mostra que a obra de Deus é mais bem realizada quando o seu povo trabalha em conjunto como se fossem uma só pessoa.

Há muitos outros fatos importantes a serem observados, bem como verdades vitais a serem extraídas da epístola, e sugerimos que você tenha à mão um caderno de folhas soltas para registrar quaisquer pensamentos que lhe venham à mente, ao prosseguir com o estudo.

Exercício 2

Pedimos que você achasse as características principais de 1 Tessalonicenses e as classificasse, agrupando os itens relacio-

1 Tessalonicenses: Primeira Carta de Paulo Encorajando os Crentes de Tessalônica

1:1	Saudação	1:2	Ação de Graças pelos Tessalonicenses	2:1	Ministério para com os Tessalonicenses	2:13	Mais Ação de Graças pelos Tessalonicenses	2:17	Interesse pelos Tessalonicenses	3:1	Preocupação pelos Tessalonicenses	3:11	Oração pelos Tessalonicenses	4:1	Exortação quanto à pureza	4:9	Exortação quanto ao Amor	4:13	Ensinamentos quanto ao Arrebatamento	5:1	Ensinamentos quanto ao Dia do Senhor	5:12	Exortação quanto à Igreja	5:23	Oração de Paulo pelos Tessalonicenses	5:25	Pedido de Oração	5:26	Saudações	5:28	Bênção																																						
														<p>Exortação e Ensinamento de Paulo aos Irmãos 4:1—5:24</p>																																																							
<p>Relacionamento de Paulo com os Irmãos 1:2—3:13</p>														<p>Interesse por Eles</p>														<p>Com Referência à Referência à Conduta Cristã</p>														<p>Com Referência à Vinda de Cristo</p>														<p>Com Referência à Igreja e à Vida Pessoal</p>													
<p>Introdução</p>														<p>Conclusão</p>																																																							

Figura 14

nados entre si. A fim de haver equilíbrio no quadro, os itens de cada grupo de características devem combinar com outros itens do mesmo grupo.

Revisemos agora 1 Tessalonicenses com a finalidade de descobrir suas características importantes.

Ao começarmos com o capítulo um, nossa atenção é atraída pela incomum combinação de frases do versículo 3: “Operosidade da vossa fé, da abnegação do vosso amor e da firmeza da vossa esperança.”

Examinando essas três expressões com mais cuidado, perceberemos no final de cada uma as importantes palavras *fé*, *amor*, e *esperança*. É claro que você conhece bem 1 Coríntios 13 e se lembra das três palavras com as quais o apóstolo conclui aquele maravilhoso capítulo sobre o amor.

Ao continuarmos a leitura de 1 Tessalonicenses, descobrimos a palavra *fé* novamente em 1:8, usada em conexão com os cristãos de Tessalônica. Em 2:10 Paulo diz aos cristãos: “vós outros que credes”. No versículo 13 ele fala sobre “a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes.” No capítulo 3, Paulo menciona cinco vezes “vossa fé”: versículos 2, 5, 6, 7 e 10. É interessante notar que ele usa, no versículo 6, o lindo dueto: “vossa fé e vosso amor”.

No capítulo 5, versículo 8, o apóstolo se refere novamente às três importantes virtudes: “Sejamos sóbrios, revestindo-nos da couraça de *fé* e *amor*, e tomando como capacete a *esperança* da salvação.” Observe como Paulo coloca essas três virtudes na mesma ordem de 1:3. Pelo que temos visto até aqui, concluímos que estas três virtudes estão entre as ênfases especiais da epístola.

Neste ponto, leiamos a epístola novamente. Não é perda de tempo ler repetidas vezes a Escritura em atitude reverente, pois quanto mais assim o fizermos mais ensinamentos receberemos dela, e mais bênçãos teremos.

Nessa nova leitura da epístola impressiona-nos o amor de Paulo pelos crentes da igreja recém-fundada por ele. Embora (exceto em 1:3) Paulo não use a palavra “amor” nos capítulos 1 e 2, estes parecem respirar um clima de profunda afeição do apóstolo por esses novos cristãos, seus verdadeiros filhos espirituais.

Leia 2:7-11 com todo o cuidado. Estes versículos apresentam frases como “qual ama que acaricia os próprios filhos”, “querendo-vos muito”, “que vos tornastes muito amados de nós” e “como pai a seus filhos”.

De 2:17 a 3:10, Paulo fala do seu desejo de visitar os crentes de Tessalônica mais uma vez e de como esse desejo o faz orar noite e dia. O amor de Paulo por aqueles santos é tão grande que, em toda a epístola, ele os chama com muita afeição de “irmãos”.

É claro nessa epístola que o amor de Paulo pelos irmãos de Tessalônica é real, intenso e sacrificial. Mas o apóstolo também se refere ao intenso amor que os tessalonicenses tinham por ele e por seus colaboradores. “Agora, porém, com o regresso de Timóteo, vindo do vosso meio, trazendo-nos boas notícias da vossa fé e do vosso amor e, ainda, de que sempre guardais grata lembrança de nós, desejando muito ver-nos, como aliás também nós a vós outros” (3:6).

Embora Paulo estivesse encorajado e confortado com o amor dos convertidos de Tessalônica, ele também queria que os irmãos tivessem a mesma afeição uns para com os outros, do mesmo modo que a tinham por ele. Isso é evidente na sua oração no capítulo 3: “Ora, o nosso mesmo Deus e Pai, com Jesus, nosso Senhor, dirijam-nos o caminho até vós, e o Senhor vos faça crescer, e aumentar no amor uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco” (3:11-12).

No capítulo 4, Paulo exorta de novo os irmãos tessalonicenses: “No tocanto ao amor fraternal, não há necessidade de que eu vos escreva, porquanto vós mesmos estais por Deus instruídos que deveis amar-vos uns aos outros; e na verdade estais praticando isso mesmo para com todos os irmãos em toda a Macedônia. Contudo vos exortamos, irmãos, a progredirdes cada vez mais” (4:9-10).

As repetidas referências de Paulo ao amor — amor de Paulo pelos crentes tessalonicenses, o amor deles por Paulo, e o amor de uns para com os outros — tornam evidente que, como a fé, o amor é outro item importante da epístola.

O mesmo se dá com a terceira importante virtude, a esperança.

Em 1:9-10, Paulo escreve: “Pois eles mesmos, no tocante a nós, proclamam que repercussão teve o nosso ingresso no vosso meio, e como, deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro, e para aguardardes dos céus o

seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura”.

Assim, Paulo primeiro menciona a esperança do crente quanto à vinda do Senhor Jesus no auge do capítulo 1. Ele volta ao assunto no término do capítulo 2: “Pois, quem é a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos, na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda? Não sois vós?” (2:19).

E Paulo ainda volta a escrever sobre isso no final do capítulo 3: “A fim de que sejam os vossos corações confirmados em santidade, isentos de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos (3:13).

Depois, no capítulo 4, Paulo dedica uma seção inteira ao assunto da volta de Senhor, já no fim do capítulo (4:13-18), e prossegue o assunto no capítulo 5. Ao concluir a epístola, faz uma última referência (5:23) à segunda vinda do Senhor Jesus Cristo: “O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.”

Portanto, todos os capítulos desta epístola terminam com uma referência específica à vinda de Cristo. Além do mais, este pequeno livro de apenas cinco capítulos dedica espaço enorme nos capítulos 4 e 5 à segunda vinda de Cristo. Estas coisas tornam claro que, como as outras duas virtudes, a esperança recebe ênfase importante em 1 Tessalonicenses.

Mais uma leitura da epístola revela outro aspecto das três importantes virtudes. No capítulo 1, Paulo se refere à fé que, no passado, os crentes tinham na mensagem do evangelho. No segundo e terceiro capítulos, e na primeira parte do quarto, ele fala no tempo presente do amor mútuo entre ele e no amor de uns pelos outros. Em seguida, o apóstolo chama a atenção dos crentes para a esperança futura da segunda vinda de Cristo. Assim, associamos essas três importantes virtudes com os três tempos da vida cristã: passado, presente e futuro.

Acabamos de completar um grupo de conceitos da epístola: as virtudes principais da vida cristã. Estamos agora prontos para o segundo.

Se mesmo um exame ligeiro da epístola indica que grande parte dela trata do ministério de Paulo entre os crentes de Tessalônica, um estudo cuidadoso revelará certas características desse ministério que o Espírito Santo registrou para o nosso benefício. Observe as seguintes qualidades do ministério de Paulo:

seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura”.

Assim, Paulo primeiro menciona a esperança do crente quanto à vinda do Senhor Jesus no auge do capítulo 1. Ele volta ao assunto no término do capítulo 2: “Pois, quem é a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos, na presença de nosso Senhor Jesus em sua vinda? Não sois vós?” (2:19).

E Paulo ainda volta a escrever sobre isso no final do capítulo 3: “A fim de que sejam os vossos corações confirmados em santidade, isentos de culpa, na presença de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus, com todos os seus santos (3:13).

Depois, no capítulo 4, Paulo dedica uma seção inteira ao assunto da volta de Senhor, já no fim do capítulo (4:13-18), e prossegue o assunto no capítulo 5. Ao concluir a epístola, faz uma última referência (5:23) à segunda vinda do Senhor Jesus Cristo: “O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.”

Portanto, todos os capítulos desta epístola terminam com uma referência específica à vinda de Cristo. Além do mais, este pequeno livro de apenas cinco capítulos dedica espaço enorme nos capítulos 4 e 5 à segunda vinda de Cristo. Estas coisas tornam claro que, como as outras duas virtudes, a esperança recebe ênfase importante em 1 Tessalonicenses.

Mais uma leitura da epístola revela outro aspecto das três importantes virtudes. No capítulo 1, Paulo se refere à fé que, no passado, os crentes tinham na mensagem do evangelho. No segundo e terceiro capítulos, e na primeira parte do quarto, ele fala no tempo presente do amor mútuo entre ele e no amor de uns pelos outros. Em seguida, o apóstolo chama a atenção dos crentes para a esperança futura da segunda vinda de Cristo. Assim, associamos essas três importantes virtudes com os três tempos da vida cristã: passado, presente e futuro.

Acabamos de completar um grupo de conceitos da epístola: as virtudes principais da vida cristã. Estamos agora prontos para o segundo.

Se mesmo um exame ligeiro da epístola indica que grande parte dela trata do ministério de Paulo entre os crentes de Tessalônica, um estudo cuidadoso revelará certas características desse ministério que o Espírito Santo registrou para o nosso benefício. Observe as seguintes qualidades do ministério de Paulo:

1. Foi de oração (1:2-3; 3:9-10; 3:11-13; 5:23).
2. Foi caracterizado pelo amor (1:3; 2:7-11; 3:6, 11-12; 4:9-10).
3. Foi exemplar (2:9-12).
4. Foi de consolo e conforto (3:1-4; 4:13-18; 5:1-11).
5. Foi essencialmente prático (4:1-10); 5:12-22).

Esses versículos apresentam muitos assuntos práticos referentes à vida e à conduta do crente.

Há outras características do ministério de Paulo nesses capítulos, mas as cinco mencionadas são as mais importantes. Podemos agora acrescentar essas características principais ao quadro de 1 Tessalonicenses, o que nos habilita a ver, num relance, toda a epístola. As seções diagonais mostram os resumos dos parágrafos. O agrupamento dos resumos forma as divisões principais, e as subdivisões das divisões principais mostram claramente a estrutura do livro.

Com as características proeminentes colocadas na parte inferior do quadro, temos uma visão geral do livro. Observe que relacionamos as três virtudes com o tempo, e logo abaixo damos as características do ministério de Paulo. Observe também que exprimimos todos os itens de maneira sucinta e numa construção paralela.

Concluimos o quadro com um título ampliado do livro: "Primeira Carta de Paulo Encorajando os Crentes de Tessalônica". Escolhemos esse título por causa das referências da epístola ao sofrimento e ao pesar dos crentes, e também tendo em vista a maneira como Paulo os encorajou, especialmente quanto à esperança futura.

Estamos certos de que, como resultado de seu próprio estudo de 1 Tessalonicenses, você deve ter observado ao menos uma ou duas das maiores ênfases do livro. Entretanto, mesmo que isso não tenha acontecido, o estudo dessa porção da Palavra de Deus deu-lhe conhecimento mais profundo de 1 Tessalonicenses.

Todavia, a menos que apliquemos as lições assimiladas, teremos apenas agrupamento de fatos sem nenhum valor prático para nós.

Podemos aplicar uma das lições de 1 Tessalonicenses da seguinte maneira:

Talvez seja essa a primeira carta de Paulo a uma igreja. Nela ele enfatiza o amor que os crentes devem ter uns para com os outros. Ele diz que esse amor não deve ser apenas anunciado de

lábios, mas posto em prática. Se me considero cristão, preciso também amar os meus companheiros cristãos. Somente posso ensinar amor aos outros se eu o exemplificar em minha própria vida e no meu relacionamento com os outros.

Considere a maneira de aplicar em sua vida as outras ênfases de 1 Tessalonicenses. Quando meditar sobre isso e abrir seu coração ao Espírito de Deus, ele revelará o que você necessita saber e lhe dará a graça para tornar-se semelhante à imagem de Jesus Cristo.

Exercício 3

Aplice as regras do capítulo 3 a fim de descobrir todas as possíveis informações geográficas de 1 Tessalonicenses. O processo é tão óbvio que não precisaremos especificar as etapas observadas ou as fontes usadas.

Depois que comparamos os lugares mencionados por Paulo em 1 Tessalonicenses com o registro de Atos 17:1—18:11 referente à fundação da igreja de Tessalônica e ao que aconteceu depois, fizemos um mapa simples mostrando a rota seguida por Paulo através da Macedônia e Acaia durante a sua segunda viagem missionária. Abaixo do mapa alistamos os eventos ocorridos antes de Paulo escrever a carta. (V. Figura 16.)

Esperamos que você tenha chegado às mesmas conclusões que nós em seu estudo geográfico de 1 Tessalonicenses, descobrindo que um dos objetivos principais de Paulo ao escrever essa carta era confortar o povo de Deus daquela nova igreja, cujos membros sofriam perseguições e provações já no início da sua carreira cristã. Não é esta a maneira de Deus lidar com aqueles que lhe pertencem? Ele permite que os seus amados filhos sofram, mas ele “nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar aos que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus” (2 Coríntios 1:4).

Exercício 4

1. Percebem-se muitas características culturais no estudo de 1 Tessalonicenses.

- a) Os cristãos se reuniam numa assembleia chamada igreja.
- b) Os membros da igreja eram governados por líderes que tinham de ser respeitados.
- c) Os cristãos tessalonicenses tinham íntima comunhão espi-



Figura 16

ritual uns com os outros e se chamavam de irmãos, isto é, membros da mesma família espiritual.

d) Alguns deles haviam anteriormente adorado ídolos, mas agora todos adoravam a Deus.

e) Eram crentes alegres, apesar de sofrerem muita perseguição.

f) Amavam-se uns aos outros e a seu pai na fé, o apóstolo Paulo.

g) Eram muito ativos na disseminação da Palavra de Deus.

2. De conformidade com Atos 17:1-11, a igreja de Tessalônica começou com grupos diferentes. Alguns eram judeus que tinham ouvido a pregação de Paulo na sinagoga. Outros eram gentios de origem grega que temiam a Deus. Muitas mulheres importantes da cidade faziam também parte da igreja de Tessalônica.

3. Há diversos aspectos, ou características culturais, que ajudam a compreender a antiga Tessalônica. Eis cinco:

a) Embora a maioria das pessoas fosse da Macedônia, havia também uma colônia judaica na cidade.

b) Tessalônica estava sob o controle de Roma, que havia nomeado um conselho de cinco magistrados para governar a cidade.

c) Tessalônica situava-se na Via Inácia, construída pelos romanos a fim de facilitar o movimento de tropas através da Macedônia. Isso fez da Macedônia lugar de grande comércio.

d) O latim era o idioma oficial dos romanos, mas o grego era comumente falado pelos cidadãos de Tessalônica. Sem dúvida, muitos judeus de Tessalônica sabiam falar tanto o grego como o hebraico ou o aramaico.

e) O nível moral de Tessalônica era muito baixo; “virgens” do templo eram usadas em muitos rituais pagãos por todo o mundo romano.

Exercício 5

1. Informação sobre o autor de 1 Tessalonicenses.

a) Prova de que o livro foi escrito por Paulo.

O conteúdo da própria epístola demonstra que Paulo é o autor (1 Tessalonicenses 1:1, 2:18). Comparando as referências históricas a Paulo no livro de Atos e nas epístolas paulinas, nota-se absoluta concordância (compare 1 Tessalonicenses 2:2 com Atos 16:22-23; 1 Tessalonicenses 2:17 com Atos 18:5; 1 Tessalonicenses 3:4 com Atos 17:5).

b) História resumida do treinamento e do ministério de Paulo.

Filho de pais hebreus, foi educado na melhor tradição do judaísmo. Era cidadão de Tarso e do Império Romano. Por haver crescido na cultura helenista e ter sido dotado de grande inteligência, foi a pessoa ideal para, como vaso escolhido por Deus, pregar o evangelho a judeus e a gentios, e ensinar as igrejas por ele fundadas. Junto com Silas e Timóteo, Paulo fundou a igreja de Tessalônica na sua segunda viagem missionária.

2. Época e lugar em que a epístola foi escrita.

Estudiosos da Bíblia geralmente concordam que a epístola foi escrita por volta do ano 50 ou 51 da nossa era. Por isso talvez seja essa a primeira carta do apóstolo.

Percebe-se, pelas Escrituras, que a epístola foi escrita logo após a fundação da igreja de Tessalônica. Silas e Timóteo visitaram Paulo em Atenas (Atos 17:15). Paulo então mandou Timóteo de volta a Tessalônica para encorajar os novos convertidos (1 Tessalonicenses 3:1-3). Silas e Timóteo voltaram a Paulo em Corinto, trazendo o relatório sobre a igreja (Atos 18:5). Ainda em Corinto, Paulo escreveu a carta, estimulado pelo relatório de Timóteo.

3. Fatos importantes acerca dos destinatários da epístola.

Além de alguns judeus, havia, entre os novos convertidos gentios, algumas mulheres importantes e muitas pessoas que antes adoravam ídolos pagãos. Conheceram ao Senhor através do ministério de Paulo e tornaram-se cristãos calorosos. Amavam-se uns aos outros com grande fervor, e ansiavam disseminar as boas novas de salvação, apesar de perseguidos.

Entretanto, os crentes entenderam mal o ensinamento de Paulo sobre a volta do Senhor (1 Tessalonicenses 4:13-18). Alguns haviam deixado o seu trabalho por achar que a volta do Senhor era iminente (1 Tessalonicenses 2:9; 4:11). Parece que alguns usavam mal os seus dons espirituais (1 Tessalonicenses 5:19-21). Alguns convertidos gentios estavam sendo tentados a voltar às impurezas sexuais (1 Tessalonicenses 4:1-8). Mas os convertidos eram leais a Paulo e esperavam pela volta dele à Tessalônica (1 Tessalonicenses 3:1-8).

4. Razão pela qual a carta foi escrita.

Havia muitas razões para que Paulo escrevesse à jovem igreja tessalônica. Além de desejar expressar o seu interesse pessoal por eles, o apóstolo queria fortalecer os laços já existentes entre ele e aqueles cristãos. Ele também queria elogiar a fé daqueles

crentes (1 Tessalonicenses 1:3), exortá-los a levar vida moralmente pura (1 Tessalonicenses 4:1-8), corrigir opiniões erradas sobre a volta do Senhor Jesus Cristo (1 Tessalonicenses 4:14-18), e encorajá-los, pois enfrentavam perseguições (1 Tessalonicenses 2:13-16).

Exercício 6

Da leitura de 1 Tessalonicenses, extraímos todos os dados biográficos importantes e os organizamos a fim de mostrar dez traços característicos do apóstolo Paulo.

1. Era cooperador.

Trabalhou junto com Silas e Timóteo (1:1).

2. Era agradecido.

(1) Deu graças a Deus pela vigorosa vida cristã dos crentes tessalonicenses (1:3).

(2) Deu graças a Deus por terem os tessalonicenses aceitado a Palavra (2:13).

(3) Desejou ainda dar mais graças a Deus por causa da alegria que os tessalonicenses lhe davam (3:9).

3. Era amoroso.

(1) Considerou os crentes tessalonicenses como seus irmãos e enfatizou esse fato chamando-os repetidas vezes de "irmãos" (1:4; 2:1, 9, 14, 17; 3:7; 4:1, 10, 13; 5:1, 4, 12, 14, 25, 26, 27).

(2) Estava pronto a dar a sua própria vida para pregar e ensinar aos crentes tessalonicenses (2:8).

(3) Labutou noite e dia para não sobrecarregar financeiramente os novos crentes (2:9).

(4) Tratou aos novos crentes como um pai trata seus filhos (2:11).

(5) Desejava estar de novo com os crentes depois da forçada separação, e repetidas vezes tentou reunir-se com eles (2:17).

(6) Esteve pronto a ficar sozinho em Atenas quando mandou Timóteo ministrar às necessidades espirituais dos novos crentes (3:1-2).

(7) Ficou feliz ao saber, por intermédio de Timóteo, da firmeza dos crentes na fé e no amor (3:6-7).

4. Era corajoso.

Ousou proclamar o evangelho aos tessalonicenses apesar do perigo e da oposição (2:2).

5. Era fiel.

(1) Proclamou o evangelho como pessoa a quem fora confiado encargo sagrado (2:4).

(2) Ensinou aos novos crentes tudo o de que necessitavam para viver de modo a agradar a Deus (4:1-12).

(3) Instruiu-os sobre a vinda do Senhor e sobre o dia do Senhor (4:13-5:11).

(4) Exortou-os e instruiu-os acerca do relacionamento deles com os dirigentes da igreja, com eles próprios e com o Senhor (5:12-21).

6. Era sincero.

Ministrou a Palavra de Deus com pureza de alma, aprovado por Deus (2:4).

7. Era gentil.

Cuidou dos crentes tessalonicenses como a mãe cuida dos seus filhos (2:7).

8. Era íntegro.

Viveu vida piedosa, justa e irrepreensível diante de Deus e dos tessalonicenses (2:10).

9. Era compassivo.

(1) Procurou confortar os tessalonicenses ao serem estes perseguidos (3:2-4).

(2) Procurou confortar aos tessalonicenses a respeito das pessoas queridas que tinham partido para a eternidade (4:13-18).

10. Era homem de oração.

(1) Mencionava os crentes de Tessalônica em suas orações (1:2).

(2) Orava intensamente, noite e dia, a fim de poder ver os tessalonicenses outra vez (3:10).

(3) Fez duas orações específicas em sua carta a favor dos crentes de Tessalônica (3:11-13 e 5:23-24).

Três traços característicos do apóstolo Paulo influenciaram grandemente os tessalonicenses: seu amor, sua fidelidade e sua integridade.

1. Seu amor

O grande amor de Paulo pelos tessalonicenses resultou no amor

deles pelo apóstolo. Ao voltar de Tessalônica, Timóteo disse ao apóstolo que os crentes guardavam grata lembrança dele, esperavam vê-lo novamente e estavam firmes na fé, apesar da perseguição (3:6-8).

2. Sua fidelidade

A fidelidade de Paulo ao proclamar o evangelho, apesar da dificuldade e da oposição, produziu fruto abundante na salvação dos tessalonicenses. Os novos crentes tornaram-se imitadores de Paulo e do Senhor em face do sofrimento, recebendo a mensagem com alegria no Espírito Santo (1:4-6; 2:13-14). Além disso, tornaram-se modelo a todos os crentes da Grécia (Macedônia e Acaia) e até mesmo aos mais distantes, ao espalharem a mensagem do Senhor por toda a parte (1:7-8).

Paulo também foi fiel ao dar aos novos crentes (cuja maioria era sem dúvida composta de gentios que tinham vivido sob condições impuras antes da sua conversão) ensinamento claro sobre santificação (4:1-8). Esse ensinamento consciencioso evidentemente produziu fruto, pois na sua segunda epístola o apóstolo não achou necessário fazer referência à imoralidade.

3. Sua integridade

Em 2:10-12 Paulo escreveu: “Vós e Deus sois testemunhas do modo por que piedosa, justa e irrepreensivelmente procedemos em relação a vós outros que credes. E sabeis, ainda, de que maneira, como pai a seus filhos, a cada um de vós, exortamos, consolamos e admoestamos, para viverdes por modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória.”

Vemos por meio desse texto que Paulo ensinou os crentes de Tessalônica não apenas em teoria, mas pelo exemplo, o exemplo da sua integridade de caráter. Em 4:1 vemos o efeito de tal exemplo: “Finalmente, irmãos, nós vos rogamos e exortamos no Senhor Jesus que, como de nós recebestes, quanto à maneira por que deveis viver e agradar a Deus, e efetivamente estais fazendo, continueis, progredindo cada vez mais.”

Exercício 7

Sem observar o cenário cultural e histórico e as características geográficas em Josué, sem dúvida você teve dificuldade de entender certas partes do livro. Por isso lhe dissemos que devia fazer o seu próprio mapa mostrando as cidades conquistadas por Josué, a rota da sua campanha de conquista, e o território que

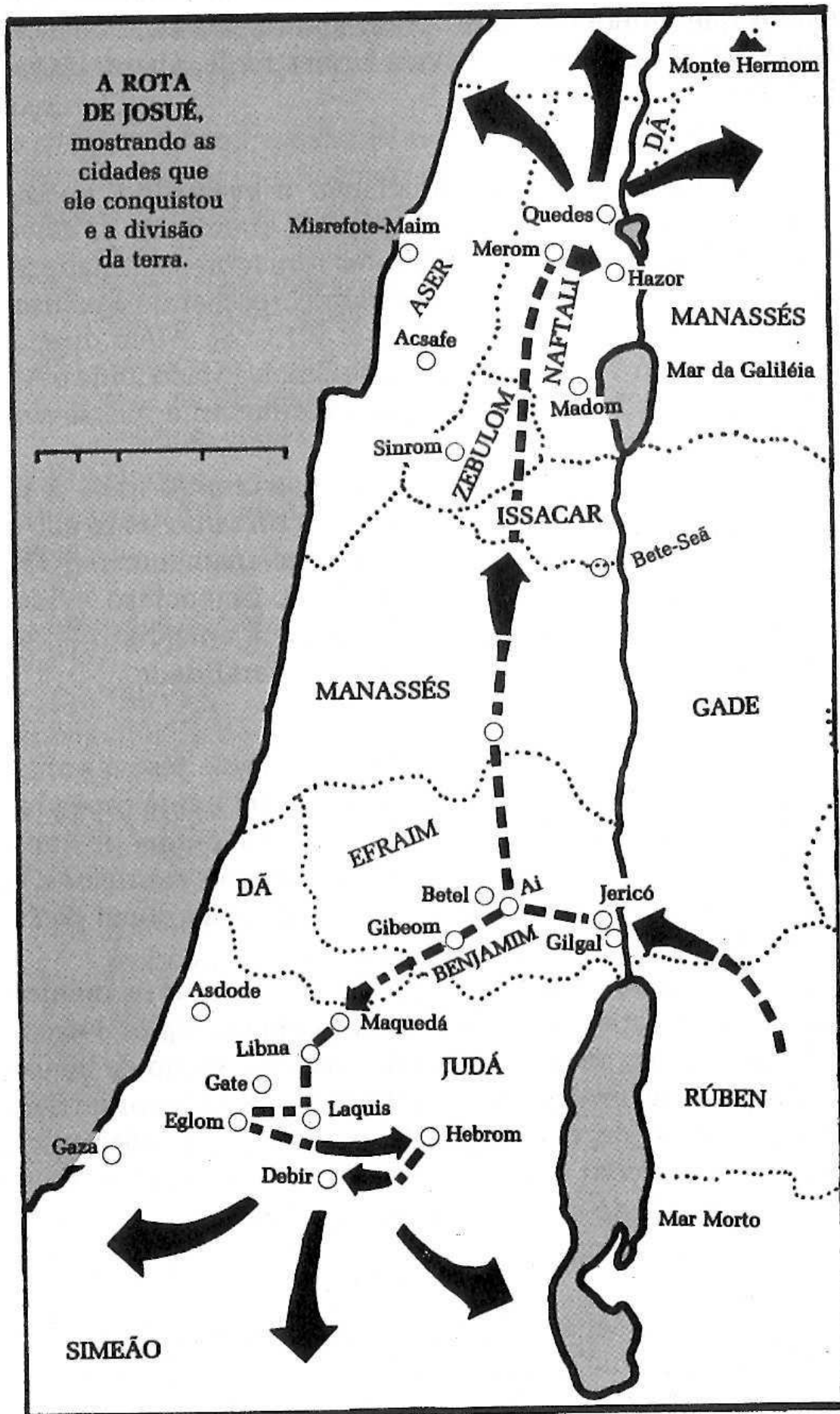


Figura 17

cada uma das doze tribos de Israel ocupou. Você deve ter, agora, uma visão melhor do livro de Josué.

Em Números 13 e 14 vemos que, chegando o povo de Israel ao limiar da terra prometida, não pôde ali entrar. Os israelitas rebeldes privaram a eles próprios das bênçãos que se tornaram, quase quarenta anos depois, a herança dos seus descendentes.

A leitura de Números 32 deve tê-lo ajudado a entender a razão pela qual duas tribos e meia — as tribos de Rúben e Gade e meia tribo de Manassés — receberam a herança a leste do Jordão. Não era essa a intenção do Senhor para aquelas tribos. Foi uma escolha feita por eles, não por Deus. Eles acharam que sabiam melhor do que Deus o que lhes servia. E, ao persistirem, Deus permitiu que assim fosse. Ao lermos Josué 22 vemos que não demorou muito para que as duas tribos e meia começassem a ter dificuldade com a sua herança. E, muitos anos mais tarde, foram elas as primeiras a ser levadas cativas. Necessitamos admitir que somos muito parecidos com Manassés, Rúben e Gade. Embora sabendo qual a vontade de Deus, persistimos tolamente em querer seguir o nosso próprio caminho para depois colhermos as tristes conseqüências da nossa obstinação.

Em Levítico 18 e Deuteronômio 7:1-6, vê-se que o povo da terra de Canaã era indescritivelmente depravado. Canaã era o caminho da civilização naquela época, e a devassidão dos cananeus atingia o mundo todo. Deus, ao ordenar a Josué e ao seu povo que exterminassem os cananeus, intentava não apenas castigar a imoralidade daquele povo, mas também evitar que essa imoralidade se espalhasse e corrompesse Israel e o resto do mundo.

Além de pesquisar a geografia, a cultura e a história de Josué, faça um quadro sintético do livro dos Juízes. Compare o seu quadro com o meu e veja se eles se correspondem (V. Figura 18).

Exercício 8

1. Relacione todas as ilustrações e deduções da soberania de Deus no livro de Jonas:

1:1-2 Deus comissiona a Jonas para levar a mensagem a Nínive.

1:4 Deus envia ao mar uma tempestade.

1:17 Deus prepara um grande peixe para engolir a Jonas.

2:10 Deus ordena ao peixe que solte a Jonas.

3:1-2 Deus de novo comissiona a Jonas a pregar em Nínive.

3:10 Deus poupa Nínive da destruição por causa do arrependimento do povo.

Livro dos Juízes: História de Israel na Época dos Juízes

1	Desobediência parcial das tribos	Juízes da Época 3:5-16	Episódios da Época 17-21	Revisão da Época 1-3:4
2	Apostasias			
3	Livramento por intermédio de Otniel, Eúde e Sãnger			
4	Livramento por Débora e Baraque	Libertadores dos Israelitas	Dificuldades entre os Israelitas	Pecado dos Israelitas
5	Cântico de Débora e Baraque			
6	Chamada de Gideão			
7	Livramento por Gideão			
8	Livramento por Gideão			
9	Usurpação de Gideão			
10	Juzado de Abimeleque			
11	Juzado de Tola e Jair — Apostasia			
12	Livramento por Jefe			
13	Elom e Abdon			
14	Nascimento de Sansão	Caos		
15	Feitos de Sansão			
16	Feitos de Sansão (continuação)			
17	Ruina de Sansão			
18	Heresia sob um sacerdote levita			
19	Captura do sacerdote levita			
20	Imoralidade dos filhos de Benjamim			
21	Guerra entre Jareel e a tribo de Benjamim	Livramento		
	Lamento pelos filhos de Benjamim			

Figura 18

4:6 Deus prepara uma planta para fazer sombra a Jonas.

4:7 Deus prepara um verme para destruir a planta.

4:8 Deus envia um quente vento oriental, trazendo a Jonas grande desconforto.

4:11 Deus declara o seu direito de poupar a cidade de Nínive.

2. Classifique estes exemplos da soberania de Deus no livro de Jonas:

a. Deus exerceu a sua soberania diretamente sobre Jonas (1:1-2; 3:1-2).

b. Deus exerceu a sua soberania sobre a sua criação: os elementos (1:4; 4:8), as criaturas (1:17; 2:10; 4:7), a planta (4:6).

c. Deus exerceu a sua soberania sobre Nínive (3:10; 4:11).

3. Descubra o significado de “soberania” quando aplicada a Deus:

A soberania de Deus é a absoluta autoridade que ele exerce como Criador sobre a sua criação, dispondo desta conforme a sua própria vontade e exercendo os seus direitos absolutos sobre aqueles a quem redimiu.

A soberania de Deus exercida na história de Jonas confirma o que acabamos de declarar. O primeiro livro de Crônicas (29:11-12) expressa o conceito de soberania: “Tua, Senhor, é a grandeza, o poder, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, Senhor, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos. Riquezas e glória vêm de ti, tu dominas sobre tudo, na tua mão há força e poder; contigo está o engrandecer e a tudo dar força.”

4. Considere de um modo geral todo o relacionamento de Jonas com a soberania de Deus.

As citações da primeira parte deste exercício mostram que o Senhor não é limitado ao que ele criou, nem é preso às leis que controlam as forças da natureza. Em vez disso, ele é o Senhor de tudo o que fez, e usa a sua criação a fim de executar os seus próprios propósitos da maneira que lhe agrada.

5. Faça uma aplicação pessoal da verdade aprendida.

Quando reconheço a vontade de Deus referente a certo assunto, a minha reação mais sábia é render-me inteira e indiscutivelmente ao meu Senhor. O meu Deus soberano executa os seus propósitos com toda a facilidade. Como ele controla todos os elementos e tudo o que criou, não há limites tanto para o que ele possa fazer quanto à maneira de executar seus desígnios em minha vida. Deus

é soberano sobre a sua criação, mas condescende em limitar a sua obra sobre a terra a seus imperfeitos servos, como eu e você.

Exercício 9

Sugerimos dois ou três tópicos para o estudo de 1 Tessalonicenses no exercício 9, ao concluirmos o capítulo. Esses tópicos não são os únicos encontrados na epístola. Para seu interesse, mostramos a seguir quatro outros tópicos que podem ser desenvolvidos a partir dessa carta do apóstolo Paulo:

Assuntos práticos referentes à segunda vinda de Cristo; lições sobre a oração; expressões de amor de Paulo para com os tessalonicenses, e as características de um ministério divino.

O espaço não nos permite desenvolver aqui esses tópicos, mas demonstraremos como fazer o estudo tópico, apresentando o modelo mencionado no final do capítulo 9: lições sobre a aflição, as quais podem ser aprendidas na primeira epístola de Paulo aos Tessalonicenses.

Etapa 1. Faça uma lista de todas as ocorrências do tópico.

Embora a palavra *aflição* não ocorra no livro, o conceito aparece com palavras e expressões sinônimas:

- 1:6 Tribulação
- 2:2 Maltratados e ultrajados
- 2:9 Labor e fadiga
- 2:14 Padeceste
- 2:15 Nos perseguiram
- 3:3 Tribulações
- 3:4 Afligidos
- 3:7 Privações
- 3:7 Tribulação

Etapa 2. Classifique o material conseguido.

Há duas maneiras de agrupar essas palavras e expressões que dão idéia de aflição.

Primeira, a aflição sofrida por Paulo e os seus cooperadores. As referências em conexão com essa categoria são 2:2; 2:9; 2:15, 3:3, 3:4 e 3:7.

Segunda, a aflição sofrida pelos novos crentes de Tessalônica. As referências são: 1:6, 2:14, 3:3 e 3:4.

Etapa 3. Descubra o significado de cada ocorrência do tópico. Com o auxílio de dicionários ou concordâncias bíblicos, en-

construímos as seguintes definições dos termos usados para aflição na epístola.

Tribulação — 1:6, 3:3; 3:4 e 3:7. Adversidade, aflição, amargura, tormento.

Maltratar, ultrajar — 2:2. Lesar fisicamente, insultar, difamar, injuriar, ofender a dignidade.

Labor e fadiga — 2:9. Trabalho, faina, lida, cansaço.

Sofrer — 2:14. Padecer, ser atormentado ou afligido.

Perseguir — 2:15. Importunar, atormentar, torturar.

Afligir — 3:4. Causar aflição, angustiar, atormentar, torturar.

Privação — 3:7. Ser despojado ou destituído de alguma coisa.

Etapa 4. Observe o relacionamento entre o uso do tópico e o seu contexto.

Por causa da falta de espaço, limitaremos nossas observações à aflição que atingiu os novos crentes de Tessalônica e ao seu contexto:

1. Apesar de os crentes de Tessalônica possuírem ainda pouca experiência com Cristo, o Senhor permitiu-lhes passar por privações e profundo sofrimento (1:4-6).

2. A Palavra de Deus tinha lugar especial no coração dos cristãos antes e durante as aflições. Desse modo, estavam fortificados para o sofrimento que lhes sobreviria (1:5-6; 2:13-14).

3. As aflições dos tessalonicenses eram acompanhadas pela alegria do Espírito Santo, e tinham como resultado a expansão da Palavra de Deus por toda a parte (1:6-8).

4. A perseguição aos tessalonicenses não os tornou menos dispostos a sofrer pelo evangelho, tendo seguido o exemplo dos cristãos perseguidos na Judéia (2:14-15).

5. A primeira seção, que contém os primeiros três capítulos da epístola e se refere ao sofrimento dos crentes, começa e termina com a oração pelos crentes. Em 3:12-13, Paulo pede ao Pai que o amor dos crentes aumente e cresça uns para com os outros e também para com todos os homens.

Etapa 5. Aplicação das verdades aprendidas no estudo tópico.

Há grande número de possíveis aplicações pessoais, mas nos restringiremos às três mais importantes:

1. Tenho necessidade de despender mais tempo com a Palavra de Deus, concedendo-me tempo para lê-la, meditá-la, impregnar-me dela, memorizá-la, e orar para que eu seja fortalecido pela Palavra de Deus para o dia da adversidade.

2. Não devo temer nenhuma aflição que me sobrevenha por amor a Cristo. Como os crentes de Tessalônica, que receberam a alegria do Espírito Santo e foram usados poderosamente para a expansão do evangelho durante as provações, também eu posso, por amor a Cristo, suportar qualquer provação e ser usado nela.

3. Necessito orar pelos companheiros cristãos que suportam aflição por causa de Cristo, como os da China e de outros países totalitários. Necessito orar para que os seus corações sejam entrelaçados com tal amor que, durante as suas provações, eles possam confortar e fortalecer uns aos outros na graça de Cristo.

Exercício 10

1. Deduza dois princípios para cada versículo dos sete primeiros de 1 Tessalonicenses 1:

Versículo 1: A obra de Deus prospera quando o servo do Senhor trabalha com os outros crentes em equipe. A experiência da paz de Deus é sempre precedida pela experiência da graça de Deus.

Versículo 2: Intercessão é parte importante do ministério de oração. Dar graças a Deus pelos nossos companheiros crentes é tão importante quanto orar por eles.

Versículo 3: Os crentes podem possuir as três virtudes da vida cristã: Fé, amor e esperança. Os cristãos possuidores dessas virtudes tornam-se fonte de alegria para os seus pais espirituais.

Versículo 4: Os cristãos são intimamente ligados entre si como irmãos. Somos escolhidos por Deus para ser membros de uma família espiritual.

Versículo 5: As boas novas de salvação produzem resultados abençoados, quando este evangelho é pregado no poder do Espírito Santo. A pregação poderosa está vinculada a um viver santo.

Versículo 6: O sucesso da nossa pregação somente é real quando os ouvintes se decidem a seguir ao Senhor. A alegria do Espírito Santo pode suplantar qualquer sofrimento que tenhamos de suportar por causa da nossa fé.

Versículo 7: Um cristão vencedor torna-se ótimo exemplo para outros crentes. Um vigoroso testemunho cristão pode ter enorme influência.

2. Escreva um princípio para cada divisão das duas divisões principais de 1 Tessalonicenses:

Capítulos 1-3: Conquistamos a confiança de nossos irmãos em Cristo manifestando interesse pessoal por eles.

Capítulos 4-5: É necessário ensinamento correto para um viver correto.

3. Escreva um princípio para toda a primeira epístola aos Tessalonicenses à luz do seu conteúdo e do cenário.

A segunda vinda de Cristo é a grande esperança da igreja sob provação.

4. Enuncie um princípio para cada divisão principal (quatro) do livro de Josué:

Capítulos 1—5:12: Preparação adequada é indispensável para o sucesso quando há conflito espiritual.

Capítulos 5:13—12: Na luta espiritual a vitória é certa quando obedecemos às condições divinas.

Capítulos 13—22: As bênçãos espirituais somente serão nossas se nos apropriarmos delas pela fé.

Capítulos 23—24: É desejo de Deus que retenhamos as bênçãos que nos dá.

5. Enuncie um princípio que abranja todo o livro de Josué à luz do seu conteúdo e cenário.

Espera-se que cada crente se apodere das riquezas espirituais em Cristo.

Exercício 11

A serpente de bronze erguida por Moisés no deserto, conforme Números 21:4-9, foi tipo de Cristo nos seguintes aspectos:

1. Na necessidade.

(1) Foi erguida para o povo que havia pecado. Cristo foi oferecido pelos pecados de muitos (Romanos 5:8; Hebreus 9:27-28).

(2) Foi erguida por causa dos que morriam por terem pecado. Cristo foi pendurado na cruz porque os homens estavam condenados à morte espiritual por causa do pecado (Romanos 5:6-8).

(3) Foi levantada para aqueles que não tinham outro meio de escapar da morte. Cristo foi pendurado na cruz do Calvário porque não havia outro meio para o homem escapar da morte espiritual (João 14:6; 3:14-15; Atos 4:12).

2. Na providência.

(1) Foi determinada por Deus; não foi idéia ou providência do homem, mas de Deus. A salvação, que possuímos

como resultado do sacrifício de Cristo na cruz, provém inteiramente de Deus e não do homem (Romanos 5:21; João 3:16-17).

(2) Foi feita no formato de uma serpente, justamente aquilo que produziu o agulhão da morte. “O agulhão da morte é o pecado” (1 Coríntios 15:56), mas “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós” (2 Coríntios 5:21).

(3) Foi a única maneira de se escapar da morte. Do mesmo modo, a obra de Cristo na cruz é a única maneira de se escapar da morte eterna (João 5:24, 14:6; Atos 4:12).

3. Na adequação.

(1) Podia ser vista por todos os que tinham sido mordidos; era acessível a todos. Cristo declarou: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo” (João 12:32), e por ter sido levantado na cruz, a sua obra expiatória é agora acessível a todos os pecadores compungidos (João 3:14-15).

(2) Foi suficiente para a necessidade de todos os que tinham sido mordidos. A morte de Cristo na cruz é suficiente para a necessidade de cada pecador, não importa a condição em que esteja (João 3:16-17, 6:37).

4. Na eficácia.

(1) O levantamento da serpente foi acompanhado da promessa de que todo aquele que tivesse sido mordido poderia viver se olhasse para a serpente de bronze. Pela obra de Cristo na cruz, todos aqueles que olharem para Cristo, que se dirigirem a ele para a salvação do pecado, terão a vida eterna (João 3:14-15; Romanos 6:23).

(2) Foi eficaz para todos os indivíduos que acreditaram na palavra do Senhor referente à serpente de bronze. Do mesmo modo, a vida eterna torna-se a posse de todos os que acreditam, pessoalmente, na palavra de Deus no que se refere à salvação do pecado através da obra de Cristo na cruz (João 3:36; 5:24; Atos 10:43, 13:38-39).

Qual a verdade principal aprendida no exame da serpente de bronze como tipo de Cristo?

Simplesmente isto: Somos salvos do pecado apenas crendo naquilo que Cristo fez por nós no Calvário.